

# EDUCAÇÃO

## CONTINUADA

**N.9** *EDUCAÇÃO,  
CIÊNCIAS E SUAS  
TECNOLOGIAS*



# Revista Educação Continuada

## Educação, Ciência e suas Tecnologias

São Paulo - SP, V.4 n.9, Setembro 2022

### Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva  
Prof. Dr. Flávio da Silva  
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho  
Me. André Santana Mattos

### Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva  
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho  
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos  
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier  
Prof. Dr. André Magalhães Coelho

### Revisão e Editoração

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

### Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Enésio Marinho da Silva - Vol.4, n.9 (Setembro 2022) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2022

114p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/article/6336ee48a95395240c360283>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 30/09/2022

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;  
I. Título

CDU 37/49  
CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O



**CEQ Educacional**

R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

# SUMÁRIO

p.05-12

**PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: A ORIGEM DOS CONTOS DE FADA**

Autor(a): **Maria Cristina Castro Gameleira**

---

p.13-26

**OS CONTOS DE FADAS E SUA INFLUENCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Autor(a): **Maria Cristina Castro Gameleira**

---

p.27-33

**BRINCAR É IMPORTANTE?**

Autor(a): **Maria Cristina Castro Gameleira**

---

p.34-46

**PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A INCLUSÃO**

Autor(a): **Thalita Luciana Peres Morena**

---

p.47-54

**COMO DESENVOLVER UM PROJETO LUDOPEDAGÓGICO**

Autor(a): **Maria Aparecida da Silva**

---

p.55-62

**DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: ENTENDENDO AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS**

Autor(a): **Maria Aparecida da Silva**

---

p.63-69

**A INTERVENÇÃO NA INCLUSÃO ESCOLAR**

Autor(a): **Maria Aparecida da Silva**

---

p.70-79

**HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Autor(a): **Josmilia Salma da Silva**

---

p.80-86

**A EVOLUÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE**

Autor(a): **Francisca Alves Coelho**

---

p.87-97

**CONHECENDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Autor(a): **Erení de Matos**

---

p.98-104

**DIREITO A EDUCAÇÃO SEGUNDO A CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988**

Autor(a): **Antonieta Santos Magalhães Lima**

---

p.105-114

**A ARTE COMO ÁREA DE CONHECIMENTO: OBJETIVOS E CONTEÚDOS**

Autor(a): **Jaqueline Rebouças Cachatori Silveira**

---

## PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: A ORIGEM DOS CONTOS DE FADA

Autor(a): **Maria Cristina Castro Gameleira**

### Resumo

O presente trabalho foi elaborado e embasado em um levantamento de estudos bibliográficos, envolvendo fontes empíricas com contos clássicos e tradicionais, logo as fontes teóricas envolvidas foram desenvolvidas sob uma perspectiva psicanalítica a partir da concepção de importantes autores da literatura infantil que oferecem uma abordagem qualitativa, amparada pela reflexão, a análise e o intercâmbio acerca das teorias e hipóteses trabalhadas, tendo como abordagem, o entendimento das contribuições dos contos de fadas na infância.

**Palavras-chave:** Literatura infantil; Educação; Contos de fada.

### INTRODUÇÃO

Os contos de fadas tem origem celta, e fazem parte de uma modalidade literária criada por volta do século II a.C, assim dizem Schneider (p, 74, 2008) no qual as mulheres anciãs contavam as suas histórias, caracterizando-as através de uma simbologia especial para a educação das crianças, que a princípio, apesar de serem simbólicos na educação, não eram destinadas às crianças, uma vez que, tais histórias continham conteúdos impróprios para a faixa etária, tais como sobre adultério, canibalismo, incesto. As histórias eram relatadas por um membro da família que herdava a função de seu antepassado, e assim sucessivamente, fato que caracterizava a tradição de seu povo.

De acordo com Lajolo (2002) a valorização da infância se deu no início na Revolução Industrial, no século XVIII, quando a burguesia se estabilizou como classe social e buscou instituições que estivessem ao seu favor, tendo a família como a primeira instituição e tentando nela manter as divisões de trabalho, onde tínhamos o pai com o papel de apoiar financeiramente e a mãe gerenciar as atividades domésticas. Uma vez pré-estabelecidas tais atividades, as crianças se beneficiavam, passando a ter um novo papel, e com isso surgiram

novas ferramentas e mecanismos para auxiliar na valorização das mesmas, como os brinquedos, os livros, a psicologia infantil, a pedagogia e a pediatria. Todavia a infância era de interesse dos altos, uma vez que tal valorização era considerada simbólica.

A escola foi à segunda instituição que contribuiu com a ideologia burguesa, sendo ela facultativa até o século XVIII, onde as atividades ligadas com a escolarização das crianças passam a ter um ciclo natural de obrigatoriedade, por exemplo, a frequência às aulas que por lei passou a ser obrigatória para todos os segmentos da sociedade, fazendo com que as crianças que tinham uma jornada de trabalho, deixassem tais postos e passassem a frequentar a sala de aula.

As obras infantis deixaram marcas evidentes no período da revolução industrial e por ser uma sociedade que cresceu junto à industrialização, os métodos e utilização foram-se aperfeiçoando e passaram a utilizar as imagens e a linguagem de modo facilitador, fato que levou a criação de novos gêneros literários que se adaptavam as situações recentes e trabalhavam nas escolas com a realidade, tendo com o objetivo de avaliar se a linguagem esta adequada com a escolarização dos alunos.

## A Origem Da Literatura Infantil e Sua Pertinência Para Educação

Sabemos que o primeiro contato que as crianças têm com a leitura é através da audição, alguém está lendo para ela, e é por meio dessa prática que a leitura vai se apresentando para elas. Segundo Villardi (p, 43; 1999), temos que despertar nas crianças o gosto pela leitura, afim de que possamos formar um leitor para toda vida, uma vez que a leitura é a ponte para o processo educacional eficiente e proporciona a formação integral do individuo.

A literatura infantil é direcionada especificamente às crianças e aos jovens adolescentes, onde por literatura concebem-se as histórias fictícias infantis e juvenis, as biografias, poemas, obras folclóricas ou culturais etc., tais obras destinadas quase sempre são compostas por livros de poucas palavras, sendo coloridas, possuindo em sua maioria imagens e fotos. Para que as crianças entrem em contato com a leitura desde cedo, o conteúdo dos mesmos é constitucional para que elas possam então conviver e acostumar-se com seu formato, textura e com o universo de possibilidades oferecidas pelas diversas histórias contidas nesses livros, (MARTINS, p.63/76, 1994).

O inicio da difusão da literatura infantil foi apontada pelo surgimento dos livros de Perrault, entre os

anos de 1628 e 1703, lançando no mercado diversos livros direcionados às crianças e aos adolescentes. Posteriormente apareceu Monteiro Lobato, que encantou milhares de crianças com seus livros, despertando o prazer de ler e se encantar pelo mundo mágico da fantasia, mas disserta-se que a origem da literatura infantil constitui-se por particularidades próprias, procedendo da promoção da família burguesa, e do novo prestígio social outorgando a infância na sociedade, a reelaboração da escola e sua manifestação devido à sua agregação com a pedagogia, onde a criança era percebida como um adulto em potencial.

A literatura passa então a ser notada como um aparelhamento que alinhado aos contos de fadas são colocados a serviço da missão de ensinar, aprender e interagir. Diz ainda, Lajolo (p, 114, 2002):

(...) que as primeiras obras direcionadas ao público infantil surgiram no século XVII e tinham como foco especialmente os contos de fadas. Deste período em diante a parceria entre escola e a literatura estreitaram-se, portanto para ter acesso aos livros era necessário que as crianças conhecessem a língua escrita, Lajolo (p, 114, 2002):

Essa função cabia à escola, que precisava desenvolver esta habilidade. Todavia então, a partir do século XVIII a criança passa a ser analisada como um ser dessemelhante ao adulto, com carências e características próprias e a partir de então passaram a receber uma educação especializada, que os preparasse e educasse para a vida adulta. Até meados do século XX, as obras didáticas lançadas para a infância e apresentavam um caráter ético-didático que tinham o intuito de educar, oferecendo padrões e moldando a criança em conformidade com as perspectivas dos adultos. Poucas eram as situações onde as obras tinham como finalidade tornar a leitura prazerosa e retratar a aventura por ela mesma.

### **Literatura Infantil no Brasil**

De acordo com Coelho (2000), a literatura infantil brasileira surgiu por volta do século XX, com a instalação da Imprensa Régia iniciando a publicação dos livros voltados a essa faixa etária. Todavia com a urbanização a sociedade passou a optar e adotar publicações modernas que eram direcionadas para públicos diferentes que resultavam numa grande variedade, escritas por autores como, Olavo Bilac, Euclides da Cunha ou Raul Pompéia e Monteiro Lobato, que organizavam a literatura infantil brasileira em diversos segmentos, dando ênfase na valorização do país, que em transformação começava o empenho por uma literatura infantil brasileira.

Devido à necessidade de obras mais voltadas para o ensino e para a escolarização, professores, jornalistas e pesquisadores se disponibilizaram a essas produções, que embora fazendo como patriotismo, os mesmos eram beneficiados financeiramente, e devido estarem em contato com governantes, os mesmos tinham mais confiança do sucesso das obras produziram. Fato que mostra tanto a fundamentação por parte dos contos e poesias dessa época, como também demonstra que a produção de obras para a criança nessa época era um grande impulsionamento para a carreira dos escritores, que passaram a se dedicar na perspectiva de progresso em publicações infantis e escolares.

Um dos maiores marco histórico para a literatura infantil brasileira foi por meio de Monteiro Lobato que iniciou em 1920 com a publicação “A menina do narizinho arrebitado”. Monteiro foi um dos lutadores pela conquista da brasilidade dando ênfase na utilização de ilustrações nos livros destinados à criança, levando a obra a ser adotada pelo governo paulista e destinadas as escolas públicas.

Piaget (2009) diz que:

(...) no âmbito educacional necessitamos de ferramentas providas pela inteligência para que determinado objetivo seja alcançado, todavia para que tal método tenha sucesso é preciso que o aluno deseje aprender e queira também socializar sua aprendizagem em direção a este objetivo correspondendo à afetividade e a motivação. (PIAGET, P 106, 2009)

Piaget garante ainda que a afetividade não altera a sua composição no funcionamento da inteligência, todavia é uma força potente que estimula a ação de aprender.

Para BETTELHEIM, 2007 outro fator importante na contribuição em relação à leitura é a relação efetiva e de respeito exercida entre educador e educando, cabendo então ao professor criar metodologias e ferramentas para ensinar e estimular a criança a gostar de ler, de modo que enquanto se divertem, também aprende sobre si mesma através dos contos de fadas, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade e oferecendo significado em níveis diferentes para enriquecer a existência da criança de diversos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Cunha diz que:

(...) no decorrer da edificação da prática de aprendizagem devemos ter como alvo o educando, sendo necessário que o professor reflita sobre sua ação para que essa metodologia de ensino tenha sucesso, respeitando ainda as necessidades e interesses dos educando. (Cunha p. 81, 2008),

Explica ainda que para o aluno aprender o educador deve planejar bem suas aulas, transformando-a em uma abrangente experiência pedagógica, a qual deixara lembranças positivas na vida dos alunos.

### Os Contos de fadas

Os contos de fadas que, segundo Machado, (p 202, 1994), são modelos de narrativa que fazem parte do conto maravilhoso, onde a transformação é exclusividade dos seres encantados, cheios de poderes superiores a condição humana, histórias que possuem algo de fantástico e mágico, mesmo que não tenha fadas na narração, tais narrativas estavam num contexto em que não existia uma distância entre casa e trabalho, nem do mundo da criança e do adulto, pois não se tinha um olhar especial para a criança. Quando ocorreu a separação entre casa e trabalho, e entre criança e adulto, os contos de fadas ficaram nos lares com as crianças.

A razão dos contos de fadas permanecerem até os dias atuais mesmo tendo sido reelaborado é porque nos tocam de determinada forma e que provavelmente algo foi preservado de seu arranjo inicial, caso contrário teriam perdido a força, o encanto e cairiam no esquecimento. Bettelheim (p. 153, 2007), afirma ainda que partes das estórias folclóricas e de fadas desenrolaram-se por meio dos mitos ou foram a eles unidas, ambas eram frutos do conhecimento da sociedade, nas quais as pessoas queriam transmitir para a sociedade futura. Na visão de Machado (p.202/03, 1994), o que diferencia o conto de fadas das outras narrativas literárias é a aparição de uma figura sobrenatural para ajudar o herói num momento difícil, transformando completamente sua vida, uma vez que sua força possuía limites, é comum então que nos contos, almejavam um auxílio especial para alcance de seus sonhos e desejos, tendo como mediadores as fadas, os objetos mágicos e também aqueles que estavam do lado oposto, como as bruxas e figuras más.

Os contos de fadas são caracterizados por possuir uma simbologia fixa, já estruturada, com personagens simples e fáceis de serem compreendidos pelas crianças. Os personagens são simples e sempre apresentam qualidades ou defeitos exageradamente destacados, entre eles, podemos exemplificar os pais, a madrasta, a avó, as cortes do rei, os trabalhadores que entram em alguns contos como povo que sofre e batalha, as bruxas, os monstros e as fadas. Também aparecem como personagens, animais, como os três porquinhos, o lobo mau e objetos, magicamente animados como espelhos e vassouras. Estes objetos personificam o orgulho, a modéstia, a covardia, a beleza, a feiura, a mágica, a bondade ou a maldade. A simplicidade e a presença de qualidades e defeitos reais favorecem o destaque e a identificação que as crianças fazem em relação aos contos, onde a bondade vence a maldade, a coragem a covardia e assim por diante. Todavia, o que garante o sucesso dos contos de fadas é a utilização de problemas reais e o final sempre feliz, facilitando assim a identificação da criança com as histórias. Temos então a fada como uma personagem pertencente à área dos mitos que perdura

após séculos, sempre encantando a todos, ocupando um lugar privilegiado, encarnando a possível realização dos sonhos ou ideais inerentes as condições humanas.

“O ambiente onde ocorrem os” contos são distantes, confusos e nunca detalhados, sendo caracterizados por expressões como “num certo reino para indicar o espaço, ou” “era uma vez” para referir o tempo, o que deixa aparecer imagens de um universo maravilhoso e traz a ideia cronológica das histórias. Com relação à estrutura dos contos de fadas, são extremamente simples, contribuindo para seu sucesso junto às crianças. A narrativa inicia com uma situação de equilíbrio, que é alterada pelo conflito entre o vilão e os heróis que com a ajuda dos seres ou objetos mágicos, vence os obstáculos saindo vitoriosa e garantindo um final feliz.

### **A arte de ler e contar histórias**

Na antiguidade a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior à escrita, todavia apesar disso os povos se reuniam ao redor da fogueira e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes. Reunir-se para ouvir histórias era uma atividade dos simplórios, isto explica por que durante tanto tempo esta prática foi rejeitada pela sociedade. Essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler.

Segundo Khéde (p, 28, 1906) as histórias tem sido usada durante séculos, como veículo de verdade eternas, como meio de conservação de suas tradições ou ate mesmo para difundir novas ideias. Uma vez que a história além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes, tornando o contador de histórias o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam. Na idade média o contador era respeitado em todos os lugares por aonde iam, obtinham entrada em palácios e aldeias contando histórias do gosto popular.

Com o aparecimento da escrita, surgem ao lado das histórias orais, as histórias escritas, e com essa surgiram tanto a história propriamente dita, como a literatura, ou seja, relatos de eventos imaginários, ficção. A literatura infantil nasce dos contos populares por isso a contação de histórias é a origem da literatura, e foi utilizada como meio de propagação das doutrinas religiosas budistas e ainda hoje a medicina hindu tem como método oferecer uma história aos doentes desorientados, essa escolha considera a problemática psíquica do paciente.

No Oriente Médio encontramos o narrador profissional de contos de fadas e grandes coleções de contos de fadas indianos e turcos que fazem parte da educação dos jovens príncipes. Porém, o século passado foi marcado pelo audiovisual, apareceu então o cinema, a televisão, o computador e quase no fim do século a multimídia. Assim, o contar histórias, no século XX, passou a ser não mais baseado exclusivamente na palavra,

oral ou escrita, que embora continue sendo de extrema importância em nossa contemporaneidade, às imagens passaram então a serem ingredientes indispensáveis das histórias. Agora nós não somente ouvimos e lemos histórias, mas também assistimos à sua representação audiovisual.

Não há um método ou regra para a realização de algo para transformar um ser humano em contador de histórias, todavia não é um trabalho tão fácil como parece, para que o desenvolvimento ocorra com sucesso, o contador precisa se sentir seguro, inspirado e incentivado. Para tornar-se um narrador de contos de fadas, é necessário saber ouvir histórias, estudar, pesquisar para ter conhecimento de como é a imaginação das crianças, e treinar muito, para contar e ensinar sem manipular os seus pensamentos das crianças, deixando que as mesmas possam expressar livremente o seu imaginar e sonhar. Sendo assim é essencial ler muitas vezes a história que se planeja contar, pois o indivíduo que se apresenta a esta tarefa, deve conhecê-la muito bem, com suas pontuações, os momentos de pausas, de surpresas, assim o ouvinte da história irá se atrair mesmo que já tenha ouvido outras vezes.

Toda estratégia que possibilita preencher a atenção das crianças é válido, cantar, dançar, usar sotaques, objetos, roupas como fantasias para caracterizar o personagem, tudo que puder trazer encantação, é um grande passo a estímulo da imaginação e atenção da criança. Todavia Não se podem exigir os gostos do leitor à criança ou adolescente. É necessário que tenham sua livre escolha, entretanto, que eles próprios escolham qual o livro que querem ler, para que surja um interesse maior na história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar diante do estudo apresentado, que possível concluir que para as crianças terem contato com leitura dos contos de fadas infantis, não é preciso ter uma alfabetização formal. Por meio deste pressuposto, percebemos que ler, descrever e ouvir histórias não é ações passivas, mas através da orientação se torna possível ter contato com outras inúmeras possibilidades a serem trabalhadas com as crianças para realização do processo educacional.

Os contos de fadas foram estruturados como um instrumento que facilita na resolução de conflitos internos da mente humana e no complementar da sua personalidade, ampliando tanto o conhecimento quanto a criatividade, contribuindo ainda na ampliação de aprendizagem, que vem desenvolvendo o crescimento do vocabulário e o pensamento que incentiva que as crianças viagem pela história se identificando com elas, passando assim a raciocinar suas criações de acordo com o sentimento dos quais surgem o amor, afeto, maldade entre outros. Quando se trabalha com contos de fadas na escola, as crianças têm um desenvolvimento melhor de ideias, na memorização, compreendem coisas complexas nas ilustrações do texto,

melhorar a capacidade de ouvir, dramatizar e participar do modo de aprendizagem no qual se encontram inseridos.

Através da pesquisa bibliográfica acima, percebe-se diversos pontos positivos que os contos de fadas nos trazem, pois permite que as crianças interajam melhor com as pessoas ao redor, e que a partir dos conhecimentos adquiridos são capazes de deixar de lado suas dificuldades, uma vez que o mundo literário ensina saber a hora de dizer algo e também de ouvir, aproximando e melhorando a relação entre as pessoas, criando uma atenção, de amor e carinho ao mesmo tempo em que promove seu desenvolvimento. Este método além dos benefícios promove a inserção da cidadania, dando possibilidade que essas crianças cresçam se tornando pessoas capazes, com interesses em estar em contato com esse grande aparato de aquisição intelectual, que além de divertido, estimulem a leitura e preparem os indivíduos para que se sejam pessoas melhores e mais preparadas para a vida.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil, Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil, teoria, análise, didática. 1ª ed. – São Paulo. Moderna, 2000.
- CUNHA, Antônio Eugênio. Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- KHÉDE, Sonia Salmão. Personagens da Literatura Infanto-Juvenil. São Paulo: Ática, 1986.
- LAJOLO, Marisa. Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MACHADO, Irene A. Literatura e redação. São Paulo: Scipione, 1994.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 19, ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PIAGET, J. Aprendizagem e Conhecimento. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2009.
- ROCHA, Ruth. Contos para rir e sonhar. São Paulo: Salamandra, 2003.
- SCHNEIDER, R. Oficina de contos de fadas: uma intervenção com crianças asmáticas, a partir do enfoque Winnicottiano. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2008.
- VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.

## OS CONTOS DE FADAS E SUA INFLUENCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Autor(a): **Maria Cristina Castro Gameleira**

### Resumo

Em meio à sociedade atual, regularizada por avanços coletivos, sociais econômicos e educacionais, a edificação individual e coletiva do conhecimento precisa atentar-se na procura de soluções para corrigir e minimizar os problemas socioculturais, na expectativa da construção de uma sociedade sociocultural mais justa. Seguindo essa nova conjuntura social, ROCHA, (2003), diz que necessitamos ser idealizado como um ser que pensa, age, sente e vive na totalidade todas as situações que lhes são apresentadas.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento infantil; Educação básica; Contos de fada.

### INTRODUÇÃO

No que se refere à Educação Infantil devemos então criar práticas pedagógicas inovadoras que gerem transformações no campo educacional e redimensionem a historiografia negativa da população brasileira, visto que a educação é dever da família e do estado, tais práticas, devem ser inspiradas nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tendo por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Nos dias atuais apesar da enorme importância do desenvolvimento cognitivo na vida das crianças e dos diversos movimentos ligados ao incentivo à leitura, percebe-se que ainda é muito grande a ausência da literatura infantil em muitos lares e escolas, pois em plena era da modernidade e do incremento das tecnologias as pessoas propõem-se a fazer várias coisas distintas e se esquecem da necessidade da criança de presenciar circunstâncias de atenção, carinho, desenvolvimento e aprendizagem. Em decorrência disso, as crianças compartilham bem mais de situações do mundo real, do que de seu mundo infantil, promovendo a constituição de um enorme vazio em uma etapa onde as crianças necessitam aprender a viver suas fantasias e emoções.

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PSQUIISMO INFANTIL

Ouvir história é recuperar a herança empírica do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem muito bem o que é essa herança empírica no turbilhão de sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do professor/ contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem de lidar com as emoções. Para a criança muitos de seus sentimentos são tão confusos, perturbadores e dolorosos que é difícil administrá-los, trazendo assim infelicidade. Essa energia emocional fica represada e acaba vazando na forma de sintomas físicos, neuróticos ou comportamentais, como crueldade, comportamento agressivo, dificuldade de aprendizado, enurese noturna, falta de concentração, hiperatividade, obsessões, ansiedade, etc.

Apesar das crianças precisarem de ajuda para lidar com seus sentimentos estas não conseguem falar com naturalidade e facilidade sobre seus problemas, isto porque não está habituada à linguagem cotidiana, para elas esta não é a linguagem do sentimento, elas se expressam melhor através da metáfora, da imagem como em histórias e sonhos. A comunicação por meio da narração de histórias fala as crianças mais profundamente do que a linguagem literal, a linguagem do pensamento; dramatizar com bonecos ou fantoches, representando aquilo que se quer dizer através do desenho ou pintura é fazer uso da linguagem imaginativa, essa é naturalmente a linguagem infantil.

Existem inúmeros obstáculos a serem vencidos, aparecendo escolhas de solução que permitem que a vitória aconteça. Todos esses aspectos fazem parte da vida psíquica da criança, formalizando o processo de identificação. Aquele herói que luta e vence mostra a possibilidade de não desistir diante dos problemas da vida real e ter forças para superar todos os desafios. Os seres que figuram o mal significam o aspecto instintivo do homem e, ao serem subjugados, criam a possibilidade de equilíbrio entre a natureza animal/instintiva e a humana. De acordo com ABRAMOVICH, (1994), esses seres são criações do imaginário, fantasmas que a criança carrega dentro dela: medo do abandono dos pais, de ser devorada e da rivalidade com irmãos. As histórias contadas minimizam essas angústias e trazem paz as crianças porque essas energias maléficas são destruídas e “tudo acaba bem” no final do conto...

## EXEMPLOS DE CONTOS DE FADAS: CHAPEUZINHO VERMELHO

Narrada pelos irmãos Grimm, conta uma história de uma garotinha inocente que por ter desobedecido a sua mãe, acaba colocando a própria vida e de sua querida vovozinha em risco. Na história a garotinha usa um capuz vermelho que o pedido de sua mãe, este indo levar doces para a vovó que estava doente. Sua mãe a orienta a seguir pelo caminho mais longo que não é perigoso, porém chapeuzinho desobediente e sem medo algum, vai pelo caminho mais curto, onde o lobo se encontraria.

O lobo-mal consegue enganar a garotinha com muita facilidade, e acreditando ser ele do bem, ela conta o que estava prestes a fazer e onde está indo. O Lobo esperto chega primeiro, devora a vovozinha e mais uma vez consegue enganar a chapeuzinho se passando pela vovó doente. Até que a garotinha consiga perceber que não é a sua vovozinha que está na cama, quase ela vira sobremesa do Lobo-mal, que corre atrás dela e por muita sorte um caçador ao ouvir os seus gritos de socorro à salva, o Lobo morre e retiram de sua barriga a vovó, sem nenhum arranhão.

A imagem da floresta apresentada no conto da um ar de aventura e suspense, isto significa que é preciso estar atento aos perigos que podem aparecer na onde se precisa passar. Na história, há uma música cantada pela garotinha: “Pela estrada a fofa eu vou bem sozinha, levar estes doces para a vovozinha”. Ela mora longe e o caminho é deserto, onde o Lobo-mal passeia aqui por perto. Mas à tardinha, ao sol poente, junto à mamãezinha dormirei contente. A música mostra como precisaria ser o final da história, contando o que chapeuzinho vai fazer o aflito que corre e o que deveria acontecer.

O episódio termina com um final feliz, entretanto na nossa realidade isso poderia não acontecer. Por trás deste conto, é possível trabalhar com princípios como: obediência, respeito às pessoas mais velhas, aos animais e as diferenças, a simplicidade, o amor da mãe, bondade e lealdade. O modo de relatar a história pode sofrer alterações no decorrer dos séculos, pois o conhecimento do correto e do errado sofre modificações durante a vida.

## BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

A história também é relatada pelos irmãos Grimm, e conta sobre uma princesa com o nome “Branca de Neve”, nome dado devido à mesma ser muito branca como a neve, de lábios avermelhados como o sangue e os cabelos negros como uma árvore de madeira escura. Sua vida se passava em um castelo, onde ela morava com a madrasta, que era belíssima, porém não admitia que outro alguém fosse tão bela quanto ela. A rainha tinha um espelho mágico e todos os dias lhe perguntava “espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do

que eu?”, certo dia, o espelho negando todas as outras respostas anteriores disse, “a mais bela de todo o reino é Branca de Neve”. A rainha sentiu tanta inveja que mandou um caçador matá-la.

Como prova do dever cumprido, pediu que trouxesse o coração de Branca de Neve. Entanto, tal caçador com pena da princesa, deixou-a fugir, poupando sua vida, e para comprovar que tinha obedecido a ordem da rainha, ele entregou o coração de um veado. Branca de Neve estava perdida dentro do bosque e os pequenos animais da floresta a ajudaram levando-a para uma pequena casa no meio do bosque, lá dentro era tudo tão pequeno, mesa, cadeiras, camas. Com ajuda dos animais, arrumou toda a casa e logo em seguida foi descansar em uma das pequenas camas.

Anoitecendo, os donos da casa chegaram, eram os sete anões que estavam retornando de mais um dia de trabalho nas minas de diamantes. A Branca de Neve ao acordar, contou-lhes toda a sua história e conheceu a cada um que eram Soneca, Dengoso, Dunga, Feliz, Atchim, Mestre e Zangado que logo concordaram em ajudar a princesa. A madrasta não demorou muito tempo para descobrir que o caçador tinha mentido, e que Branca de Neve estava viva. Tramando então contra Branca de Neve, se passou por uma velhinha indefesa, envenenou uma maçã e foi até a casa dos anões. Persuadiu a princesa com muita facilidade a comer a maçã, que em um sono profundo acabou caindo, ao chegar a casa os anões viram a Branca de Neve caída, pensaram que a mesma estivesse morta, então a colocaram em um caixão de vidro no meio da floresta e a velavam todos os dias. Até que certo dia, um príncipe que passeava pela floresta, viu Branca de Neve e se apaixonou, deu-lhe então um beijo de amor, quebrando o feitiço que a madrasta havia colocado, fazendo assim que a princesa despertasse. O príncipe pediu a mão dela em casamento e foram para um lindo castelo e viveram felizes para sempre.

Ao apresentar a história, podemos observar que os valores podem ser transmitidos ou não, conforme a afetação que se dá ao conto. Falar do pai de Branca de Neve é dizer sobre a falta dele, do abandono, do vazio que provou na personagem. A madrasta má apresenta a obsessão, inveja e comparação que podem ser muito prejudiciais ao seu humano. “A Branca de Neve ao fugir pela floresta sombria, sentiu medo e chorava muito, portanto quando ela encontrou os animais, se acalmou e aceitou a ajuda.” Desta maneira a criança pode aprender através da história sobre, decisão, coragem, heroísmo, que cada dia é um dia de dar valor à amizade e da boa relação com a natureza.

O ato de prestar ajuda a necessidade do trabalho, sua transcendência quando realizado em equipe e o bom humor de fazer também são transparecidos no conto quando os anões estão trabalhando na mina de ouro. Pode-se pensar também sobre a beleza como: admiração, vaidade excessiva, inveja e autoestima.

## O CORCUNDO DE NOTRE-DAME

Este livro foi escrito pelo francês Victor Hugo e publicado em 1831. A história vivenciada em Paris, no século XV e conta que um casal abandonou o seu próprio filho à porta da Catedral de Notre Dame. O menino foi encontrado por um povo fiel e cristão, contudo eles não foram capazes de cuidar dele, pois se assustaram quando viram que criança tinha uma feição parecida com a de um “monstro”. Um juiz chamado Claude Frollo pegou o então para adota-lo, a criança cresceu e passou a se chamar Quasimodo, que significa pessoa deformada ou extremamente desprovida de beleza, ou corcunda de Notre Dame. Ele tinha vários defeitos como, a corcunda, um olho maior que o outro, era roxo, quase surdo e mudo. Embora a sua feiura, ele era bondoso e não tinha intenção de assustar ninguém. Era ele quem tocava os sinos da catedral, todos os dias de manhã, enxergava o povo passar lá embaixo, mas ninguém sabia de sua existência. De tão sozinho, Quasimodo só tinha comunicação com os pássaros. Um lindo dia, os pássaros o persuadiram a sair da igreja com um hábito de monge, tampando o rosto. Nesse dia, estaria acontecendo uma festa nas ruas de Notre Dame, onde haveria a escolha do homem mais feio e a garota mais bonita. Sem intenções, Quasimodo deixou seu rosto aparecer e então, uma pessoa no meio daquela multidão, apontou para que ele fosse carregado até o tablado, e o deixaram ao lado da garota mais linda.

Enquanto os dois pegavam seus troféus, as pessoas começaram a jogar ovos e frutas podres em Quasimodo, desrespeitando ele. Esmeralda então gritou e protegeu o Quasimodo, “ele pode não ser bonito por fora, mas parece ter um bom coração”, as pessoas não ligaram para o que Esmeralda disse, então o Corcunda se estressou e saiu correndo daquele lugar, tentando voltar para a catedral. As pessoas prosseguiram atrás dele até que uma mão de uma menina o puxou para um beco escuro, era uma cigana, a mesma que o protegeu alguns minutos atrás. Fizeram amizade e Esmeralda o convidou para as festas do final de semana.

Sem dúvida alguma, “O Corcunda de Notre-Dame” é um culto que será de grande valência na intermediação entre orientador e o aluno. Por trás dele a criança pode aprender que nem sempre o diferencial torna o outro “um monstro”, que realmente a aparência não pode estar em primeiro lugar, se uma pessoa não for estabelecida pelo padrão de beleza que a sociedade exige, ela ainda é um ser humano e pode ser uma ótima pessoa e com ótimas qualidades.

## OS TRÊS PORQUINHOS

Escrita pelo folclorista Inglês Joseph Jacobs, a história de “Os três porquinhos” descreve a vida de porquinhos que decidiram construir as suas próprias casas sozinhas. A porquinha caçula fez sua casa com palha, quando estava quase terminando de fazer sua casinha, apareceu um lobo gritando, “soprarei sua casa e a desmontarei”, judiação do porquinho, a sua casinha foi derrubada e ele correu rapidamente para a casa de seu irmão. Esse, portanto, fez sua casinha de madeira e assim que ficou pronta, o lobo chegou e também derrubou.

Com a segunda casinha derrubada, os dois porquinhos foram para a casa do irmão mais velho que construiu a casinha com tijolos, porque sabia que o lobo andava por ali, com fome. Acabando a pintura, quando seus irmãos entraram correndo em sua casa. Assim sendo de tijolos, o lobo assoprou e assoprou, mas a cada não caiu, então ele entrou pela chaminé. Ao captar a esperteza do lobo, os três porquinhos colocaram um caldeirão cheio de água fervente embaixo da sua chaminé. O lobo caiu na água e fugiu rapidamente para a floresta, e nunca mais perturbou os porquinhos.

Este conto, mostra facilmente para a criança sobre a importância do fazer bem feito, com organização um trabalho cansativo pode ser compensador. Deixa claro ainda que por trás do resultado de seu trabalho, o terceiro porquinho conseguiu a vitória, salvando a sua vida e a de seus irmãos do Lobo-mal.

## A BELA E A FERA

Mais um conto dos irmãos Grimm que fez muito sucesso. A bela é uma menina linda e fantasista, que ama livros e deseja um mundo melhor. Ela vivia em uma aldeia onde as pessoas não gostavam de ler e não se afligiam com as questões intensas da vida, por isso consideravam que ela fosse uma menina esquisita. Gaston é um rapaz lindo, entretanto é arrogante e muito orgulhoso, apaixonado por Bela, ele tem o desejo de se casar com ela, e não é porque a ama, mas por ela ser a mais bonita da aldeia. A garota não aceita o amor do rapaz, e provoca sua ira. Ao longo disso, em um castelo distante da aldeia, vive uma Fera, um príncipe presumido que se recusou a proteger uma velhinha e por isso foi enfeitiçado transformado em uma Fera. Para que o feitiço fosse quebrado, era preciso que o príncipe aprendesse a amar e que ele fosse amado antes da última pétala da rosa da feiticeira cair.

Assim que o pai de Bela se perdeu na floresta e clamou por socorro no castelo da Fera, está o aprisionou. A Bela quando ficou sabendo do fato, foi rapidamente até o castelo e pediu para ficar presa no lugar de seu pai. Lógico que a Fera não aceitou isto. No desfazer a forma do rolo, a Bela ensina a Fera a gostar

de leituras, a bailar e alimentar os passarinhos. A Fera começa a se apaixonar, e Bela também enxerga a compaixão por trás daquele sujeito feroz. O amor dos dois acaba quebrando o feitiço e a fera se transforma em um lindo príncipe encantado e todos no castelo voltam a ser humanos.

O Dirigente Educacional poderá trabalhar esse conto em muitos sentidos, mostrando pra a criança que a beleza está no interior de cada um, que uma pessoa arrogante é tão feia quanto uma fera, e a ternura é bela, que as pessoas são bem mais do que aparência física, que nem sempre o que a maioria acha, esta correto, e que o amor transforma vidas.

## PATINHO FEIO

Esse conto de fadas foi escrito por Hans Christian Andersen, ficou famoso por exprimir emoções de solidão e alienação, onde em uma linda tarde de sol, a mamãe pata verificava os ovos de sua ninhada quando o primeiro patinho brotou da casca do ovo. Acontecendo assim até sobrar apenas um ovo, logo nasceram cinco patinhos bonitinhos, portanto, um ainda não havia chocado, e ao nascer o último patinho, ela levou um enorme susto, como ele era “horrível”, ele era grande, as suas pernas eram cinzentas e o bico era gigante. A mamãe pata aceitou e levou todos para o lago, para que nadassem. O tempo passou, mas o Patinho Feio era infeliz, seus irmãos batiam nele, os gatos o arranhavam e os meninos se divertiam em assustá-lo.

Em um dia à tarde, ele decidiu partir em busca de um lugar melhor para viver, o patinho passeou um pouco pelo mundo, em uma solidão e com muita fome, ele estava muito triste, até que encontrou uma galinha e um gato que o convidaram para viverem juntos. Mas aquela alegria não durou por muito tempo, o patinho feio não sabia pôr ovos como a galinha e nem ronronar como o gato, sendo assim expulso de novo.

No caminho, viu um lago e chegou mais perto ficando encantado ao encontrar “pássaros brancos” que um dia observou no céu, encontravam-se agora nadando naquele lugar. O patinho feio não se conteve e a elas se juntou, e foi recebido com muita alegria e carinho. O patinho a se ver no reflexo da água do lago viu que não era tão feio e sem jeito, mas que tinha tornado num maravilhoso pássaro branco, num belo cisne branco, e então, foi esse o dia mais feliz de toda sua vida.

A competência desse conto é mostrar que todo mundo tem, em algum caminho da vida, um sentimento de não estar no lugar certo, seja em qualquer ocasião, na turma ou no mundo. O senso de deslocamento é comum em toda criança, de outra maneira, admite também aprender a encarar doses variadas de repulsão. O conto permite ainda transparecer que como na ficção, os pais podem viver um momento de

pavor ao ter seu filho sem rumo ou furtado. Muitas crianças e até mesmo alguns jovens carregam o “complexo de patinho feio”, onde se sentem rejeitados e deslocados, tendo sérios problemas em relação a sua autoestima, podendo assim ser trabalhada de maneira adequada pelo orientador, que deve mostrar ainda que toda diferença deve e merece ser respeitada.

## CINDERELA

Esta história é bem antiga, o ponto de vista e interpretações contadas por Perrault, pelos irmãos Grimm e pela Disney são as que fizeram mais sucessos e ficaram conhecidas. Esse conto de fada tem seu início em: “Era uma vez”, um rapaz gentil que tinha uma linda filha chamada Cinderela. Ao ficar viúvo, casou com a mulher que tinha duas filhas muito invejosa. Elas corrigiam e castigavam Cinderela, fazendo com que ela sozinha limpasse a casa toda. Certo dia, as irmãs malvadas, havia recebido um convite do rei chamando todas as moças do reino para um baile, em que o príncipe iria escolher uma noiva. A Cinderela ficou muito triste, pois ela também gostaria de ir ao baile, porém não tinha nenhum vestido. Foi quando de repente, surgiu uma fada madrinha e lhe deu um belo vestido, uma carruagem dourada que a levará ao baile, portanto, teria de voltar antes da meia-noite.

Lá no castelo, o príncipe ficou maravilhado com a Cinderela e quis dançar só com ela. Quando chegou meia-noite, Cinderela saiu correndo pelas escadas, deixando cair o seu sapatinho de cristal. O príncipe ficou apaixonado e procurou por todo o reino a dona do sapato e descobriram que era da Cinderela, enfim, os dois se casaram e foram felizes para sempre.

Este conto de fada, trás uma afinidade anterior de qualquer filho. “Já que estes têm costume em se sentir “desrespeitado” ou pouco amado”, principalmente quando os pais aparecem com um novo irmão. A criança pode também associar a história ao seu dia-a-dia, quando existe um conflito entre a criança e seus irmãos de sangue ou não. Através dessa história é possível transparecer que o atrito fraterno é um fato comum na vida de todos e que nunca se pode desistir dos sonhos e sim devemos viver cultivando sempre a esperança.

## PINÓQUIO

Com início em 1881, a história escrita por Carlo Lorenzini, encantou muitas crianças e até mesmo

adultos de todo o mundo. O conto de fadas Pinóquio, começa contando a vida de um senhor carpinteiro chamado Gepeto, que criava lindos bonecos de madeira, mas se sentia muito sozinho. Certo dia ele criou um boneco de madeira e deu a ele o nome de Pinóquio, de repente o boneco teve vida, o senhor ficou muito feliz agora tinha um “filho”.

Gepeto tinha o desejo de fazer com que Pinóquio fosse um menino educado, colocou-o na escola, porém, Pinóquio fugiu de lá e foi brincar no teatro de bonecos. O dono do teatro queria ficar com o Pinóquio, ele chorou tanto que o homem o deixou partir. Voltando para a casa encontrou dois ladrões, e apesar dos conselhos do grilo falante, seguiu com eles, e foi roubado. Pinóquio ficou muito triste, decidiu voltar para sua casa e obedecer a seu pai Gepeto.

No caminho ele encontrou um passarinho que o avisou sobre Gepeto ter saído para procurá-lo no mar. Ele ia ao encontro de Gepeto quando viu uma criança se dirigindo ao país da alegria, Pinóquio foi com a criança. Ele estava brincando quando percebeu que havia se passado a virar um burro, Chorou e chorou e chorou muito arrependido, até que uma fada surgiu desfazendo aquele encanto, mas deixou claro “toda a vez que mentir, seu nariz irá crescer”.

Vindo ao mar, Pinóquio e o grilo foram procurar Gepeto, até que aparecendo uma baleia, os engoliu. Lá dentro encontrou o senhor Gepeto. Quando a baleia abriu sua boca eles rapidamente fugiram. Chegando a casa, a fada retribuiu a coragem de Pinóquio, transformando ele em um menino de verdade. Ele e Gepeto foram felizes para sempre. O conto de fada de Pinóquio pode mostrar ao orientador a ensinar às crianças a importância de nunca mentir, pois o mal pode causar.

## A BELA ADORMECIDA

Mais um conto que é de autoria dos Irmãos Grimm, um clássico, onde a personagem principal é uma bela princesa, que no seu nascimento gerou uma enorme felicidade em todo o reino. Os seus pais, realizaram uma festa e convidaram muitas pessoas, no entanto, uma delas achou que não iria receber o convite, ficou magoada e jurou se vingar. Quando a princesa completar 15 anos, ela espetará seu dedo em uma agulha e morrerá, todavia, uma fada que havia se escondido, disse as seguintes palavras, “a princesa não morrerá, ela apenas dormirá um sono profundo até que o beijo de um príncipe encantado a acorde”.

O rei mandou que destruíssem todas as rocas do reino e pediu para que as fadas cuidassem e

protegesse sua filha, a princesa. Ela então cresceu em um lugar distante do reino, porém, muito feliz, cada dia mais bela e doce. No dia do seu aniversário de quinze anos, ela resolveu explorar a floresta sozinha, foi quando encontrou uma escada dentro do castelo que iria até a torre velha, subiu lá e avistou uma roca. Seguiu até lá e espetou seu dedo no fuso da roca e caiu no sono profundo. No mesmo tempo, todo mundo do castelo adormeceu, com o tempo, uma grande mata cresceu em volta do castelo.

Com o passar dos anos, um príncipe de um país vizinho, sabendo da história da bela adormecida, decidiu ir até o castelo. Quando chegou lá, ficou apaixonado pela princesa, deu-lhe um beijo de amor e no mesmo instante, ela acordou e todo o reino também. Um tempo depois, eles se casaram e foram muito felizes.

Este conto de fada vem auxiliar que é preciso saber cuidar de si mesmo e que nem sempre ser uma pessoa curiosa, te levará a bons caminhos. Foi só a princesa ser deixada sozinha por alguns minutos, que ela foi até a torre proibida e como resultado dormi 100 anos. A diferenciação, inveja, desatenção e a vingança, também são causas que podem ser tratada através dessa história.

## A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS

Bettelheim (2008), diz que, com a argumentação de serem irreais e violentos devido as historias adotarem aspectos extremamente dramáticos, os contos de fadas foram durante muito tempo esquecidos, desprezados e eliminados. Somente depois a psicanálise desmistificou a inocência e a simplicidade do mundo da criança.

Mesmo existindo há bastante tempo, os contos de fadas ainda encantam e interessam crianças e adultos. Isso se deve ao fato de que essas histórias estão num mundo maravilhoso, cheio de fantasias, com a dominação de bruxas, fadas e duendes e com personagens simples que deixam as histórias mais atraentes.

Além disso, o seu valor duradouro permanece vivo até hoje porque os contos têm o poder de ajudar as crianças a lidar com os conflitos internos que elas enfrentam no processo de crescimento, sendo então de extrema importância para que as crianças possam entender o momento em que estão passando para então, encontrar respostas para seus conflitos.

## OS BENEFÍCIOS DOS CONTOS DE FADA: ENSINA VALORES

A criança tem grande facilidade para aprender, já que a sua curiosidade insaciável faz grande parte do trabalho. Assim, podemos usar as histórias para lhes ensinar valores como a amizade, o respeito, a sinceridade, a generosidade, a modéstia, a lealdade, entre outros, de modo que possam adquirir conhecimento de forma simples e divertida. Aprendendo ainda através das histórias um pouco sobre outras culturas, formas de pensar e de sentir, o que lhes ajudará, a saber, que existem pessoas que são diferentes por causa da sua religião, sua cultura e seus valores, e que todas as diferenças devem e merecem ser respeitadas.

## MELHORA A COMPREENSÃO ESCRITA E BENEFICIA O HÁBITO DA LEITURA

O hábito de ler histórias diariamente para os nossos filhos irá ajudá-los a melhorar muito a sua compreensão de leitura, despertando habilidades básicas que se desdobram em uma série de capacidades inter-relacionadas, como, o domínio da oralidade, o próprio gosto pela leitura e o pensamento crítico, e o desenvolvimento da compreensão escrita, que são ferramentas necessárias para a vida acadêmica, profissional e social.

O fato de saber ler não é somente ter a capacidade de interpretação de certos grafismos e pronunciá-los de forma correta, mas também significa obter habilidade para melhor compreender o que se lê, de entender o que o texto relata e formar sua própria opinião e tirar conclusões a respeito do assunto.

## PERMITE COMPARTILHAR MOMENTOS DE CUMPLICIDADE COM AS CRIANÇAS

Se nos dedicarmos a compartilhar um momento de leitura com nossos filhos e tornar isso um momento cotidiano, fortaleceremos o vínculo da cumplicidade e o carinho com eles, ajudando ainda a fazer com que eles tenham certa segurança sobre a qual construir uma boa autoestima. Os contos de fadas são mais do que reais, não porque ensinem as crianças que existem dragões, e sim porque ensinam que é possível explorar sua imaginação.

## MELHORA O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO

Inúmeras são as pesquisas que comprovam que ler aumenta as conexões neurais, fazendo com que o

cérebro trabalhe de melhor maneira. É como fazer ginástica, só que para a cabeça, além disso, a redução do funcionamento do cérebro, na velhice, pode ser reduzida em cerca de 30% se a pessoa mantiver hábitos de leitura, além de proteger contra doenças como o mal de Alzheimer.

### **ESTIMULA A CRIATIVIDADE**

Com o hábito cotidiano de ler, você fica mais inteligente, além de melhorar a escrita e seu vocabulário, desenvolve ainda mais a sua criatividade. Quando lemos um livro em estilo romance, por exemplo, a capacidade de imaginar o cenário em que a ação se desenvolve, além da imagem física dos personagens, nos leva a criar outro mundo dentro de nossas cabeças.

O mais legal é sempre buscar ler livros que mostrem uma época muito diferente da nossa, ou outro mundo, versões de contos como livro de sucessos de fantasia, como “Harry Potter” e “O senhor dos anéis” que levará sua mente a viajar e você voltará à sua realidade como se tivesse de fato visitado outro planeta.

### **ESTIMULA O SENSO CRÍTICO**

O mais incrível da literatura é que, nos introduzindo a realidades e épocas diferentes, ela acaba suscitando reflexões que talvez não tivesse se ficássemos sempre presos ao nosso cotidiano e à nossa rotina fixa, o que nos leva a pensar e nos perguntar, por que o mundo é como é? Por que você pensa como pensa? Utilizando o senso crítico o indivíduo passa a pensar e refletir e com isso aprimora suas capacidades intelectuais nos tornando pessoas melhores.

### **PROVOCA EMPATIA**

Empatia é uma capacidade que consiste basicamente em compreender e se solidarizar emocionalmente com outra pessoa, a leitura tem esse exato efeito, aumentar nossa capacidade de sentir empatia, pois quando estamos lendo, nos conectamos com a realidade de outra pessoa, mesmo que seja de maneira fictícia, passando a entender o que é estar no lugar dela e que tipos de sentimentos essa pessoa têm, podendo ser ou não tão diferente de nós mesmos.

## CONCLUSÃO

Ao interpor a literatura infantil no contexto da sala de aula, o professor constitui uma empatia dialógica com o aluno, com o livro, com sua cultura e sua própria realidade da sociedade. Os contos de fadas não podem ser percebidos simples e unicamente como instrumento para passar o tempo, e sim, deve-se configurar como uma tática de diversão e entretenimento, muito importante para despertar a curiosidade, a imaginação, promover o enriquecimento do desenvolvimento e personalidade da criança. Quando aproveitada de modo certo a literatura infantil ou os contos de fadas são valiosos mecanismos no levantamento dos seres humanos, realizando com que ele desperte para o mundo da literatura não tão somente como uma ação de aprendizagem significativa, mas identicamente como uma atividade prazerosa.

Uma vez que os contos de fadas são instrumentos estudados até por psicanalistas para auxílio de conflitos interno da mente humana, acredita-se nas inúmeras contribuições que os mesmos trazem no desenvolvimento das crianças, como o vocabulário permitindo que ampliem seu repertório; a imaginação, levando-as a viagem pela história, identificar-se com ela; a criatividade, porque as crianças raciocinam sobre como suas atuações frente o conto, seja na fala, na dramatização; a atenção, percebendo detalhes, respeitando o momento da história; o sentimento, como amor, afeto, maldade, perdas as quais as crianças também precisam saber lidar, já que vivenciam isso constantemente, seja por meios de informações ou até mesmo dentro do próprio lar. Ao trabalharem os contos de fadas com as crianças, elas desenvolvem a memorização, passando também a organizar ideias; compreender uma mensagem seja ela por meio de ilustrações, texto, escuta e dramatizações.

As leituras mostram que os contos de fadas influenciam na infância, pois permitem que a criança interaja melhor com aqueles que estão ao seu redor, deixam suas inibições e receios devido às proibições que às vezes encontram em seus lares, passam a respeitar quando alguém fala, aprendendo também esperar a sua vez de falar. Os contos de fadas abrem ainda caminho para que a criança aprenda brincando a partir de mundo repleto de imaginação, sonhos e fantasias. Além de encantar a todos envolvidos no processo da aprendizagem e da aquisição do conhecimento os contos de fadas são historicamente empregados e de grande relevância no desenvolvimento intelectual na educação infantil.

Assim sendo, faz-se necessário que o educador perceba que a ação, as estratégias de ensino aprendizagem deve estar embasadas também por relações afetivas, fundamentados em uma afinidade harmoniosa que culminem no prazer em aprender. As relações afetivas presentes nos intercâmbios entre professor e aluno, no processo ensino aprendizagem, gerado a partir dos contos de fadas na Educação Infantil

cooperam para a conquista do conhecimento, quando as relações estabelecidas em âmbito escolar culminam em sentimentos de confiança e cooperação em ambas as partes. Todavia, para que a adequação realmente cumpra o seu papel, não basta tão somente rever o material didático, ou as práticas de ensino utilizadas, o necessário é que o grupo gestor e o educador repensem a sua função enquanto mediador de uma aprendizagem significativa, que considere a bagagem de conhecimento trazida à sala de aula por seus alunos, e também flexibilize as práticas educacionais das instituições permitindo a realização de um trabalho diferenciado, investindo em material didático adequado e na qualificação dos profissionais da área.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil, Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil, teoria, análise, didática. 1ª ed. – São Paulo. Moderna, 2000.
- CUNHA, Antônio Eugênio. Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak, 2008. KHÉDE, Sonia Salmão. Personagens da Literatura Infanto-Juvenil. São Paulo: Ática, 1986.
- LAJOLO, Marisa. Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MACHADO, Irene A. Literatura e redação. São Paulo: Scipione, 1994.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 19, ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PIAGET, J. Aprendizagem e Conhecimento. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2009.
- ROCHA, Ruth. Contos para rir e sonhar. São Paulo: Salamandra, 2003.
- SCHNEIDER, R. Oficina de contos de fadas: uma intervenção com crianças asmáticas, a partir do enfoque Winnicottiano. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2008.
- VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed.,1999.

## BRINCAR É IMPORTANTE?

Autor(a): **Maria Cristina Castro Gameleira**

**Resumo**

Brincar é fundamental para a criança e traz vários benefícios, como a melhora da socialização, da criatividade e da coordenação motora. À medida que a criança manipula objetos, produz sons ou fantasia situações, diferentes conexões cerebrais vão sendo formadas (as sinapses). É assim que o corpo e o cérebro desenvolvem as habilidades que serão usadas ao longo da vida. Para estimular uma criança, não é preciso cobri-la de objetos coloridos, forçar o interesse por jogos ou introduzir conteúdos pedagógicos na brincadeira. O ideal é deixar que se guie pela curiosidade. Para isso, basta um ambiente afetivo seguro e rico, em que possa pegar objetos e se deslocar livremente.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento infantil; Educação básica; Ludopedagogia; Brincadeira.

**INTRODUÇÃO**

Brincando, a criança está nutrindo a sua vida interior, atendendo suas necessidades emocionais, e descobrindo a vocação que poderá dar um sentido à sua vida, desafio e motivação para a criança, descobre, inventa, exercita suas habilidades autoconfiança, e de dom natural, quando bem cultivado, irá contribuir no futuro para eficiência e equilíbrio do adulto.

*O brincar é um convite ao brincar, este facilita e enriquece a brincadeira, proporcionando o brincar é uma oportunidade de desenvolvimento. Brincando a criança experimenta. Para Kishimoto (1994, p. 7):*

“brinquedo será entendido sempre como objeto, suporte de brincadeira, brincadeira com a discricção de uma conduta estruturada, com regras e jogos infantis para designar tanto o objeto e as regras do jogo da criança (brinquedo e brincadeiras)”

Os brinquedos são alimentos para a fome de conhecer da criança e para que o brincar seja

significativo para criança é preciso que tenha pontos de contato com sua realidade, e como consequência da realização de uma atividade agradável, a criança fica mais calma e relaxada.

O brinquedo vai proporcionar:

- Desenvolvimento e aprendizagem.
- Inteligência e concentração da atenção
- Desenvolvimento da linguagem
- Desenvolvimento da sociabilidade

A relação criança x brinquedo x adulto

A forma como uma criança recebe um brinquedo é muito importante, pois ela percebe as razões pela qual o adulto está oferecendo aquele brinquedo: "se é um brinquedo que o adulto gostaria de ter, ou se é um brinquedo usado para comprar o afeto da criança ou ainda se é um brinquedo para livrar-se da criança por um bom espaço de tempo".

A criança que não brinca, não se aventura em algo novo desconhecido. Se, ao contrário, é capaz de brincar, de fantasiar, de sonhar, está revelando ter aceitado o desafio do crescimento, a possibilidade de errar de tentar e arriscar para progredir e evoluir. (LIBOVICI e DIATKINI, 1985, p. 6).

De qualquer maneira é indispensável que a criança seja atraída pelo brinquedo. O adulto transmite à criança certa forma de "ver" as coisas sendo assim aprender a ver é o primeiro passo para a descoberta. O adulto é quem pode proporcionar oportunidade para a criança ver as coisas interessantes, mas é muito importante respeitar o momento pelo qual a criança está passando, é de interesse ou desinteresse.

Brincar junto reforça os laços afetivos é uma maneira de mostrar nosso amor pela criança, sendo que toda a criança gosta de brincar com adultos (pais, professora, avôs...), com isso a criança sente-se prestigiada e desafiada pelo parceiro, e isto torna a experiência mais estimulante e mais rica em aprendizado. Observando o desempenho da criança junto a seus brinquedos podemos avaliar o nível de seu desenvolvimento e assim enriquecer sua aprendizagem, fornecendo através dos brinquedos elementos nutrientes para seu desenvolvimento, dando novas informações no momento adequado e no nível de compreensão da criança.

Não havia separação entre brincadeiras e jogos reservados às crianças e aos adultos, pois estes representavam um elo entre o indivíduo e a sua comunidade; além disso, jogos e brincadeiras representavam, e continuam representando, também, a possibilidade de manutenção e transformação de conteúdos históricos da humanidade. (TEIXEIRA, 2010, p. 32-33).

O hábito de guardar o brinquedo deve ser introduzido com cuidado fazendo coro que a criança participe na arrumação feita pelo adulto, quando o adulto tem o hábito, constante e natural, de guardar com carinho aquilo que utiliza.

A criança automaticamente vai adquirir o mesmo hábito e aprender a zelar pela ordem e conservação do brinquedo, e pode sentir satisfação em guardar como houve no brincar.

O brinquedo é o trabalho da criança. A criança que, brinca bastante será um adulto trabalhador, no brincar desenvolve a capacidade de engajar-se, de manter-se ativo e participante, consciente, respeitar as normas grupais e sociais e engajar-se na vida de sua comunidade.

O brinquedo é outro termo indispensável para compreender esse campo. Diferindo do jogo, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização. (KISHIMOTO, 2007, p. 18)

A criança que brinca, quando adulto escolherá uma profissão certamente adequada e saberá usar de forma criativa seu tempo livre.

### Considerações sobre os diversos tipos de brinquedo

*Brinquedos de berço* - São importantes para a estimulação sensorial e inalara do bebê A presença de pequenos objetos na universo da criança chama sua atenção e desperta seus sentidos. é urna importante para o desenvolvimento da criança; (ex. Móviles, chocalhos, bichinhos, brinquedos para morder e pegar...)

*Brinquedos de afeto* - São brinquedos que despertam em todos que os vêem, urna vontade de acariciá-los e abarcá-los. As vezes estes brinquedos tornam-se companheiros indispensáveis á criança pôr representarem o apoio de um amigo silencioso que nada pergunta e nada pede, só oferece conforto.

Este brinquedo que possibilita uni tipo de veículo não é aconselhável tê-lo em brinquedotecas; (ex. Ursinhos, bonecas, gatinhos...) Brinquedos para o "faz-de-conta" O jogo simbólico, o pensamento da criança evolui a partir de suas ações, ou seja, ela precisa vivenciar suas idéias para poder compreender seu significado na vida real. O brinquedo para o "faz-de-conta" funciona como um apoio a fantasia, facilitando o processo de simbolização e atribuição de papeis que a criança faz; (ex. Carrinhos, barquinhos, bule, ferramentas, cama...)

*As bonecas* - São usadas pelas crianças para projetar suas próprias emoções. As bonecas dão oportunidades ás crianças de sentir-se forte e grande como um adulto, de repreender, dc super proteger, de castigar, de cuidar, de amar ou rejeitar, fazendo com que elas amadureçam através da elaboração de

sentimento e da vivência do papel de adulto.

*Os fantoches* - Estimulam a imaginação e a linguagem da criança. Através dos fantoches as crianças conseguem demonstrar sentimentos antes escondidos porque a atenção esta voltada para os brinquedos e não para a criança. Esta brincadeira faz com que a criança aprenda a tornar decisões e a expressar-se. Quando o adulto manipula o fantoche tem em suas mãos um recurso mágico de fácil penetração no mundo infantil.

*As fantasias* - Já dizia o antigo ditado popular que o "hábito faz o monge", roupas variadas, sapatos, colares, paletós, gravatas, chapéus, perucas, bigodes, são peças que estimularão as crianças a soltarem suas fantasias, representando vários papéis ajudando na busca de sua identidade.

*Teatrinho de sombras* - Encanta pelo mistério representado pelas sombras que se movem. Baseia-se na combinação de três elementos:

- uma tela para projetar as sombras:
- um foco de luz colocado atrás da tela:
- silhuetas recortadas em pílão ou as nossas mãos.

*Brinquedos hipnóticos ou que exercem fascinação* - Atraem a atenção e proporcionam gratificação rápida, não exige muitas habilidades. Ajudam a descarregar tensões e desenvolvem a concentração e atenção; ( ex. Jogos de controle remoto, aquário...)

*Bola* - Brinquedo para todas as idades, é um eterno convite a ação e ao jogo, desenvolve a coordenação ampla e a sociabilidade.

*Brinquedos de guerra* - Propõem a solução de conflitos pela violência ou morte dos oponentes, enquanto houver programas de televisão que apresentam armas de violência nossas crianças estarão brincando de guerras; mas para que isto não torne-se algo ruim para a criança devemos conversar com elas e trocar idéias a respeito do seu significado.

*Brinquedos pedagógicos* - Tem como objetivo proporcionar aprendizagem a criança, atendendo suas necessidades no momento que o utiliza, sendo que a satisfação da criança está justamente em chegar ao final da brincadeira alcançando o objetivo do mesmo.

## O brinquedo e o deficiente mental

"A criança se desenvolve através de sua interação com o ambiente que a envolve o nível de sua interação depende do potencial intelectual que possui. A criança bem dotada é motivada a agir, porque extrai do seu meio os estímulos que propiciaram os seu desenvolvimento.

A criança deficiente mental, pelas dificuldades que apresenta tem menor possibilidades de aproveitar as situações a sua volta, podendo mesmo ficar alheia aos acontecimentos que a cercam. Algumas vezes a criança deficiente mental não demonstra interesses por brinquedos não os explora e não manifesta prazer nas brincadeiras de grupo.

Quando isto acontece, faz-se necessário uma ajuda para despertar seu interesse, caso contrário, não irá beneficiar-se das oportunidades que o brinquedo oferece o seu desenvolvimento.

Apresentar o brinquedo mostrar como ele funciona, estimular sua participação são formas de animá-la. O medo de encontrar dificuldades que não possa superar é também uma das razões de seu desinteresse e provoca a vontade de repetir sempre o jogo que já aprender a manipular. Para poder proporcionar-pie experiências positivas, é conveniente conhecer o nível de seu desenvolvimento e sugerir jogos compatíveis com ele. Sua idade mental poderá condicionar as suas possibilidades a nível cognitivo, mas sua idade cronológica e sua vivência certamente determinarão seu interesse. Não existem, como pensam alguns, brinquedos especiais para excepcionais, as crianças deficientes mentais brincam com os mesmos brinquedos que as normais, porém a escolha de seus brinquedos precisa ser mais criteriosa para que não se corra o risco de oferecer-lhe um jogo com o qual não tenha condições de brincar.

A criança deficiente tem maior necessidade de brinquedos e materiais, pois, pôr ter dificuldade em abstrair precisa de experiências concretas para aprender.

## CONCLUSÃO

Existe um momento na vida da criança, em que ela ainda .não consegue dissociar suas fantasias e a realidade da qual participa. Ao mesmo tempo que conhece e aceita o que constata à sua volta, que pode ter ilusões e mergulha na fantasia. Entre a certeza do real e o desejo do irreal, a criança transita entre aceitar a realidade e viver no sonho. No brinquedo de roda, a criança consegue através das cantigas conservar a tranqüilidade que lhe permite perder e encontrar, dar e receber, sem medo.

Nas cantigas de roda ela é, ora o centro ora o coro, apresentando o estado onde se fundem a independência e a necessidade do outro. As cantigas de roda permitem o estado intermediário entre a ilusão e a realidade e se constituem num exercício de continuidade e ruptura, que a criança necessita para investir na conquista de si e do mundo.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- \_\_\_\_\_, **Declaração de Salamanca e linha de ação - sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: MAS/CORDE, 1994.
- BRASÍLIA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996.
- CARNEIRO, Rogéria. **Sobre a Integração de Alunos Portadores de Deficiência no Ensino Regular**. Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Educação: o sonho possível**. In: BRANDÃO, Carlos (org.). **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- GALVÃO, M.I. **O Espaço Do Movimento: Investigação No Cotidiano De Uma Pré-Escola À Luz Da Teoria De Henri Wallon**. Dissertação De Mestrado, Universidade De São Paulo, São Paulo-SP, 1992
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 10. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2008
- LIBRIVIA & DIATKINE. **Significado e função do brinquedo na criança**. Tradução de Liana di Marco. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- LEI FEDERAL 8069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ed. Palloti, Santa Maria, 1996.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon. Editora SENAC, 1997.
- PIAGET, J. **A Construção Do Real**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação**. de jogo: São Paulo: Zahar, 1971.
- PIAGET, Jean e INHELDER, B. **Gênese Das Estruturas Lógicas Elementares**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1971
- TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: Implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Wak, 2010
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. RIO DE JANEIRO: MARTINS FONTES, 1996.
- VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social Da Mente: O Desenvolvimento Dos Processos Psicológicos Superiores**. Tradução De José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto E Solange Castro Afeche - 5ª

Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. **As Etapas Da Socialização Da Criança**. Lisboa, 1953. WALLON, H. **As Origens do Caráter**.

Trad. Heloyza Dantas de Souza Pinto. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

## PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A INCLUSÃO

Autor(a): **Thalita Luciana Peres Morena**<sup>1</sup>

### Resumo

Esse artigo procura abordar informações a respeito da inclusão de pessoas com deficiência física nas escolas. O trabalho é baseado em uma pesquisa bibliográfica, baseada em autores que decorrem a respeito das deficiências físicas e como as escolas estão recebendo esses alunos. A inclusão é um direito básico de todos e seu objetivo deve ser o de envolver a todos, independentemente de raça, idade, sexo, deficiência, crenças religiosas e culturais e orientação sexual. Quando existe uma verdadeira inclusão, é quando se remove todas as barreiras, discriminação e intolerância. Quando é implementado de maneira adequada, deve fazer com que todos se sintam incluídos e apoiados, seja qual for o ambiente em que estejam. Inclusão é sobre como são estruturadas as escolas, as salas de aula e as aulas para que todos os alunos aprendam e participem juntos. Outra preocupação presente diz respeito as representações sociais, presentes na sociedade brasileira, ou melhor, no imaginário social, das variadas formas de exclusão construídas e representadas por meio de estigmas e estereótipos.

**Palavras-chave:** Ambiente; Estereótipos; Estigmas.

### INTRODUÇÃO

Mesmo com as mudanças que vem se consolidando no Brasil em relação aos tratamentos, intervenções e políticas públicas para pessoas com necessidades especiais, ainda é possível enxergar muitos desafios a serem transpostos pelos profissionais da educação em relação ao atendimento da criança e da família.

A família é entendida como elemento importante na rede de apoio, mas precisa ser qualificada para

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia. Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional. Professora na Rede Municipal de São Paulo.

apoiar e auxiliar no tratamento. Nem sempre a relação entre os familiares e os profissionais que atendem as crianças é harmoniosa, cabendo ao profissional propor estratégias que amenize e convide a família a juntos apoiarem e superarem.

Fazer valer o direito à educação para todos não se limita a cumprir o que está na lei e aplicá-la, sumariamente, às situações discriminadoras. O assunto merece um entendimento mais profundo da questão de justiça. A escola justa e desejável para todos não se sustenta unicamente no fato de os homens serem iguais e nascerem iguais.

A inclusão escolar está articulada a movimentos sociais mais amplos, que exigem maior igualdade e mecanismos mais equitativos no acesso a bens e serviços. Ligada a sociedades democráticas que estão pautadas no mérito individual e na igualdade de oportunidades, a inclusão propõe a desigualdade de tratamento como forma de restituir uma igualdade que foi rompida por formas segregadoras de ensino especial e regular.

As políticas educacionais não estabelecem uma remuneração descente para os professores, que são obrigados a trabalhar dois e até três turnos, para conseguirem manter sua sobrevivência, e a de sua família.

Ao falarmos em inclusão escolar temos que destacar a importância dessa inclusão para desenvolvimento social, para desconstrução de um imaginário social, e a representação deste imaginário no inconsciente dos indivíduos. Assim, inclusão escolar permitiria trabalhar os novos indivíduos que iram ditar as regras e padrões da nova sociedade que estaria se formando, por meio da nova geração. Através da convivência com as diferenças as crianças vão construindo o processo para inclusão social, um mundo melhor, no qual todos saem ganhando, e com isso, possibilitando falar em inclusão social real.

Silva e Morino (2012, p. 33) afirmam que:

Enquanto as teorias educacionais pensam como acontece o processo de ensino-aprendizagem, as teorias neurocientíficas as executam através de representações visuais do cérebro, ou seja, por intermédio das neuroimagens, uma ferramenta necessária à educação moderna e futurista.

A educação inclusiva deve garantir o acesso a uma educação de qualidade para todos os alunos, atendendo efetivamente às diversas necessidades de uma maneira que seja receptiva, respeitosa e solidária. Os alunos participam do programa educacional em um ambiente de aprendizado comum, com apoio para diminuir e remover barreiras e obstáculos que podem levar à exclusão.

Para uma real inclusão de crianças com Necessidades Especiais nas salas de aula regulares, pesquisadores encontraram obstáculos como: a implementação incorreta do direito de crianças com Necessidades Especiais à integração e inclusão no sistema regular de ensino; falta de informação sobre as competências especiais das crianças com Necessidades Especiais; ações limitadas para erradicar a discriminação, segregação e marginalização dentro e fora das escolas por professores e alunos; formação inadequada/falta de formação de professores, autoridades educativas e governos envolvidos na incorporação de crianças com Necessidades Especiais fora do ensino regular; falta de interesse, colaboração, liderança, desafios, comprometimento, responsabilidade dos atores educacionais e dos grupos de apoio.

Em relação à formação inadequada de professores, estudos anteriores confirmam que as competências do professor que atende alunos com Necessidades Especiais não estão em sintonia com a concepção onde se considera que a deficiência não está na disciplina, mas é gerada pela existência de deficiências inadequadas, contextos estereotipados e rígidos em relação às suas concepções de ser humano.

## APOIO E SUPORTE ÀS FAMÍLIAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

A família, a escola e a sociedade proporcionam o desenvolvimento integral das pessoas com deficiências no percurso de sua vida.

A mãe de uma criança deficiente parece experimentar complexas combinações de emoções ao ficar sabendo que o filho tem deficiência mental (...) discordância ou batalha entre aquilo que se esperava e o que havia acontecido, tais conflitos psicológicos maternos são reações ao desapontamento. (SÓLCIA, 2004, p. 49).

É sabido que as relações entre família, escola e sociedade são fundamentais para colaborar com o processo de inclusão das pessoas com deficiência.

Há necessidade de se compreender como são estabelecidas as relações entre escola, família e sociedade, visando facilitar a aprendizagem, o desenvolvimento humano e a inclusão das pessoas com deficiências.

A família, a escola e a sociedade contribuem para o desenvolvimento das pessoas com deficiências, pois são ambientes favoráveis para um bom desenvolvimento, devendo atuar de maneira integral e significativa.

De acordo com Dessen e Polonia (2007, p. 12):

[...] como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social. E é por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola [o que se constitui como] fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa. (p.22)

Percebe-se que com o passar dos anos, as pessoas com deficiências vão sendo tratadas de formas diferentes, como séculos atrás, nos quais eram inúteis, e atualmente são incluídas na sociedade, com acompanhamentos adequados na família e na escola.

Muitas famílias ainda tendem a reproduzir o preconceito e acabam aceitando a pessoa com deficiência como alguém incapaz e restringindo o convívio em sociedade.

Segundo Mazzotta (1982, p.3):

A própria religião, com toda sua força cultural, ao colocar o homem como imagem e semelhança de Deus, ser perfeito inculcava a ideia da condição humana como incluindo perfeição física e mental e não sendo parecidos com Deus, os portadores de deficiência eram colocados postos a margem da condição humana.

Atualmente, as famílias vêm recebendo mais suporte para tratamento das pessoas com deficiências e

aceitam melhor o fato de ter uma pessoa com deficiência na família, optando por realizar os tratamentos adequados para o desenvolvimento das pessoas com deficiência.

De acordo com Sasaki (1997, p. 43):

O que hoje é normal pode não ter sido ontem e não sabemos como será amanhã. O que aqui é normal pode ser anormal em outro lugar ou vice-versa. De tal maneira que o normal não se encontram dentro da pessoa, mas fora dela é aquilo que os outros percebem nas pessoas.

Nota-se que as pessoas com deficiências precisam ser tratadas com cuidados especiais e que devem ter garantidos direitos de serem atendidas com serviços pertinentes, podendo desenvolver suas potencialidades e ter uma vida normal na medida do possível.

## O PAPEL ESSENCIAL DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A adoção de estratégias de educação inclusiva - em que os alunos de educação especial são imersos em salas de aula com colegas com desenvolvimento típico - aumentou rapidamente nas últimas décadas.

Estudos têm mostrado que a aprendizagem inclusiva beneficia todos os alunos em sala de aula, fornecendo instrução atenciosa e personalizada e promovendo a individualidade e a igualdade. Um aluno com autismo pode se sentir mais calmo quando cercado por um grupo diversificado de colegas, enquanto um aluno sem deficiência pode aprender como formar relacionamentos positivos com uma variedade maior de crianças.

As escolas regulares com orientação para a educação inclusiva, são o meio mais eficaz no combate às atitudes discriminatórias, propiciando condições para o desenvolvimento de comunidades integradas, base da construção da sociedade inclusiva e obtenção de uma real educação para todos (UNESCO,1994, p.09).

Estabelecer um ambiente de aprendizagem integrado de sucesso é uma tarefa complexa que envolve professores, administradores e famílias. Professores de educação especial e de educação geral geralmente

trabalham juntos para desenvolver um currículo e criar uma cultura estudantil positiva. Em uma sala de aula inclusiva, os professores de educação especial têm o papel essencial de garantir que os alunos com deficiência ou necessidades especiais recebam uma educação de qualidade.

Em um país como o nosso, em que a educação de qualidade é privilégio para poucos, pessoas com necessidades especiais precisam enfrentar inúmeras barreiras para alcançar a escolarização. O desconhecimento e a falta de informação levam ao preconceito, muitas vezes vivificado de forma cruel.

Além da aprendizagem em si, a escola tem que estar atenta para colaborar com a inclusão dos alunos na sociedade, e para dar suporte ao núcleo familiar que também enfrenta dificuldades para se comunicar com as crianças deficientes.

É papel do educador ajudar os indivíduos a se sentirem aceitos do jeito que são, sem que suas características particulares sejam apontadas como defeitos. Muitos estudos apontam a diferença qualitativa no desenvolvimento dos alunos que se sentem incluídos na escola – a começar pelos recursos arquitetônicos e curriculares.

A partir disto, pretende-se demonstrar também como faz diferença quando se planeja aulas realmente inclusivas, que dão conta de maneira flexível das necessidades de todos os alunos, sem exceções. Desta forma nos aproxima-se do objetivo maior de garantir a inclusão social como processo de adaptação da sociedade para receber os indivíduos que dela estão excluídos.

Nos últimos anos, várias pesquisas abordaram a importância da inclusão nas instituições de ensino, surgindo leis que incentivaram a sociedade olhar a realidade de muitas crianças que viviam à margem dela.

Em tempos atuais grandes esforços estão concentrados nas mudanças que devem ser produzidas para que os educandos com necessidades especiais possam vivenciar o momento da escola igual ao de pessoas sem nenhuma necessidade especial.

A Constituição Brasileira de 1988 garante o acesso ao Ensino Fundamental regular a todas as crianças e adolescentes, assegurando, portanto, o mesmo direito para as crianças com necessidades especiais, com atendimentos especializados complementares, de acordo com a vontade dos pais.

A partir do impacto da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), 9394/96, gerou-se a visibilidade quanto à existência e os direitos das pessoas com necessidades educacionais especiais.

Quanto antes o diagnóstico puder ser feito e as intervenções necessárias realizadas, maior a chance de a criança com necessidades especiais progredir no âmbito escolar, social e afetivo.

## TIPOS DE DEFICIÊNCIA

### Transtorno do espectro do autismo (ASD)

O Transtorno do Espectro do Autismo se refere a uma deficiência de desenvolvimento que afeta significativamente a comunicação (verbal e não verbal) e a interação social. Esses sintomas são geralmente evidentes antes dos três anos de idade e afetam adversamente o desempenho educacional da criança. Outras características identificadoras de pessoas com TEA são o engajamento em atividades repetitivas / movimentos estereotipados, resistência à mudança no ambiente e na rotina diária e respostas incomuns a estímulos sensoriais.

### Surdo-cegueira

A surdez cegueira refere-se a deficiências visuais e auditivas concomitantes. Essa combinação causa graves necessidades de comunicação, desenvolvimento e educação que não podem ser atendidas por meio de programas de educação especial apenas para crianças com cegueira ou surdez.

### Surdez / deficiência auditiva

Surdez significa que a deficiência auditiva de uma criança é tão severa que afeta o processamento de informações linguísticas com ou sem amplificação e afeta adversamente o desempenho educacional da criança. A deficiência auditiva se refere a uma deficiência (flutuante ou permanente) que afeta adversamente o desempenho educacional de uma criança.

### Atraso de Desenvolvimento

Atraso no desenvolvimento é um termo designado para crianças do nascimento aos nove anos e é definido como um atraso em uma ou mais das seguintes áreas: desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento físico, desenvolvimento sócio emocional, desenvolvimento comportamental ou comunicação.

### Distúrbio emocional

Perturbação emocional refere-se a uma condição que exhibe uma ou mais das seguintes características durante um longo período de tempo e em um grau excepcional que afeta adversamente o desempenho educacional de uma criança:

- Incapacidade de aprender que não pode ser explicada por fatores intelectuais, sensoriais ou de saúde
- Incapacidade de construir e / ou manter relacionamentos interpessoais satisfatórios com colegas e professores
- Tipos de comportamento ou sentimentos inadequados em circunstâncias normais

- Um humor generalizado de infelicidade / depressão
- Uma tendência de desenvolver sintomas físicos ou medos associados a problemas pessoais ou escolares

O distúrbio emocional não se aplica a crianças socialmente desajustadas, a menos que seja determinado que tenham um distúrbio emocional.

#### Deficiência Intelectual

A deficiência intelectual é definida como um funcionamento significativamente abaixo da média da inteligência geral que existe ao lado de déficits no comportamento adaptativo e se manifesta durante o período de desenvolvimento da criança, causando efeitos adversos no desempenho educacional da criança.

#### Deficiências Múltiplas

Crianças com deficiências múltiplas são aquelas com deficiências concomitantes, como deficiência intelectual e cegueira ou deficiência intelectual e deficiência ortopédica. Essa combinação causa graves necessidades educacionais que não podem ser atendidas por meio de programas destinados a crianças com uma única deficiência.

#### Deficiência ortopédica

Deficiências ortopédicas referem-se a deficiências ortopédicas graves que afetam adversamente o desempenho acadêmico de uma criança. Deficiências ortopédicas incluem aquelas causadas por anomalias e doenças congênitas, bem como deficiências por outras causas (por exemplo, Paralisia Cerebral).

#### Outros problemas de saúde

Outras deficiências de saúde referem-se a uma limitação de força, vitalidade ou estado de alerta, resultando em estado de alerta limitado ao ambiente educacional de alguém. Essas deficiências geralmente são devidas a problemas de saúde crônicos ou agudos - incluindo epilepsia e síndrome de Tourette - e afetam adversamente o desempenho educacional da criança.

#### Deficiência de aprendizagem específica

A deficiência de aprendizagem específica refere-se a uma gama de distúrbios em que um ou mais processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão / uso da linguagem - falada ou escrita - estabelece uma deficiência na capacidade de ouvir, pensar, ler, escrever, soletrar e / ou cálculos matemáticos completos. Incluem-se as condições como deficiências perceptivas, dislexia (também discalculia, disgrafia), lesão cerebral, disfunção cerebral mínima e afasia do desenvolvimento. As deficiências de aprendizagem específicas não incluem problemas de aprendizagem resultantes de deficiências visuais, auditivas ou motoras, deficiência intelectual, perturbações emocionais ou que sejam colocados em desvantagem ambiental /

econômica.

Dano de fala / linguagem

Os distúrbios de fala ou linguagem referem-se a distúrbios de comunicação, como gagueira, dificuldade de articulação ou de linguagem / voz, que têm um efeito adverso no desempenho educacional da criança.

Lesão cerebral traumática

Lesão cerebral traumática refere-se a uma lesão adquirida no cérebro causada por forças físicas externas. Essa lesão resulta em deficiência funcional parcial ou total e / ou prejuízo psicossocial e deve afetar adversamente o desempenho educacional da criança.

Deficiência visual (incluindo cegueira)

A deficiência visual, que inclui a cegueira, refere-se à deficiência visual que, mesmo após a correção, afeta negativamente o desempenho educacional da criança. O termo “deficiência visual” inclui pessoas com visão parcial e cegueira.

## DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM PARA CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Aprender é um processo de mudança comportamental, resultante da experiência construída por aspectos emocionais, ambientais e neurológicos.

A aprendizagem, em seu aspecto global, é idêntica a cada aprendizagem; em seu aspecto particular, deve ser traduzido pela heterogeneidade dos dutos observados na aprendizagem em sala de aula, ou seja, cada um tem suas peculiaridades na hora de aprender. Os exercícios de aprendizagem, como armazenar e consolidar passaram por transformações e, atualmente, a base educacional é formada pela reflexão, pela busca, pela urgência de criar novos procedimentos.

De acordo com Mittler (2000, p. 25):

(...) no campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola.

A educação, assimilada como prática comunitária e inserida em um contexto social, econômico e político, não é uma atividade neutra. A prática pedagógica, quando realizada dentro dos valores dominantes,

reduz a exclusão social. Essa mudança traz benefícios para todos, garantindo direitos fundamentais em diversos níveis.

Assim, o ser humano que está incompleto em sua estrutura biológica é considerado deficiente. Historicamente, são determinados a serem incapazes e ineficientes no mundo do trabalho, educação e convívio com outras pessoas. Hoje, através do novo paradigma da inclusão educacional e social para o resgate da integração, a fim de construir uma sociedade mais justa e menos discriminatória.

A educação inclusiva é um movimento contemporâneo, que busca a inclusão de todos na rede regular de ensino, proporcionando igualdade de condições de acesso e permanência na escola, e que inclua não só inserir o aluno com necessidades especiais no ensino regular, mas proporcionar-lhe tanto acompanhamento técnico específico do ensino, visando sempre a busca pelo conhecimento.

Educação inclusiva, portanto, significa educar todas as crianças em um contexto escolar. A opção por essa modalidade de ensino não significa negar as dificuldades dos alunos. Pelo contrário. Com a inclusão, as diferenças não são vistas como problemas, mas sim como diversidade. É essa variedade, a partir da realidade social, é possível ampliar a visão de mundo e desenvolver oportunidades de convivência para todas as crianças. Preservar a diversidade apresentada na escola, presente na realidade social, representa oportunidade de atendimento às necessidades educacionais com ênfase nas habilidades, capacidades e potencialidades de educar.

A inclusão escolar, não é um processo fácil, mas sim um desafio. A escola trata de um novo tema, deixando de lado seu caráter seletivo. Escolas de qualidade são aquelas que propõem contextos educacionais em que todos os alunos tenham oportunidades de aprender, sempre respeitando a pluralidade de culturas, a complexidade da interação humana e o ideal de que todos os indivíduos tenham a mesma capacidade de inteligência.

De acordo com Strieder e Zimmermann (2000, p. 146):

A inclusão exige uma mudança de mentalidade e de valores nos modos de vida e é algo mais profundo do que simples recomendações técnicas, como se fossem receitas. Requer complexas reflexões de toda a comunidade escolar e humana para admitir que o princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade, presente numa comunidade humana.

Centros educacionais, locais onde se agregam valores, princípios e conhecimentos, todos os alunos aprendem, sejam estes portadores de necessidades especiais. A comunidade em geral, o ambiente familiar e

demais agentes sociais devem ser impulsionadores do desenvolvimento e da inserção das pessoas com deficiência, tanto na escola como no mercado de trabalho e na vida social.

Incluir pessoas com necessidades educacionais especiais na escola regular pressupõe uma grande reforma no sistema educacional. Isso implica a flexibilidade ou adequação do currículo, com modificação das formas de ensino, metodologia e avaliação; Implica também no desenvolvimento de trabalhos em grupo em sala de aula e na criação e adaptação de estruturas físicas que facilitem a entrada e circulação de todas as pessoas. É um desafio, fazer a inclusão, sem perder de vista que além das oportunidades, devemos garantir não só o desenvolvimento da aprendizagem, como também o desenvolvimento integral das pessoas com necessidades educacionais especiais.

## REFERENCIAL TEÓRICO (OU DISCUSSÃO TEÓRICA)

A discussão teórica nesse artigo se baseia em uma pesquisa bibliográfica, com a corroboração de autores que denotam sobre o tema Inclusão nas escolas de pessoas com deficiência.

## OBJETO DE ESTUDO

O problema dessa pesquisa se centraliza no processo de inclusão de pessoas com deficiência nas escolas. Os objetivos desse artigo são de refletir a respeito do processo de inclusão de pessoas com deficiência.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse artigo foi baseado em uma pesquisa bibliográfica, para que profissionais da educação possam refletir a respeito do processo ensino aprendizagem de alunos com deficiência, tentando colaborar para que esse entendimento seja significativo para os leitores desse artigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão é um dos fenômenos mais significativos dos últimos anos no campo da educação. Sua origem na década de 1960 nos países desenvolvidos surgiu em movimentos pelo direito das minorias não serem discriminadas na conscientização das condições em que viviam as pessoas com deficiência. A partir dessas mudanças, os princípios de atuação na educação especial foram transformados apostando em objetivos semelhantes aos do restante da população.

A Educação Inclusiva baseia-se na ideia de que a educação é um direito humano básico e fornece as bases para uma sociedade mais justa, independentemente de suas características ou dificuldades particulares. Este direito justifica-se educacionalmente pela necessidade de todas as crianças serem educadas em conjunto, obrigando as escolas a conceber métodos de ensino para as diferenças individuais; socialmente porque educar todas as crianças juntas lança as bases para uma sociedade mais justa,

A inclusão escolar mostra que a atenção à diversidade é um processo complexo, que apesar de seus esforços não contemplaram todos os seus objetivos. No entanto, representa uma mudança importante no cenário educacional.

A inclusão de pessoas com deficiência é um processo contínuo e progressivo que parte do grupo familiar com o objetivo de incorporar o indivíduo com necessidades especiais na vida escolar, social e laboral em geral. A inclusão educacional é válida, satisfazendo as necessidades gerais das pessoas com deficiência na sala de aula regular e aquelas específicas de sua interação como professor especialista. Essas ideias constituem uma visão universal de inclusão, mas essa generalidade tem sido observada a partir de diferentes perspectivas de acordo com as experiências e pesquisas mundiais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, 1994.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394, 20 de dezembro de 1996. Brasília,

Ministério da Educação, 1996.

\_\_\_\_\_. MEC. **Secretaria de Educação Especial: Direito à educação: orientações gerais e marcos legais**. Brasília: MEC/SEESP. 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial**. Decreto Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2º ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DESSEN; M. A.; POLONIA, A.C. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em 13 set. 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. 3. Ed. São Paulo: Summus, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão Escolar**. Summus editorial. 4ª edição. SP, 2006 Pg. 16, 17, 36, 37, 39, 40, 41

MENDES, E. G. **Construindo um “lócus” de pesquisas sobre inclusão escolar**. In: MENDES, E.G; ALMEIDA, M. A; WILLIAMS, L. C. de. **Temas em educação especial: avanços recentes**. São Carlos: EDUScar, pp.221-230, 2004.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva. Contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

POKER, Rosimar Bortolini. **Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas: uma proposta educacional**. UNESP, 2001.363P. Tese de Doutorado.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 4ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSAKI, R. K. **As escolas inclusivas na opinião mundial**. Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano 2, n. 2. p. 7-10, jan./fev. 1998.

SILVA, Fiderisa; MORINO, Carlos Richard Ibanez. **A importância das neurociências na formação de professores**. MOMENTO - Diálogos em educação, Rio Grande, v. 21, n. 1, p. 29-50, 2012.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação 1998.

SÓLCIA, I. V. **Âmbito familiar: a reação da família frente a notícia da deficiência dos filhos**. Monografia apresentada na Universidade Estadual do Norte do Paraná. 2004.

STAINBACK, Susan Willian. **Inclusão, um guia para Educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

## COMO DESENVOLVER UM PROJETO LUDOPEDAGÓGICO

Autor(a): **Maria Aparecida da Silva**

### Resumo

O presente artigo visa objetivar a compreensão da importância de implantar projetos com Brinquedos e Brincadeiras pretende despertar nas famílias e nas comunidades o interesse pelo brincar e pelas atividades de lazer, além de contribuir para o desenvolvimento infantil, não só das crianças como também das famílias e das comunidades em geral. Busca-se compreender a importância da arte e oficinas de música e brinquedo para o desenvolvimento de crianças com deficiência intelectual.

**Palavras-chave:** projeto educacional; ludopedagogia; oficina; deficiência intelectual.

### INTRODUÇÃO

Para desenvolver com sucesso o Projeto Brinquedos e Brincadeiras, obtendo os resultados desejados recomenda-se o cumprimento de algumas etapas:

*Sensibilização (um despertar...):* Num primeiro momento a equipe responsável estimulará o desenvolvimento das famílias nas comunidades. Como? Promovendo "momentos do brincar". Onde? No dia da Celebração da vida, nas comunidades, reuniões, encontros etc.

*Partilha e Apresentação:* Em Reuniões, compartilhar o "momento do brincar" – sua importância e contribuições. Apresentar a proposta do Projeto Brinquedos e Brincadeiras, onde serão também convidadas pessoas com o perfil de serem brinquedistas nas comunidades, rodas de conversa, etc.

*Atividades a Serem Desenvolvidas pelo Projeto:* O Brinquedista já capacitado estimulará o envolvimento das crianças juntamente com as famílias realizando atividades lúdicas com as crianças, participando dos momentos de lazer comunitário ou das oficinas de construção de brinquedos, entre outros. Tais atividades dispensam um material sofisticado, elas podem ser realizadas apenas com o material já disponível, com brinquedos construídos por líderes, com as famílias e/ou com jovens das comunidades.

Desta forma estimularemos efetivamente um caminho junto às famílias do seu papel de educadora, bem como da importância do brincar na criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento da criança.

#### 1. Perfil do Brinquedista (educador ou psicopedagogo na escola):

O brinquedista é aquele que procura viver a mística, o amor, o zelo pela vida.

Falemos um pouco de quatro qualidades essenciais para um brinquedista:

**Sensibilidade:** para respeitar a criança e perceber as diferenças de seus pensamentos e sentimentos, agir sem ferir sensibilidades, sem limitar seu desempenho, nem interferir ao dirigir processos que devem ser espontâneos.

**Entusiasmo:** a alegria é fundamental; sem ela não há favorecimento ao lúdico... sem entusiasmo não é possível contagiar o ambiente de forma estimuladora. Sem entusiasmo pode faltar o esforço necessário a novas tentativas e à propagação da criatividade.

**Determinação:** apesar das dificuldades é preciso não desistir, porque é preciso imprimir um ritmo determinado ao trabalho, caso contrário, não se desenvolverá segundo os objetivos, mesmo quando parece que não vale a pena.

**Competência:** se queremos fazer bem uma tarefa, temos que nos preparar para isso, sendo indispensável conhecer como a criança pensa, se desenvolve e quais as suas necessidades nas diferentes fases de desenvolvimento. Para o bom desempenho do brinquedista.

De maneira geral, o Brinquedista deve ser uma pessoa alegre, mesmo nos dias mais cansativos; que possua boa capacidade de se comunicar e paciência para lidar com a inquietude das crianças; que tenha disponibilidade afetiva para brincar várias vezes; que não se apavore com a desordem e que, acima de tudo, goste muito de brincar.

Será que existem pessoas com todas essas qualidades?

Existem sim: são aquelas que se solidarizam com as crianças e que, por amor querem proporcionar-lhes horas felizes.

Brincar com uma criança é demonstrar amor por ela..., somente quando tivermos certeza de que é isso o que ela deseja, respeitaremos o seu "tempo" e o seu jeito de Brincar.

## BRINCAR É IMPORTANTE

Brincar é fundamental para a criança e traz vários benefícios, como a melhora da socialização, da

criatividade e da coordenação motora. À medida que a criança manipula objetos, produz sons ou fantasia situações, diferentes conexões cerebrais vão sendo formadas (as sinapses). É assim que o corpo e o cérebro desenvolvem as habilidades que serão usadas ao longo da vida. Para estimular uma criança, não é preciso cobri-la de objetos coloridos, forçar o interesse por jogos ou introduzir conteúdos pedagógicos na brincadeira. O ideal é deixar que se guie pela curiosidade. Para isso, basta um ambiente afetivo seguro e rico, em que possa pegar objetos e se deslocar livremente.

Brincando, a criança está nutrindo a sua vida interior, atendendo suas necessidades emocionais, e descobrindo a vocação que poderá dar um sentido à sua vida, desafio e motivação para a criança, descobre, inventa, exercita suas habilidades autoconfiança, e de dom natural, quando bem cultivado, irá contribuir no futuro para eficiência e equilíbrio do adulto.

O brinquedo é um convite ao brincar, este facilita e enriquece a brincadeira, proporcionando O brinquedo é uma oportunidade de desenvolvimento. Brincando a criança experimenta. Para Kishimoto:

“Brinquedo será entendido sempre como objeto, suporte de brincadeira, brincadeira com a discricão de uma conduta estruturada, com regras e jogos infantis para designar tanto o objeto e as regras do jogo da criança (brinquedo e brincadeiras).” (Kishimoto (1994, p. 7)

Os brinquedos são alimentos para a fome de conhecer da criança e para que o brinquedo seja significativo para criança é preciso que tenha pontos de contato com sua realidade, e como consequência da realização de unia atividade agradável, a criança fica mais calma e relaxada.

O brinquedo vai proporcionar:

- Desenvolvimento e aprendizagem.
- Inteligência e concentração da atenção
- Desenvolvimento da linguagem
- Desenvolvimento da sociabilidade

A relação criança x brinquedo x adulto

A forma como uma criança recebe um brinquedo é muito importante, pois ela percebe as razões pela qual o adulto está oferecendo aquele brinquedo: "se é um brinquedo que o adulto gostaria de ter, ou se é um brinquedo usado para comprar o afeto da criança ou ainda se é um brinquedo para livrar-se da criança pôr um bom espaço de tempo".

A criança que não brinca, não se aventura em algo novo desconhecido. Se, ao contrario, é capaz de brincar, de fantasiar, de sonhar, está revelando ter aceitado o desafio do crescimento, a possibilidade de errar de tentar e arriscar para progredir e evoluir. (LIBOVICI e DIATKINI, 1985, p. 6).

De qualquer maneira é indispensável que a criança seja atraída pelo brinquedo. O adulto transmite á criança certa forma de "ver " as coisas sendo assim aprender a ver é o primeiro passo para a descoberta. O adulto é quem pode proporcionar oportunidade para a criança ver as coisas interessantes, mas é muito importante respeitar o momento peio qual a criança está passando, é de interesse ou desinteresse.

Brincar junto reforça os laços afetivos é uma maneira de mostrar nosso amor pela criança, sendo que toda a criança gosta de brincar com adultos (pais, professora, avôs...), com isso a criança sente-se prestigiada e desafiada pelo parceiro, e isto torna a experiência mais estimulante e mais rica em aprendizado. Observando o desempenho da criança junto a seus brinquedos podemos avaliar o nível de seu desenvolvimento e assim enriquecer sua aprendizagem, fornecendo através dos brinquedos elementos nutrientes para seu desenvolvimento, dando novas informações no momento adequado e no nível de compreensão da criança.

Não havia separação entre brincadeiras e jogos reservados as crianças e aos adultos, pois estes representavam um elo entre o indivíduo e a sua comunidade; além disso, jogos e brincadeiras representavam, e continuam representando, também, a possibilidade de manutenção e transformação de conteúdos históricos da humanidade. (TEIXEIRA, 2010, p. 32-33).

O hábito de guardar o brinquedo deve ser introduzido com cuidado fazendo coro que a criança participe na arrumação feita pelo adulto, quando o adulto tem o hábito, constante e natural, de guardar com carinho aquilo que utiliza.

A criança automaticamente vai adquirir o mesmo hábito e aprender a zelar pela ordem e conservação do brinquedo, e pode sentir satisfação em guardar como houve no brincar.

O brinquedo é o trabalho da criança. A criança que, brinca bastante será uma adulto trabalhador, no brincar desenvolve a capacidade de engajar-se, de manter-se ativo e participante, consciente, respeitar as normas grupais e sociais e engajar-se na vida de sua comunidade.

O brinquedo é outro termo indispensável para compreender esse campo. Diferindo do jogo, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização. (KISHIMOTO, 2007, p. 18)

A criança que brinca, quando adulto escolherá uma profissão certamente adequada e saberá usar de forma criativa seu tempo livre.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DIVERSOS TIPOS DE BRINQUEDO

*Brinquedos de berço* - São importantes para a estimulação sensorial e inalara do bebê A presença de pequenos objetos na universo da criança chama sua atenção e desperta seus sentidos. é urna importante para o desenvolvimento da criança; (ex. Móviles, chocalhos, bichinhos, brinquedos para morder e pegar...)

*Brinquedos de afeto* - São brinquedos que despertam em todos que os vêem, urna vontade de acariciá-los e abarcá-los. As vezes estes brinquedos tornam-se companheiros indispensáveis á criança pôr representarem o apoio de um amigo silencioso que nada pergunta e nada pede, só oferece conforto.

Este brinquedo que possibilita uni tipo de veículo não é aconselhável tê-lo em brinquedotecas; (ex. Ursinhos, bonecas,-gatinhos...) Brinquedos para o "faz-de-conta" O jogo simbólico, o pensamento da criança evolui a partir de suas ações, ou seja, ela precisa vivenciar suas idéias para poder compreender seu significado na vida real. O brinquedo para o "faz-de-conta" funcionam como um apoio a fantasia, facilitando o processo de simbolização e atribuição de papéis que a criança faz; ( ex. Carrinhos, barquinhos, bule, ferramentas, cama...)

As *bonecas* - São usadas pelas crianças para projetar suas próprias emoções. As bonecas dão oportunidades ás crianças de sentir-se forte e grande como um adulto, de repreender, dc super proteger, de castigar, de cuidar, de amar ou rejeitar, fazendo com que elas amadureçam através da elaboração de sentimento e da vivência do papel de adulto.

Os *fantoches* - Estimulam a imaginação e a linguagem da criança. Através dos fantoches as crianças conseguem demonstrar sentimentos antes escondidos porque a atenção esta voltada para os brinquedos e não para a criança. Esta brincadeira faz com que a criança aprenda a tornar decisões e a expressar-se. Quando o adulto manipula o fantoche tem em suas mãos um recurso mágico de fácil penetração no mundo infantil.

As *fantasias* - Já dizia o antigo ditado popular que o "hábito faz o monge", roupas variadas, sapatos, colares, paletós, gravatas,chapéus, perucas, bigodes, são peças que estimularão as crianças a soltarem suas fantasias, representando vários papéis ajudando na busca de sua identidade.

*Teatrinho de sombras* - Encanta pelo mistério representado pelas sombras que se movem. Baseia-se na combinação de três elementos:

- uma tela para projetar as sombras:
- um foco de luz colocado atrás da tela:
- silhuetas recortadas em pîleo ou as nossas mãos.

*Brinquedos hipnóticos ou que exercem fascinação* - Atraem a atenção e proporcionam gratificação rápida, não exige muitas habilidades. Ajudam a descarregar tensões e desenvolvem a concentração e atenção; ( ex.

Jogos de controle remoto, aquário...)

*Bola* - Brinquedo para todas as idades, é um eterno convite a ação e ao jogo, desenvolve a coordenação ampla e a sociabilidade.

*Brinquedos de guerra* - Propõem a solução de conflitos pela violência ou morte dos oponentes, enquanto houver programas de televisão que apresentam armas de violência nossas crianças estarão brincando de guerras; mas para que isto não torne-se algo ruim para a criança devemos conversar com elas e trocar idéias a respeito do seu significado.

*Brinquedos pedagógicos* - Tem como objetivo proporcionar aprendizagem a criança, atendendo suas necessidades no momento que o utiliza, sendo que a satisfação da criança está justamente em chegar ao final da brincadeira alcançando o objetivo do mesmo.

## O BRINQUEDO E O DEFICIENTE MENTAL

"A criança se desenvolve através de sua interação com o ambiente que a envolve o nível de sua interação depende do potencial intelectual que possui. A criança bem-dotada é motivada a agir, porque extrai do seu meio os estímulos que propiciaram os seu desenvolvimento.

A criança deficiente mental, pelas dificuldades que apresenta tem menor possibilidades de aproveitar as situações a sua volta, podendo mesmo ficar alheia aos acontecimentos que a cercam. Algumas vezes a criança deficiente mental não demonstra interesses por brinquedos não os explora e não manifesta prazer nas brincadeiras de grupo.

Quando isto acontece, faz-se necessário uma ajuda para despertar seu interesse, caso contrário, não irá beneficiar-se das oportunidades que o brinquedo oferece o seu desenvolvimento.

Apresentar o brinquedo mostrar como ele funciona, estimular sua participação são formas de animá-la. O medo de encontrar dificuldades que não possa superar é também uma das razões de seu desinteresse e provoca a vontade de repetir sempre o jogo que já aprender a manipular. Para poder proporcionar-pie experiências positivas, é conveniente conhecer o nível de seu desenvolvimento e sugerir jogos compatíveis com ele. Sua idade mental poderá condicionar as suas possibilidades a nível cognitivo, mas sua idade cronológica e sua vivência certamente determinarão seu interesse. Não existem, como pensam alguns, brinquedos especiais para excepcionais, as crianças deficientes mentais brincam com os mesmos brinquedos que as normais, porém a escolha de seus brinquedos precisa ser mais criteriosa para que não se corra o risco de oferecer-lhe um jogo

com o qual não tenha condições de brincar.

A criança deficiente tem maior necessidade de brinquedos e materiais, pois, pôr ter dificuldade em abstrair precisa de experiências concretas para aprender.

## CONCLUSÃO

Ao mesmo tempo, as atividades propostas por um projeto de brincadeiras com arte, são com certeza, momentos importantes para as conversas dos líderes com os pais sobre as necessidades da criança e o papel das famílias em sua educação.

E a criação de políticas públicas que assegurem uma rede social de apoio que ajude as mães a melhor cuidar de si próprio e da criança. Os resultados desse estudo não podem ser generalizados visto que se investigo apenas uma criança, que frequenta a APAE.

A pesquisa realizada atendeu aos objetivos propostos, porém, reconhece-se que apesar desse trabalho e das várias pesquisas na área ainda há muito que se buscar sobre o assunto

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

\_\_\_\_\_, **Declaração de Salamanca e linha de ação** - sobre necessidades educativas especiais. Brasília: MAS/CORDE, 1994.

BRASÍLIA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996.

CARNEIRO, Rogéria. **Sobre a Integração de Alunos Portadores de Deficiência no Ensino Regular**. Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação: o sonho possível**. In: BRANDÃO, Carlos (org.). **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GALVÃO, M.I. **O Espaço Do Movimento: Investigação No Cotidiano De Uma Pré-Escola À Luz Da Teoria De Henri Wallon**. Dissertação De Mestrado, Universidade De São Paulo, São Paulo-SP, 1992

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 10. ed. São Paulo: Editora

Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

\_\_\_\_\_. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2008

LIBRIVIA & DIATKINE. **Significado e função do brinquedo na criança**. Tradução de Liana di Marco. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

LEI FEDERAL 8069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ed. Palloti, Santa Maria, 1996.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon. Editora SENAC, 1997.

PIAGET, J. **A Construção Do Real**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. PIAGET, J. A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação. de jogo: São Paulo: Zahar, 1971.

PIAGET, Jean e INHELDER, B. **Gênese Das Estruturas Lógicas Elementares**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1971

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: Implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Wak, 2010

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. RIO DE JANEIRO: MARTINS FONTES, 1996.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social Da Mente: O Desenvolvimento Dos Processos Psicológicos Superiores**. Tradução De José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto E Solange Castro Afeche - 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. **As Etapas Da Socialização Da Criança**. Lisboa, 1953. WALLON, H. **As Origens do Caráter**. Trad. Heloyza Dantas de Souza Pinto. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

## DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: ENTENDENDO AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS

Autor(a): **Maria Aparecida da Silva**

### Resumo

O presente estudo abrange as dificuldades de aprendizagem nas Séries Iniciais, em especial no 3º ano do Ensino Fundamental, com a realização de coletas de dados, através de entrevista e avaliação diagnóstica, com aluno que apresenta dificuldades deficiência intelectual, buscando auxiliar no processo ensino e assim identificar causas para busca de soluções.

**Palavras-chave:** deficiência intelectual; aprendizagem; séries iniciais.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de abordagem qualitativa, sendo esta escolhida por ser subjetiva, aberta, ampla e focaliza a realidade do aluno do 3º ano do Ensino Fundamental.

A escola pesquisada foi uma instituição da rede pública de ensino, Escola Municipal, que atende alunos da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental na modalidade ensino fundamental em nove anos. Sua equipe multiprofissional tem como filosofia a promoção, prevenção, orientação e apoio à família, objetivando a melhoria de qualidade de vida da pessoa com deficiência.

Essa instituição atende crianças com dificuldades de aprendizagem, como por exemplo dislexia, disgrafia, etc., e com deficiência física na sala do ensino regular. A fim de selecionar um aluno que apresentasse deficiência intelectual, foi analisado o prontuário do aluno do 3º ano do Ensino fundamental, para buscar informações referentes ao desenvolvimento do aluno (como laudos, documentos probatórios da deficiência) por se entender que a criança obtém desenvolvimento físico, motor, da personalidade, e desenvolve competências e habilidades nessa faixa etária.

O prontuário estudado continha o diagnóstico/laudo médico de Paralisia Cerebral. Não havendo recusa de a mãe participar da pesquisa.

O instrumento foi uma entrevista semi-estruturada abordando as seguintes temáticas: reação ao diagnóstico e orientações recebidas; modificações no ambiente familiar; relação da mãe com a criança; relação do familiar consigo próprio; relação da sociedade com a criança; disponibilidade de recursos financeiros e acesso aos serviços de saúde, atividades realizadas com a criança em sala de aula e análise do processo de desenvolvimento educacional.

A entrevista foi realizada na Unidade Escolar, em uma sala disponibilizada pela administração, em dia e horário agendado com o aluno, professor e genitora, o que proporcionou o contato individual e reservado com os participantes. Era um ambiente confortável e seguro, a fim de que os entrevistados se sentissem à vontade para expressarem suas idéias, pensamentos, sentimentos e/ ou dúvidas.

A entrevista foi realizada após os devidos esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa, a importância de suas colaborações, do sigilo das respostas e da liberdade em fazer parte, ou não, da pesquisa podendo desistir a qualquer momento sem serem prejudicados.

A entrevista foi elaborada seguindo às seguintes regras: exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade. Em um segundo momento foi realizado a avaliação diagnóstica com a criança. Em uma terceira etapa, ocorreu o tratamento dos resultados, por meio de inferência e interpretação em coerência com a literatura específica dessa temática.

A mãe da criança é jovem e cuida da criança com amor e dedicação, e dedica-se o tempo todo em seu cuidado não trabalhando fora de casa.

Um dos momentos mais importantes na vida de uma mulher é o nascimento de um filho, fato que gera uma série de modificações na família que terá de se adequar a nova situação. As mudanças podem ser radicais quando ocorre uma situação inesperada e não planejada, como o nascimento de um filho com deficiência. O diagnóstico provoca repercussão, complexa e imprevisível, que costuma deixar marcas profundas na mãe e no pai que estão diretamente envolvidos. Imediatamente após perceberem a deficiência do filho, um dos sentimentos mais comuns evidenciados pelas mães é um complexo de culpa, choro, revolta, rejeição e medo do futuro.

O impacto é tão grande que dificulta o estabelecimento de vínculo, a aceitação do filho, a compreensão das informações, afeta a rotina diária, compromete os sonhos e projetos de cada membro da família, que se desestrutura, sendo necessário longo processo para que retome o equilíbrio. Por isso, o diagnóstico deve ser informado por um profissional capacitado para orientar a família

Passado o impacto do conhecimento do diagnóstico, os pais começam a assimilar a nova situação. A família do aluno, buscou orientação de especialistas sobre a temática difícil buscando meios de favorecer o desenvolvimento do aluno.

O conceito de QI é apontado como o mais adequado ao diagnóstico de deficiência mental. Sabemos que o QI é amplamente aceito nos meios acadêmicos quanto na prática profissional. No entanto, não se pode continuar confundindo processo de cognição ou inteligência com o QI: o primeiro diz respeito às funções cognitivas propriamente ditas; o segundo é um produto das mesmas (PAULON, 2007, p.13)

Os profissionais de saúde exercem influência na resolução do conflito existencial decorrente do nascimento de uma criança com PC, pois, os pais depositam a confiança e a esperança de cura nesses profissionais, cujas atitudes e palavras devem ser dirigidas no sentido de ouvir, e educar os pais e a família a respeito do problema da criança.

Autores relatam que a reestruturação da família da criança com PC pode ser facilitada se os pais e os profissionais adotarem estratégias conjuntas de enfrentamento visando a melhoria da assistência em saúde e ampliando o olhar para a família e sua relação com a criança.

Se houver acompanhamento domiciliar e este proporcionar conhecimento da realidade cotidiana dessas famílias.

Se os familiares participarem ativamente do tratamento, tendo suas opiniões levadas em conta sobre as melhores formas de lidar com o problema. E se os profissionais fornecerem explicações sobre a patologia, prognóstico e evolução da criança.

Nesse processo de reabilitação da criança e de reestruturação da família, o enfermeiro também pode participar esclarecendo as dúvidas dos pais a respeito dos problemas decorrentes da deficiência orientando-os acerca dos procedimentos necessários ao atendimento das necessidades básicas da criança, e ajudando-os a buscar formas resolutivas dos conflitos existenciais desencadeados pelo impacto do nascimento dessa criança e pela atenção que lhe é dedicada.

A dedicação dos familiares à criança exigiu adaptação a uma gama de sentimentos que se expressaram por reações ambivalentes, na forma de tristeza, alegria, conflitos, gratificações que, com o passar do tempo, culminou com a superação das dificuldades e o estabelecimento do vínculo amoroso mãe-filho.

Estudos demonstram que a aceitação de uma criança com PC ocorre mais facilmente por parte das mães do que dos pais, pois ao contrário do homem, a mulher é uma cuidadora por excelência, tornando-se, conseqüentemente o principal

O ambiente familiar equilibrado, além de necessário, contribui com o desenvolvimento e o crescimento de uma criança independente. No caso da criança com PC a família precisa se reestruturar para aceitar esse filho, além de modificar os seus hábitos.

Outrossim, para o enfrentamento eficaz da situação, os planos de futuro para a criança precisam ser ressignificados, ou abdicados, assim como a atitude parental deve ser revista, pois, a atuação proativa dos pais contribui, sobremaneira, no tratamento e reabilitação da criança. Nessa perspectiva, as intervenções terapêuticas precisam estar vinculadas ao contexto familiar de modo a não restringir as possibilidades de ganhos secundários.

Os familiares dificilmente conseguem deixar a criança sob a responsabilidade de outras pessoas, seja por falta de confiança ou medo, ou por acreditarem que outras pessoas não seriam capazes de realizarem alguns cuidados como alimentação e/ou banho.

No dia-a-dia, sentimentos e cuidados mais simples, como olhar, segurar no colo, alimentar, podem ser geradores de intensa dificuldade, tanto por limitações da criança, como pela confusão emocional vivenciada pela pessoa que cuida.

Ao mesmo tempo em que a família assume total responsabilidade pelos cuidados que seus filhos necessitam, elas se consideram imprescindíveis defensoras dos filhos. Essa atitude se reflete no apego materno por temor de descuido ou de maus tratos por parte de algum parente.

O zelo materno se respalda no grau de comprometimento da PC que condiciona muitas crianças a passarem por inúmeros períodos de hospitalização, seja pela necessidade de intervenções terapêuticas ou complicações em seu quadro clínico, exigindo prolongados períodos de internação, interferindo assim, no desenvolvimento da criança

O prognóstico da PC depende do grau de dificuldade motora, da intensidade de retrações e deformidades esqueléticas e da disponibilidade e qualidade da reabilitação. E, mesmo no caso de um quadro motor considerado de bom prognóstico, três fatores são decisivos para o desempenho da criança: o grau de deficiência mental, o número de crises epiléticas e a intensidade do distúrbio de comportamento. Devido a esses fatores, recomenda-se aos profissionais de saúde não usar o termo “cura” para crianças com PC, para não gerar expectativas diante de um propósito frustrado. Entretanto, deve-se levar em conta que esses infantes têm potencial de modificação do seu quadro e as perspectivas de melhoria estão na dependência do processo reabilitador a que estão sendo submetidas.

Ao adotar essa conduta, os profissionais estimulam a mobilização emocional da família para a aceitação do filho com PC, o que irá tornar o ambiente familiar mais prazeroso, facilitar o tratamento e a reabilitação, além de garantir maior qualidade de vida para a criança e a família.

As expectativas culturais de gênero, relações familiares, trabalho doméstico e criação dos filhos que permeiam as sociedades fazem com que as mulheres se entreguem ao cuidado da prole, mesmo que essa abnegação se materialize na forma de sacrifício voluntário, superando os próprios limites, em benefício do bem estar da criança e da própria família.

O conceito sobre deficiência que permeia as formações socioculturais impõe uma classificação de “pessoa normal” e pessoa “anormal” de modo que qualquer tipo de diferença faz aflorar o preconceito mobilizador do isolamento e rejeição social de que são alvo as pessoas com deficiência

Por isso, apesar da existência de um capital social e jurídico que ressignifica o que seja deficiência e uma pessoa com deficiência, para algumas pessoas aquele que manifesta uma deficiência, independente da causa, é uma pessoa doente.

As condições socioeconômicas influenciam a saúde, moradia, cultura e condições materiais de vida, as dinâmicas familiares, assim como a forma do cuidado prestado à pessoa com deficiência. É de senso comum que nas últimas décadas a saúde do brasileiro tem melhorado graças ao aumento do nível de renda, educação e a melhoria e disponibilidade dos serviços de saúde. Contudo, em se tratando das pessoas com deficiência, ainda se observam desigualdades no acesso à saúde, pois, dentre outros motivos, essas pessoas são sujeitas a condições sociais de desigualdade, têm dificuldade para superar a pobreza e alcançar desenvolvimento humano.

## CONCLUSÃO

Elas assumem total compromisso com a manutenção de cuidados à criança desconsiderando os agravos à própria saúde e superando toda e qualquer dificuldade material que possa interferir na adoção de cuidados e na frequência do infante a Unidade Escolar. Sugere-se a inclusão de programas educativos na rotina das instituições reabilitadoras, de modo que os profissionais possam melhor orientar os pais e familiares acerca da PC e do manuseio correto da criança.

O ensino especializado seria aquele formado por uma equipe multidisciplinar para dar suporte àquele aluno que foi incluído no ensino regular. Na sala multifuncional, pedagogos, psicólogos, professores, fonoaudiólogos, irão trabalhar vários aspectos com os alunos para que os mesmos fossem tendo habilidades e melhor desempenho. A Escola tem que dispor de uma equipe multidisciplinar com no mínimo um pedagogo e psicopedagogo para garantir um atendimento extraclasse para o aluno com necessidade especial.

Segundo CARNEIRO (1997, p.33), o mesmo nos orienta que "os portadores de deficiência precisam ser considerados, a partir de suas potencialidades de aprendizagem. Sobre esse aspecto é facilmente compreensível que a escola não tenha de consertar o defeito, valorizado as habilidade que o deficiente não possui, mas ao contrário, trabalhar sua potencialidade, com vistas em seu desenvolvimento".

Os professores demonstraram compreender o que seja ensino especializado e preferencial, mas não depende deles a existência da equipe multiprofissional. Entende-se que se fazem necessários recursos humanos e materiais no processo. Os apelos as autoridades são variados. Se não houver atenção especial da Escola corre-se o risco dela e dos alunos incluídos tornarem-se os principais responsáveis pelo sucesso ou fracasso da inclusão, quando se sabe que o contexto é mais amplo, que há outros seguimentos da sociedade que têm dever e responsabilidade para com esse processo, tais como os Governos, as famílias, a comunidade.

O nível dos professores que trabalham nas escolas de ensino regular é muito bom, não se pode alegar despreparo educacional, mas há uma necessidade de uma formação continuada na área de educação inclusão.

“É através da escola que a sociedade adquire, fundamenta e modifica conceitos de participação, colaboração e adaptação. Embora outras instituições como família ou igreja tenha papel muito importante, é da escola a maior parcela” Mello in MANTOAN (1997, p.13).

É de suma importância a criação de novos conceitos e modalidades de ensino, para isso os profissionais de ensino, empenham-se buscando alternativa para que suas aulas não seja cansativas, inclusive para crianças com deficiência físicas.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- \_\_\_\_\_, **Declaração de Salamanca e linha de ação** - sobre necessidades educativas especiais. Brasília: MAS/CORDE, 1994.
- BRASÍLIA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996.
- CARNEIRO, Rogéria. **Sobre a Integração de Alunos Portadores de Deficiência no Ensino Regular**. Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Educação: o sonho possível**. In: BRANDÃO, Carlos (org.). O Educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- GALVÃO, M.I. **O Espaço Do Movimento: Investigação No Cotidiano De Uma Pré-Escola À Luz Da Teoria De Henri Wallon**. Dissertação De Mestrado, Universidade De São Paulo, São Paulo-SP, 1992
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 10. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2008
- LIBRIVIA & DIATKINE. **Significado e função do brinquedo na criança**. Tradução de Liana di Marco. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- LEI FEDERAL 8069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ed. Palloti, Santa Maria, 1996.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon. Editora SENAC, 1997.
- PIAGET, J. **A Construção Do Real**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação**. de jogo: São Paulo: Zahar, 1971.
- PIAGET, Jean e INHELDER, B. **Gênese Das Estruturas Lógicas Elementares**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1971
- TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: Implicações no**

**processo de aprendizagem e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Wak, 2010

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** RIO DE JANEIRO: MARTINS FONTES, 1996.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social Da Mente: O Desenvolvimento Dos Processos Psicológicos Superiores.** Tradução De José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto E Solange Castro Afeche - 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. **As Etapas Da Socialização Da Criança.** Lisboa, 1953. WALLON, H. **As Origens do Caráter.** Trad. Heloyza Dantas de Souza Pinto. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

## A INTERVENÇÃO NA INCLUSÃO ESCOLAR

Autor(a): **Maria Aparecida da Silva**

### Resumo

O processo de inclusão caracteriza-se pelo movimento feito pela sociedade a fim de adaptar-se para poder introduzir em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, essas pessoas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. Trata-se de um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade, buscam equacionar problemas, decidir sobre soluções e equiparação de oportunidades para todos.

**Palavras-chave:** inclusão escolar; intervenção; ensino básico.

### INTRODUÇÃO

Na tentativa de incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada a partir da compreensão que ela precisa ser capaz de atender as necessidades dos seus membros, eliminando barreiras existentes para que as pessoas deficientes possam ter acesso aos lugares, serviços e a bens necessários ao seu desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional.

O Compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade em cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam molhados, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros (FREIRE, 1985, p.18).

Avançando na discussão do papel da escola, vê-se como fundamental o papel do Professor, enquanto elo no processo ensino-aprendizagem, para conduzir uma consciência de cidadania, ética e igualdade de direitos para todos. A inclusão só terá êxito com seu total engajamento profissional. É necessário compreender e aceitar o processo de inclusão para que ele possa realmente, se concretizar.

No ano de 1990, aconteceu a Conferência Mundial sobre Educação para Todos. Felizmente a

educação aparece como preocupação mundial. O tema foi motivo de vários estudos e encontros. Na Espanha, durante a Conferência Mundial de Necessidades Educacionais Especiais, foi aprovada a DECLARAÇÃO DE SALAMANCA no ano de 1994, cujos princípios norteadores são: “reconhecimento das diferenças; atendimento às necessidades de cada um; a promoção de aprendizagem; reconhecimento da importância da escola para todos; a formação de professores”,( DECLARAÇÃO DE SALAMANCA,1994).

Os aspectos políticos – ideológicos que estão embutidos nos princípios desta declaração, nos leva a pensar num mundo inclusivo, onde todos têm direito à participação na sociedade, fazendo valer a democracia de forma cada vez mais ampla.

Não se pode deixar de mencionar que as grandes linhas estabelecidas pela constituição, foram regulamentadas em seus mínimos detalhes pela LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação, Lei n 9.394/96. Onde pela primeira vez temos um capítulo V destinado à Educação Especial, cujos detalhamentos são fundamentais: Garantia de matrícula para os educandos de Necessidades Educacionais Especiais, preferencialmente na rede regular de ensino; criação de apoio especializado, para atender às peculiaridades dos alunos especiais; oferta de educação especial durante a educação infantil; especialização de professores.

Com a elaboração dos PCNs se aborda:

A clara necessidade de adequar objetivos, conteúdos e critérios de avaliação, de forma a atender as peculiaridades dos alunos. Temos numa abordagem geral, o tema Integração e Cooperação, onde um dos objetivos da educação escolar é que os alunos aprendam a conviver em grupos, valorizando sua contribuição, respeitando suas características e limitações, e de forma mais específica, as Adaptações Curriculares Estratégias para Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS 1997,p.65).

Os pais e familiares costumam ficar assustados com a fragilidade da criança com Paralisia Cerebral, fazendo com que sintam medo de errar e demonstrem insegurança no cuidado. Os docentes necessitam de tempo para aceitar e se adaptar às exigências da criança. Essa situação requer apoio extensivo da família e dos profissionais de saúde para que, juntos, possam enfrentar as circunstâncias que a deficiência suscita na dinâmica familiar. O diagnóstico de Paralisia Cerebral deve ser informado por um Neuropediatra.

Vários fatores relacionados à Paralisia Cerebral contribuem para gerar certo desequilíbrio e desarmonia no ambiente familiar, dentre os quais: frequentes consultas em hospitais e/ou centros especializados, utilização de determinadas medicações e/ou materiais adaptados à criança, dieta diferenciada, dependência total de um adulto, realização diária de fisioterapia, troca de fraldas, administração de dietas e banho, acarretando elevada

sobrecarga nos pais em razão das despesas financeiras e da disponibilidade de tempo. Muitas vezes as mães abandonam seus empregos para proporcionar cuidado adequado ao filho.

Face ao exposto, percebeu-se a relevância desse estudo, pois, os resultados poderão contribuir com o aprendizado, pensamento crítico e troca de experiências entre os enfermeiros para propor alternativas que possam reduzir a sobrecarga dos familiares. E porque, apesar da existência de literatura vasta sobre a inclusão de indivíduos com alguma deficiência, ela mostra-se restrita em abordar o tema sob o ponto de vista do impacto na família.

Estudar a vivência de criança com Paralisia Cerebral em sala de aula, possibilita que gestores e profissionais de educação tomem conhecimento do quadro epidemiológico dessa síndrome e reflitam acerca do forte impacto que o nascimento de uma criança com deficiência causa no núcleo familiar. E ampliem as estratégias de ensino para melhorar a qualidade de vida dessas crianças, propiciando maior desenvolvimento pedagógico das mesmas. Face ao exposto, objetivou-se: investigar o processo de aprendizagem e o desenvolvimento da criança com Paralisia Cerebral no ambiente escolar.

Na literatura, há inúmeras definições para a paralisia cerebral (PC). Em 1843, William Little, ortopedista inglês, fez os primeiros relatos de uma patologia afetando crianças, nomeando-a de “Síndrome de Little”.

#### Sobre a deficiência intelectual:

A deficiência mental como comprometimento cognitivo relacionado ao intelecto teórico (capacidade para utilização das formas lógicas de pensamento conceitual), que pode também se manifestar no intelecto prático (capacidade para resolver problemas de ordem prática de modo racional), que ocorre no período de desenvolvimento, ou seja, até os 18 anos de idade. (SANTA CATARINA, 2006, p.23)

No Brasil, não há pesquisas oficiais e específicas sobre a incidência de deficiência psicomotora, entretanto, a Paralisia Cerebral constitui a incapacidade física permanente mais comum na infância e sua estimativa mundial é de 1,5 a 2,5 em mil nascidos vivos. As pessoas com Paralisia Cerebral podem apresentar deficiências múltiplas, resultantes de associação com deficiência mental, auditiva ou visual. Também podem ter problemas emocionais, alterações psicológicas, psiquiátricas e de comunicação. Esta última devido as suas dificuldades musculares. E podem ter dificuldades sociais em consequência de fatores ligados às reações sociais e familiares em relação à deficiência da criança. O impacto do diagnóstico da Paralisia Cerebral pode interferir no relacionamento familiar devido ao desencadeamento de fases de luto, choque, negação, aceitação e

adaptação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB traz em seu capítulo V que a inclusão dos alunos com necessidades especiais deve ocorrer preferencialmente na Rede Regular de Ensino com a ajuda de uma equipe multidisciplinar para dar suporte ao processo de inclusão. As Escolas de todo o País têm se mobilizado para que esse processo aconteça, embora se saiba que esse processo é lento e que requer além da liberação de recursos por parte do Governo, formação continuada para os profissionais envolvidos e o compromisso efetivo dos mesmos.

O país tem evoluído muito na compreensão da educação inclusiva e de escola inclusiva, porém a inclusão só será eficaz se forem desenvolvidas propostas de organizações de aprendizagem com base na legislação pertinente, respeito à individualidade (igualdade/diversidade).

A Deficiência intelectual (DI) ou Deficiência mental (DM) como era anteriormente designada, é caracterizada como uma incapacidade de limitações significativas, tanto no funcionamento intelectual quando no comportamento adaptativo e se origina principalmente antes dos dezoito anos de idade. Segundo o Documento Subsidiário à Política Nacional de Inclusão: “Deficiência Mental é a incapacidade caracterizada por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual quanto no comportamento adaptativo expresso em habilidades conceituais, sociais e práticas” (PAULON, 2007, p.13). Entre as causas mais comuns deste transtorno estão os fatores de ordem genética, as complicações durante o período da gestação, parto ou pós-natais.

A escola estagiada demonstra que é importante o processo de inclusão para a integração, ampliação dos conhecimentos e quebra de preconceitos, mas muitos profissionais afirmam que as escolas não estão adequadas para o processo no que se referem ao espaço físico, metodologias, currículos, programas. No geral, é vantajoso o processo, mas devido à falta de recursos financeiros, materiais e humanos destacam-se muitas desvantagens.

É de importância fundamental o papel da Psicologia, da Assistência Social e dos Profissionais da Educação na inclusão das pessoas com necessidades especiais na rede de ensino regular. A pesquisa forneceu subsídios que apontam para algumas possibilidades de atuação.

## CONCLUSÃO

Existe um momento na vida da criança, em que ela ainda não consegue dissociar suas fantasias e a realidade da qual participa. Ao mesmo tempo que conhece e aceita o que constata à sua volta, que pode ter ilusões e mergulha na fantasia. Entre a certeza do real e o desejo do irreal, a criança transita entre aceitar a realidade e viver no sonho. No brinquedo de roda, a criança consegue através das cantigas conservar a tranqüilidade que lhe permite perder e encontrar, dar e receber, sem medo.

Nas cantigas de roda ela é, ora o centro ora o coro, apresentando o estado onde se fundem a independência e a necessidade do outro. As cantigas de roda permitem o estado intermediário entre a ilusão e a realidade e se constituem num exercício de continuidade e ruptura, que a criança necessita para investir na conquista de si e do mundo.

De mãos dadas com seus amigos, a criança sente que pode fazer e desfazer o jogo com a segurança da amizade que sobrevive e fortalece sua identidade no grupo. Com o grupo ela compartilha seu mundo interno trazendo alegria para si mesma, e carregando para todos os momentos de sua vida a certeza de que pode superar a dor e encontrar uma forma de ser feliz

A criança deficiente mental, pelas dificuldades que apresenta (acontece, faz-se necessário uma ajuda para despertar seu interesse, caso contrário, não irá beneficiar-I4) se das oportunidades que o brinquedo oferece o seu desenvolvimento. Apresentar o brinquedo: mostrar como ele funciona, estimular sua participação são formas de animá-la. O medo de encontrar dificuldades que não possa superar é também uma das razões de seu desinteresse e provoca a vontade de repetir sempre o jogo que já aprender a manipular.

Para poder proporcionar-lhe experiências positivas, é conveniente conhecer o nível de seu – "e desenvolvimento e sugerir jogos compatíveis com ele. Sua idade mental poderá condicionar as suas possibilidades a nível cognitivo, mas sua idade cronológica e sua vivência certamente determinarão seu interesse. Não existem, como pensam alguns, brinquedos especiais para excepcionais, as crianças deficientes mentais brincam com os mesmos brinquedos que as normais, porém a escolha de seus brinquedos precisam ser mais criteriosa para que não se corra o risco de oferecer-lhe um jogo com o qual não tenha condições de brincar. • A criança deficiente tem maior necessidade de brinquedos e materiais, pois, pôr ter dificuldade em abstrair precisa de experiências concretas para aprender".

O brinquedo cantado, aplicado na infância, conduzem a criança a uma autoformação, não intencional. Pela riqueza que o brinquedo cantado oferece à formação global do indivíduo, beneficiando o organismo, solicitando a inteligência, oportunizando atividades em grupo, não se pode deixar de valorizá-lo, e deve-se oportunizá-lo para todas as crianças, respeitando suas necessidades imunológicas e psicomotoras.

Segundo Paliare (1981). a perda desta oportunidade pode refletir na vida da criança como uma sua

formação geral (aspectos cognitivo, afetivo-social e motor) Todas as atividades rítmicas proporcionam cultivo da sensibilidade, pela expressão própria, rítmica e sinestésica.

O brinquedo cantado proporciona um vasto arsenal de atividades, cabendo ao professor saber utilizá-lo de maneira que venha a trabalhar os mais diversos ritmos, temas, movimentos etc. Respeitando sempre a fase de desenvolvimento da criança, e acima de tudo respeitando sua vontade, ou seu desejo! e suas fantasias. Segundo Teixeira (1970), representam os brinquedos cantados as mais elementares formas de atividades lúdicas podendo considerá-los como jogo puramente recreativo, que em síntese, representam a verdadeira, legítima, natural e instintiva expressão de uma infância ativa e feliz.

A sua origem pode ser buscada nos restos de velhas cerimônias de antigos povos em caráter de jogos, que no decorrer do tempo se transformaram em formas de entretenimento das crianças. No Brasil esses brinquedos cantados sofreram influência das músicas dos portugueses, africanos e em menor porção de outros povos. Os brinquedos cantados, mesmo com origens tão diversificadas, vêm sofrendo variações, deformações e transformações lentas, mas seguras, apresentando-se em nossos dias com um cunho eminentemente nacional.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

\_\_\_\_\_, **Declaração de Salamanca e linha de ação - sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: MAS/CORDE, 1994.

BRASÍLIA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996.

CARNEIRO, Rogéria. **Sobre a Integração de Alunos Portadores de Deficiência no Ensino Regular**. Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação: o sonho possível**. In: BRANDÃO, Carlos (org.). **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GALVÃO, M.I. **O Espaço Do Movimento: Investigação No Cotidiano De Uma Pré-Escola À Luz Da Teoria De Henri Wallon**. Dissertação De Mestrado, Universidade De São Paulo, São Paulo-SP, 1992

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 10. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

- \_\_\_\_\_. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2008
- LIBRIVIA & DIATKINE. **Significado e função do brinquedo na criança**. Tradução de Liana di Marco. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- LEI FEDERAL 8069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ed. Palloti, Santa Maria, 1996.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon. Editora SENAC, 1997.
- PIAGET, J. **A Construção Do Real**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. PIAGET, J. A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação. de jogo: São Paulo: Zahar, 1971.
- PIAGET, Jean e INHELDER, B. **Gênese Das Estruturas Lógicas Elementares**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1971
- TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: Implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Wak, 2010
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. RIO DE JANEIRO: MARTINS FONTES, 1996.
- VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social Da Mente: O Desenvolvimento Dos Processos Psicológicos Superiores**. Tradução De José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto E Solange Castro Afeche - 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WALLON, H. **As Etapas Da Socialização Da Criança**. Lisboa, 1953. WALLON, H. **As Origens do Caráter**. Trad. Heloyza Dantas de Souza Pinto. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

## HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Autor(a): **Josmilia Salma da Silva**

### Resumo

O desenvolvimento econômico e o bem-estar do homem dependem dos recursos da Terra, nesse sentido o desenvolvimento sustentável apresenta-se seriamente ameaçado se a degradação ambiental continuar sendo realizada como no presente. Tanto a opulência quanto a pobreza pode causar problemas ao meio ambiente. A ausência de preocupação com o meio ambiente impõe a ocorrência de situações alarmantes, que podem comprometer a própria sobrevivência dos seres vivos do planeta Terra, como são exemplos o efeito estufa, a poluição das águas, o desmatamento das florestas e os danos na camada de ozônio.

**Palavras-chave:** educação ambiental; história; ensino básico.

### INTRODUÇÃO

Os encontros e conferências sobre questões ambientais suscitaram a contribuição da educação no auxílio à resolução dessas questões, porém não só como instrumento de aquisição de conhecimentos ou transmissão de informações fundamentados na preservação ou conservação, mas sim como um processo mais amplo objetivando uma maior relação entre as questões educacionais e ambientais.

Com este enfoque GUIMARÃES, menciona:

Educação Ambiental apresenta-se como uma dimensão do processo educativo voltada para a participação de seus atores, educandos e educadores, na construção de um novo paradigma que contemple as aspirações populares de melhor qualidade de vida socioeconômica e um mundo ambientalmente sadio. Aspectos estes que são intrinsecamente complementares; integrando assim Educação Ambiental e educação

popular como consequência da busca da interação em equilíbrio dos aspectos socioeconômicos com o meio ambiente. (GUIMARÃES, 1995:14)

Os objetivos da Educação Ambiental aproximam a necessidade dos povos lutarem por uma sociedade mais justa, mais pacífica.

## CONCEITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Este artigo trata da questão ambiental que emergiu no século XX, no final da década de 60 e começo da década de 70, manifestada através de encontros e conferências, devido a degradação do ambiente, marcado pelos crescimentos econômico e populacional.

A Educação Ambiental - EA, é concebida como uma das formas de enfrentamento e de reversão do quadro da degradação humana e ambiental, compõe um conjunto de iniciativas que buscam consolidar a relação entre sociedade e natureza.

Em 1968 em Roma, de acordo com REIGOTA (1994: 13), foi realizada uma reunião de cientistas dos países desenvolvidos, onde se discutiu o consumo e as reservas de recursos naturais não renováveis e o crescimento da população mundial até meados do século XXI.

As conclusões do “Clube de Roma” deixam transparente a necessidade de se buscar meios para a conservação dos recursos naturais, o controle do crescimento populacional e de se investir numa mudança radical na mentalidade de consumo e procriação.

Um dos méritos dos debates do Clube de Roma foi colocar o problema ambiental em nível planetário, no qual colocou em questão o modelo de desenvolvimento baseado no crescimento como se ele fosse algo ilimitado.

Em 1972, ocorreu em Estocolmo – Suécia, de 5 a 16 de junho, a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, onde o tema em discussão foi a poluição provocada pelas indústrias.

A Conferência de Estocolmo é considerada um marco histórico-político internacional, gerou a “Declaração sobre o Ambiente Humano”, estabeleceu um “Plano de Ação Mundial”, e desde então, a Educação Ambiental passou a ser considerada como campo de ação pedagógico, adquirindo importância internacional.

Segundo MININNI MEDINA da Conferência de Estocolmo é interessante ressaltar o princípio nº 19 que contempla:

*É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais dirigido tanto às gerações jovens como aos adultos, e que preste a devida atenção ao setor da população menos privilegiada, para ampliar as bases de uma opinião bem informada e de uma conduta dos indivíduos, das empresas e da coletividade, inspirada no sentido de sua responsabilidade quanto à proteção e melhoramento do meio em toda sua dimensão humana. (2001:19)*

Num trabalho de conscientização é preciso desenvolver um trabalho de compreensão e ação sobre a inter-relação que há entre natureza e ser humano, objetivando o desenvolvimento de uma consciência que a intervenção do homem na natureza se processe de forma equilibrada.

Os representantes dos países em desenvolvimento, durante a conferência acusaram os países desenvolvidos de usarem as políticas ambientais de controle de poluição como forma de prejudicá-los na competição do mercado internacional.

Os problemas ambientais mostram bem que são consequências de um modelo econômico e que a Educação Ambiental tem um papel importante como despertar na pessoa a responsabilidade de desenvolver iniciativas que contemple a melhoria da qualidade de vida, e as condições básicas para a sua sobrevivência.

Segundo GADOTTI (2000:31): “O capitalismo aumentou mais a capacidade de destruição da humanidade do que o seu bem-estar e sua prosperidade”.

Em resposta às recomendações da Conferência de Estocolmo, a Unesco promoveu em Belgrado, Iugoslávia em 1975, o Encontro Internacional de Educação Ambiental.

No encontro, foram formulados os princípios e orientações para os programas mundiais de Educação Ambiental, conhecida como “A Carta de Belgrado”, que foram definidos seis indicativos da educação ambiental.

São eles de acordo com MININNI MEDINA:

1. Consciência: adquirir maior sensibilidade e consciência do meio ambiente em geral, e dos problemas decorrentes.
2. Conhecimento: adquirir uma compreensão do meio ambiente, em sua totalidade, dos problemas conexos, e da presença e função da humanidade nele, o que justifica uma responsabilidade crítica.
3. Atitudes: adquirir valores sociais, um profundo interesse pelo meio ambiente, e a vontade de participar ativamente em sua proteção e melhoramento.
4. Aptidões: adquirir aptidões necessárias para resolver os problemas ambientais.
5. Capacidade de Avaliação: avaliar as medidas e os programas de Educação Ambiental em função dos fatores ecológicos, políticos, econômicos, sócias, estéticos e educacionais.
6. Participação: desenvolver seu sentimento de responsabilidade e tomar consciência da urgente necessidade de prestar atenção aos problemas do meio ambiente, para assegurar que se adotem medidas adequadas. (2001:24)

A Educação Ambiental é compromissada em estabelecer um processo através do qual o homem possa desenvolver uma consciência dos problemas ambientais, em nível local, nacional e internacional, e conseqüentemente o desenvolvimento do sentido crítico para a sua possível solução e prevenção.

A preservação da vida no planeta é uma preocupação que exige uma sensibilização de todos os seres humanos, para que se motivem a mudar os atuais estilos de vida e as formas de apropriação do ambiente de maneira a se assegurar a continuidade da vida dos seres vivos.

Um prolongamento da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano (Estocolmo-1972), foi o Congresso Mundial de Educação Ambiental, realizado em 1977, em Tbilisi, na Geórgia (ex-URSS).

Segundo DIAS:

*A Conferência reuniu especialistas de todo o mundo para apreciar e discutir propostas elaboradas em vários encontros sub-regionais, promovidos em todos os países filiados a ONU e*

*contribuiu para estabelecer a finalidade da Educação Ambiental, definindo seus princípios, objetivos e características, formulando recomendações e estratégias pertinentes aos planos regional, nacional e internacional. (2001:82)*

As recomendações da Conferência de Tbilisi formam um verdadeiro plano de ação para a Educação Ambiental no mundo e segundo MININNI MEDINA (2001:28): “A Educação Ambiental deve contribuir para o desenvolvimento de um espírito de responsabilidade e de solidariedade entre os países e as regiões, como fundamento de uma nova ordem internacional que garanta a conservação e a melhora do meio ambiente (Recomendação de Tbilisi nº 1-14)”.

Os esforços das Conferências e Pesquisas Científicas realizadas sobre a questão do meio ambiente, continuam sinalizando para a necessidade da sociedade mundial promover mudanças nas formas de exploração dos recursos naturais, com o objetivo de estabelecer uma nova ética de consumo que se afaste do excesso, substituindo-o pela racionalização na utilização dos recursos naturais, preservando-os, o que só se apresenta viável através da implementação da Educação Ambiental.

A Educação Ambiental, ainda segundo DIAS:

(...)teria como finalidade promover a compreensão da existência e da importância da interdependência econômica, política, social e ecológica da sociedade; proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir conhecimentos, o sentido dos valores, o interesse ativo e as atitudes necessárias para proteger e melhorar a qualidade ambiental; induzir novas formas de conduta nos indivíduos, nos grupos sociais e na sociedade em seu conjunto, tornando-a apta a agir em busca de alternativas de soluções para os seus problemas ambientais, como forma de elevação da sua qualidade de vida. (2001:83).

Neste sentido, a Educação Ambiental visa suscitar na população humana a responsabilidade e compromisso na preservação de todas as formas de vida do planeta Terra, proporcionando o desenvolvimento de valores que farão crescer o sentimento de responsabilidade social.

Dez anos depois, em 1987, ocorreu em Moscou o *Segundo Congresso de Educação Ambiental*, onde se firmou a necessidade de contemplar o entendimento intergovernamental sobre os problemas ambientais, para conservar e melhorar o ambiente para uma melhor qualidade de vida.

Desta feita, fortaleceram-se as grandes orientações formuladas pela Conferência de Tbilisi e analisaram-se as conquistas e dificuldades encontradas pelos países no desenvolvimento da Educação Ambiental e fundamentou elementos para uma estratégia internacional de ação para a década de 90.

Nesse mesmo período, Gro-Brundtland, a primeira ministra norueguesa, patrocina em várias cidades do mundo, inclusive em São Paulo, reuniões promovendo discussões sobre os problemas ambientais e as soluções encontradas após a Conferência de Estocolmo.

As conclusões dessas reuniões resultaram no livro *O Nosso Futuro Comum*, também conhecido como *Relatório Brundtland*, e que segundo PHILIPPI:

(...) procurou-se, no decorrer deste, discutir o contexto em que a Educação Ambiental deve ser apreendida, de modo a contribuir para a construção de um novo modelo de desenvolvimento(...) A caracterização dos diferentes elementos que traça o informe Brundland do desenvolvimento sustentável incorpora dimensões sociais, culturais, éticas, econômicas, políticas, ecológicas, tecnológicas e de valores, entre outros. (2002:80)

O desenvolvimento sustentável requer uma busca harmônica nas relações sociais e econômicas, para permitir um mundo melhor para as próximas gerações, o que significa uso sábio e eficiente dos recursos naturais.

DUNKLE acrescenta que:

Fizemos mudanças em nosso mundo para tornar nossas vidas mais confortáveis - para melhorar nosso estilo de vida. A preservação é um modo de lembrar-nos de que se mudarmos nosso mundo irrefletidamente podemos causar sérios danos, talvez para sempre. Mas se as mudanças forem sadias, seguras e sensatas, podemos até melhorar nosso mundo. (2000: 5)

Reconhece-se, assim, que o desenvolvimento sustentável requer sustentabilidade social e econômica, ou seja, conhecimento profundo da relação entre o local e o global para rupturas de horizontes, de recriar o tempo presente, com vistas a contribuir com o futuro saudável, compartilhar responsabilidades, ressaltando

que e a vida no Planeta Terra precisa estar acima de qualquer interesse, para isso, é preciso superar as desigualdades sociais, e na concretização desses interesses se dá o processo de Educação Ambiental, que se apresenta como processo transformador de utopias em ações concretas.

De acordo com DIAS (2001:226): *“A chave para o desenvolvimento é a participação, a organização, a educação e o fortalecimento das pessoas. O desenvolvimento sustentado não é centrado na produção, é centrado nas pessoas”*.

Segundo esse raciocínio, é necessário que haja compromissos e responsabilidades individuais e coletivos para a construção de uma sociedade justa, consciente de sua interdependência com a natureza. Encontrar o equilíbrio entre o desenvolvimento e a preservação ambiental é um desafio à humanidade.

Vinte anos depois da Conferência de Estocolmo, a ONU promoveu no Rio de Janeiro a *Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, conhecida por *Rio-92*, que reuniu os principais representantes de 106 países e contou com a participação de um número expressivo da sociedade civil. Esse acontecimento lançou as bases sobre as quais os diversos países do mundo deveriam, a partir daquela data, empreender ações concretas, no sentido da melhoria das condições sociais e ambientais, tanto em nível local quanto planetário.

A Conferência do Rio reafirma a Declaração de Estocolmo, e segundo MININNI MEDINA:

*(...) interessante destacar que na Conferência de Estocolmo as grandes questões ambientais em pauta faziam referência aos “recursos naturais não renováveis”, como o petróleo por exemplo. Passados 20 anos, a Conferência do Rio centralizou sua discussão em torno dos “recursos naturais renováveis”, como por exemplo, a biodiversidade, a preservação de florestas, entre outros. (2001: 37)*

A Agenda 21 é um resultado importante da Conferência do Rio, e funda-se no reconhecimento de que ao mundo desenvolvido corresponde uma grande responsabilidade na busca de soluções aos problemas ambientais e segundo Dias (2001:522): *“É um plano de ação para o século XXI, visando à sustentabilidade da vida na Terra”*.

A abordagem do ilustre pesquisador denota que se trata de uma Estratégia de sobrevivência para a humanidade, assim, assumir novos hábitos e realizar um tipo de desenvolvimento que cultive o cuidado com o

equilíbrio ecológico, consumir responsabilmente e garantir às futuras gerações herdarem um planeta com seus ecossistemas preservados, são objetivos da Educação Ambiental.

Nesse sentido a humanidade está diante de uma escolha que se lhe impõem: manter os paradigmas econômicos ou aceitar revê-los marcando o advento de uma nova era na relação entre os homens e a natureza.

A *Agenda 21* frui em várias localidades e países, como o instrumento-processo possível e amplo de promoção das transformações necessárias a sustentabilidade, cuja consecução e qualidade dependerá do envolvimento e percepção dos benefícios por parte dos diversos atores sociais.

A proposta da Agenda 21 ultrapassa barreiras raciais, culturais, tecnológicas e políticas, ressaltando a importância de um enfoque e uma ação interdisciplinar na busca do desenvolvimento sustentável.

Decorridos vinte anos das Conferências de Estocolmo e Rio de Janeiro evidencia-se que houve mudança na concepção de meio ambiente, mas, o enfoque recorrente permanece pautado na idéia de desenvolvimento econômico que ainda norteia e direciona os esforços das Nações, constituindo-se em óbice à implementação do desenvolvimento sustentável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Ambiental mostra-se instrumento hábil para mudar a relação do homem com a natureza, capaz de desenvolver valores que propõem novos sentidos à existência humana no planeta, através da mudança de paradigmas, que permita a implementação do desenvolvimento sustentável, que possibilitará uma globalização solidária, um comércio justo, um consumo responsável, o que garantirá a sobrevivência das gerações futuras, pois é sabido que o mercado econômico atual gera degradações ambientais que são consideradas irreversíveis.

Nessa perspectiva de superar barreiras sociais, econômicas, políticas e culturais, a ação interdisciplinar assume papel de destaque por focar o processo de cooperação entre as disciplinas, permitindo assim reordenar a realidade existente.

Na evolução que se pretende, os objetivos da Educação Ambiental aproximam a necessidade dos povos de lutarem pela defesa da natureza e pela sua liberdade, em busca de uma harmonia dinâmica e saudável do homem com seu meio ambiente e de uma sociedade humana mais justa, sem dominação de um povo sobre o outro de uma classe sobre a outra.

## REFERÊNCIAS

- ASSUMPTÃO, Ismael. **Interdisciplinaridade: uma tentativa de compreensão do fenômeno**. In: Fazenda, Ivani Catarina Arantes; coord. **Práticas interdisciplinares na escola**. 8.ed.São Paulo: Cortez, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação fundamental; **PCN – Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental:introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental-Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BURNIE, David. **Fique por dentro da ecologia**. 2. ed. Tradução de Denise Sales. São Paulo: Cosac of Naify, 2001.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura.**Meio ambiente e ação política**. In: ACSELRAD, Henri (org). **Meio ambiente e democracia**. Rio de Janeiro: Ibase,1992.
- DIAS, Genebaldo Freire.**Atividades interdisciplinares de EA: manual do professor**. São Paulo: Global/Gaia,1994.
- \_\_\_\_\_. **Educação Ambiental:princípios e práticas**.7.ed. – São Paulo: Gaia,2001.
- DUNKLE, Margaret; tradução de PAES, José Paulo. **Ecologia: um modo ponderado de explicar às crianças a preservação do meio ambiente**. 3. ed. São Paulo: Global, 2000. (coleção Vida Nova).
- FERREIRA, Maria Elisa de M. P.**Ciência e interdisciplinaridade**.In: FAZEND, Ivani Catarina Arantes, coord.**Práticas Interdisciplinares na escolas**.8. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FLORIANI, Dimas.**Marcos conceituais para o desenvolvimento da interdisciplinaridade**. In: PHILIPPI JR, Arlindo; TUCCI, Carlos E. Morelli, HOGAN, Daniel Joseph & NAVEGANTES, Raul, Ed. **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus, 2000.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis 2000. (série Brasil cidadão).
- GARCIA, Regina Leite.**Educação ambiental: uma questão mal colocada**. **Caderno de educação ambiental**. Campinas: Papirus, 1993. n. 29.
- GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 1995.
- LEFF, Enrique.**Complexidade, Interdisciplinaridade e Saber Ambiental**. In: PHILIPPI Jr., Arlindo; TUCCI, Carlos E. Morelli, HOGAN, Daniel Joseph & Navegantes, Raul. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus, 2000.

MEDINA, Naná Mininni. **Os desafios da formação de formadores para a educação ambiental.** In: PHILIPPI JR, Arlindo & PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos.** 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Núcleo de Informações em Saúde Ambiental: Signus, 2002.

MERNISSI, Fátima. **Sonhos de transgressão; minha vida de menina num harém.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.178.

MÜLLER, Jackson. **Alguns caminhos para efetivação da educação ambiental em unidades regionais: ênfase em bacia hidrográfica.** In: PHILIPPI JR, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi, ed. **Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos.** 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Núcleo de Informações em Saúde Ambiental: Signus, 2002.

PHILIPPI, Luis Sérgio. **Desafios da aplicação de princípios básicos na implementação de projetos de educação ambiental.** In: PHILIPPI JR, Arlindo & PELICIONI, Maria Cecília Focesi, ed. **Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos.** 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Núcleo de Informações em Saúde Ambiental: Signus, 2002.

PHILIPPI JR, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Alguns pressupostos da educação ambiental.** In: PHILIPPI JR, Arlindo & PELICIONI, Maria Cecília Focesi, ed. **Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos.** 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Núcleo de Informações em Saúde Ambiental: Signus, 2002.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

SISTER, Gabriel. **Mercado de carbono e protocolo de Quioto: aspectos negociais e tributação.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

## A EVOLUÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE

Autor(a): **Francisca Alves Coelho**

### Resumo

O Brasil e no mundo tem ocorrido de forma significativa e crescente, os últimos anos, a expansão da educação infantil. Com a preocupação de que a criança seja reconhecida como sujeito desde o momento de seu nascimento, e como ser único tenha uma identidade própria, no que diz respeito à sua maneira de ser, à sua realidade e ao direito de receber atenção adequada a suas necessidades básicas. Considerando que para essas necessidades serem atendidas, a criança depende do adulto, sendo a sua família o seu primeiro núcleo de convivência e de atuação e posteriormente a escola. Sendo assim é possível afirmar que a criança necessita de uma sociedade, de uma família ou escola, que lhe permita encontrar respostas às suas necessidades mais básicas. Baseado nas concepções de Jean Le Boulch, Vitor da Fonseca, Mariana Pereira Gomes, entre outros, ao longo dessa pesquisa será possível compreender quais são essas necessidades, e o quanto são essenciais para o desenvolvimento da criança.

**Palavras-chave:** desenvolvimento infantil; psicomotricidade; educação básica.

### INTRODUÇÃO

Segundo Fonseca (1995, p. 28),

(...) abordar a origem e a evolução do conceito da psicomotricidade é estudar a significação do corpo ao longo da civilização humana. Só no século XIX o corpo começa a ser estudado, em primeiro lugar, por neurologista, por necessidade de compreensão das estruturas cerebrais, e posteriormente por psiquiatras, para clarificação e fatores patológicos. Fonseca (1995, p. 28),

No campo patológico, o termo “psicomotricidade” surgiu na França, no final do século XIX e no início do século XX. A primeira referencia estiveram vinculadas aos estudos de neuropsiquiatria infantil de Dupré (1907-1909), sobre a síndrome da debilidade motriz e a síndrome da debilidade mental, já sugerido

uma abordagem da psicomotricidade infantil. O termo surge vinculado à área médica e despertou interesses de psiquiatras, psicólogos, pedagogos, e mais tarde de professores de Educação Física.

Fonseca (1995) escreve que Wallon, provavelmente, é o grande pioneiro da psicomotricidade, vista como campo científico em 1925. Em 1934 inicia uma das obras mais relevantes no campo do desenvolvimento psicológico da criança. Os tipos de ação reeducação psicomotora nascem de um efeito estimulador da grande obra de Wallon.

Ele afirma que, a obra de Wallon continua durante décadas a influenciar a investigação sobre as crianças instáveis, impulsivas, emotivas, obsessivas, apáticas, etc. A influência da sua obra alastrou-se a vários campos de formação quer psiquiátrica, quer psicológica e pedagógica.

Em sua obra Fonseca (1995), afirma também que Wallon de acordo com o conhecimento neurológico da época, seus trabalhos tendem a perspectivar, uma nova visão da psicologia da criança. Para ele, 1925, o movimento é a única expressão e o primeiro instrumento do psiquismo. E em 1929, advoga que o desenvolvimento psicológico da criança é o resultado da oposição e substituição de atividades que procedem a uma às outras. Ao longo da sua obra, esforçou-se por demonstrar a ação recíproca entre funções mentais e funções motoras (“habilidade manual”), tentando argumentar que a vida mental não resulta de relações unívocas ou de determinismo mecanicistas. Para ele vida mental está sujeita ao determinismo dialético de ambas as funções, ele refere-se ao esquema corporal não como uma unidade biológica ou psíquica, mas como uma construção, elemento de base para o desenvolvimento da personalidade da criança. E que dando continuidade a obra de Wallon, Ajuriaguerra ao publicar trabalhos sobre o tônus e ao desenvolver métodos de relaxamento além de se tornar um notável psiquiatra infantil de renome mundial, consolidou os princípios e as bases da psicomotricidade.

No campo educacional, Le Boulch e Romain, divulgam as obras de Wallon e Ajuriaguerra.

A psicomotricidade, à luz de Wallon e Ajuriaguerra, conforme cita Fonseca (1995), concebe os determinantes biológicos e culturais do desenvolvimento da criança como dialéticos e não como redutíveis uns aos outros. Daí a seus dialéticos e não como redutíveis uns aos outros. Daí a sua importância para elaborar uma teoria psicológica que estabeleça relações entre o comportamento e o desenvolvimento da criança e a maturação do seu sistema nervoso, pois só nessa medida se podem construir estratégias educativas, terapêuticas e reabilitativas adequadas às suas necessidades específicas.

O conceito de psicomotricidade ganhou assim uma expressão significativa, uma vez que traduz a solidariedade profunda e original entre a atividade psíquica e a atividade motora. O movimento é equacionado como parte integrante do comportamento.

A psicomotricidade, segundo Fonseca (1995), é hoje concebida como a integração superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre a criança e o meio, e instrumento privilegiado através do qual a consciência se forma e materializa-se. Ele afirma que Piaget também teve muita influência na teoria e prática da psicomotricidade.

## AS CONCEPÇÕES DE PSICOMOTRICIDADE

Segundo Fonseca (1995) a motricidade humana é a única do reino animal que se pode considerar psicomotora e não pode ser concebida como mero produto da ativação do córtex motor, uma vez que, antes de este gerador motor atuar, há uma ampla elaboração que depende de uma ideia interiorizada e de um conjunto de estímulos exteriores.

Para ele o cérebro humano não é tanto sensorial, nem motor, mas sim associativo e integrativo, de forma a tornar a motricidade um produto final que possui processos elaborativos complexos. Apesar de desfrutarmos com outras mamíferas formas posturais e motoras similares, atitudes emocionais e reflexos básicos de orientação idênticos, porque possuímos estruturas subcorticais próximas, a motricidade humana envolve as áreas associativas integradas, únicas da espécie.

Fonseca (1995), afirma que o ser humano possui, de fato, uma motricidade psiquicamente organizada, sócio-culturamente estruturada e sistemicamente integrada. A motricidade humana é indissociável das funções psíquicas que lhe dão origem e das estruturas neurológicas que as concretizam.

Coste (1981), afirma que a psicomotricidade se empenha em superar essa oposição: o homem é o seu corpo, em vez de o homem e o seu corpo. O homem é antes de tudo um ser falante e ao denominar-se, fala de seu corpo: eis o que o caracteriza. Em contrapartida, seu corpo fala por ele e até, por vez, à sua revelia.

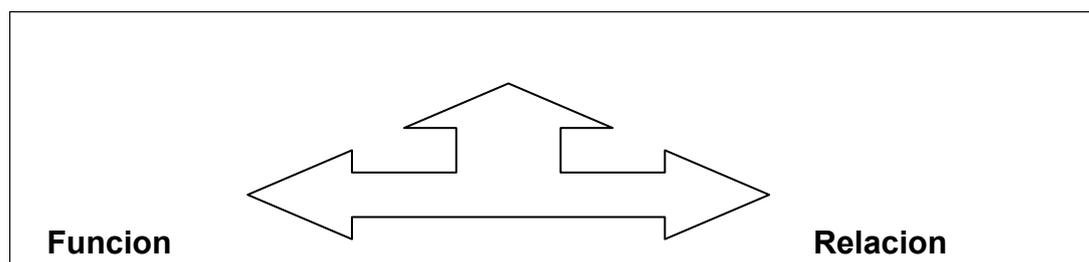
Para Negrine (2002), a psicomotricidade como campo de estudo sempre esteve e continua tutelada por diversas áreas do conhecimento, dependendo do eixo norteador, mais por algumas do que por outras. A psicomotricidade nasce dentro de um eixo biomédico, que dizer que os estudos sobre motricidade costumam estar vinculados às concepções que sustentem que o processo de desenvolvimento humano, é decorrente fundamentalmente dos processos de maturação. E essa compreensão faz que se pensasse por muito tempo numa única direção, ou seja, que a motricidade humana teria um padrão evolutivo igual para todos.

Para ele o princípio básico da psicomotricidade há muito tempo tem se sustentado em diagnósticos do perfil psicomotriz e na prescrição de exercícios para sanar possíveis descompassos do desenvolvimento motriz. Atualmente existem dois eixos pelos o qual a psicomotricidade avança, eles se

diferenciam nas origens, nos objetivos, na forma de entender o desenvolvimento psicomotriz e nas estratégias de intervenção pedagógica. De um lado, aquele que passou a ser denominado *psicomotricidade funcional*, isto é, aquele que toma como referencia inicial o perfil psicomotriz da criança avaliada a partir de testes padronizados, sua estratégia pedagógica é baseada na repetição de exercícios funcionais como forma de proporcionar a aquisição de certas competências ou habilidades motrizes. De outro o que se costumam denominar de *psicomotricidade relacional*, isto é, abordagem que se baseia na ação de brincar, utiliza jogos como elemento pedagógico, jogos que privilegiam a criação, a representação e a imaginação.

Negrine (2002, p.63) afirma que a psicomotricidade como campo de conhecimento no momento atual, pode ser representada do seguinte modo:

### EIXO DA PSICOMOTRICIDADE



Fonte:Negrine, 2002, p.6

Para ele esses dois enfoques sinalizam à direção que se pode dar ao fazer pedagógico, e afirma que no momento atual o fazer pedagógico está configurado a uma perspectiva relacional.

E sintetiza a perspectiva relacional como uma série de estratégias de intervenções e de ações pedagógicas que servem como meio de ajuda à evolução dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança, e que para tanto se utiliza a ação do brincar como elemento motivador para provocar a exteriorização corporal, permitindo, movimentos, ações e intervenções diversificadas.

Já para Le Boulch (1982), o relacional e o funcional não são só dois aspectos simplesmente complementares, mas sim uma estreita relação de interdependência que os une de maneira dialética e indissociável.

Ele afirma que a criança, unicamente pela sua bagagem hereditária e pelas suas características próprias de reação, é dependente do meio humano onde a natureza o tem colocado. Afirma ainda que no nascimento, existem potencialidades que, para desenvolver-se, não querer só a manutenção dos processos orgânicos, mas sim principalmente o intercambio com a outra infância, a qualidade desta relação tem uma influência determinante na orientação do temperamento e da personalidade, mas se a qualidade da relação humana incide diretamente no desenvolvimento funcional, a recíproca é verdadeira; a experiência do outro e a possibilidade de estabelecer intercâmbios estão ligadas ao desenvolvimento funcional.

## ELEMENTOS BÁSICOS DA PSICOMOTRICIDADE

A Psicomotricidade dispõe de cinco elementos básicos:

1- O *esquema corporal*: a própria criança percebe-se e percebemos seres e as coisas que a cercam, em função de sua pessoa, sua personalidade se desenvolverá graças a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo, de seu ser, de suas possibilidades de agir e transformar o mundo à sua volta. A criança se sentirá bem à medida que seu corpo lhe obedece e que o conhece, podendo utilizá-lo não só para movimentar-se como também para agir.

2- A *lateralidade*: a criança percebe que os membros não reagem da mesma forma. Durante o crescimento, naturalmente se define uma dominância lateral na criança; será mais forte e mais ágil do lado direito ou do lado esquerdo. A lateralidade corresponde a dados neurológicos, mas também é influenciada por certos hábitos sociais.

3- A *estruturação espacial*: a criança toma consciência da situação de seu próprio corpo em um ambiente, e da situação das coisas entre si. Possibilita a criança de organizar-se perante o mundo que o cerca, de organizar as coisas entre si, de colocá-los em um lugar e de movimentá-las.

4- A *orientação temporal*: a criança situa-se no tempo. Apesar de a noção temporal ser muito abstrata, e muito difícil de ser adquirida pelas crianças, ela convive com esse tempo através de jogos e atividades.

5- A *pré-escrita (desenho e grafismo)*: o domínio dos quatro elementos anteriores é fundamental para o desenvolvimento da escrita. Através dos desenhos e do grafismo a criança passa a usar o papel para expressar-se.

## **Tipos de distúrbios psicomotores**

Qualquer distúrbio psicomotor liga-se a problema que envolve o indivíduo em sua totalidade. Distúrbios psicomotores e distúrbios afetivos estão estreitamente ligados, se influenciam e se reforçam mutuamente, isto é, as dificuldades afetivas se traduzem no comportamento, o que cria novas dificuldades.

A psicomotricidade sempre leva em conta o indivíduo como um todo, pesquisando se o problema está no corpo, na área da inteligência ou na afetividade.

O diagnóstico, não é fácil, pois o ser humano é muito complexo. Daí a necessidade de darmos à psicomotricidade não apenas um enfoque terapêutico, mas também pedagógico, uma vez que toda criança normal necessita de estímulo para crescer e desenvolver seu potencial. Não é necessária a presença de uma grave lesão orgânica para que se instale um distúrbio de psicomotricidade. Ele pode ser originar de uma disfunção cerebral mínima, de um problema físico ou de problema emocional.

Os distúrbios psicomotores podem ser detectados precocemente, antes de um ano de idade. Caso isso não aconteça, à medida que a criança se desenvolve, outros distúrbios se associam à perturbação motora e só mais tarde, quando a criança inicia na escola uma aprendizagem formal, eles ficam mais claramente caracterizados.

É comum a incidência de alunos com distúrbios psicomotores. Embora aparentemente normais, eles são, às vezes, incapazes de aprender a ler e escrever, apresentando também uma série de outros problemas que interferem no processo escolar.

Assim, é extremamente necessário que a criança em sua educação Básica possa contar com profissionais que tenham o mínimo de conhecimento no que diz respeito à psicomotricidade, caso contrário, qualquer variação que venha apresentar não será detectado e não terá os estímulos suficientes para o seu desenvolvimento.

No próximo capítulo será apresentada a importância da prática psicomotora na educação infantil, levando em consideração que na educação também pode haver prevenção.

## **CONCLUSÃO**

A educação psicomotora faz-se necessária tanto para a prevenção e tratamento das dificuldades quanto para a exploração do potencial de cada criança.

O período que a criança passa na escola é de extrema importância na construção de sua

afetividade, socialização, cognição e, conseqüentemente, em seu desenvolvimento integral e harmônico.

Para que a escola possa cumprir esse papel é preciso conhecer as características do desenvolvimento infantil e organizar o ambiente e as atividades de modo a construir conceitos proporcionando à criança caminhos para novas apropriações por meio de experimentação corporal. corpo, na educação, já não é mais um suporte estático de uma mente receptiva, é preciso que o professor conheça seus alunos e possua recursos relacionados ao movimento corporal e proporcione atividades favoráveis em inúmeras situações. Se a prática psicomotora é importante, não faz sentido reduzi-la ao horário do recreio ou da educação física.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso - **Educação Infantil: prioridade imprescindível**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASÍLIA: MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1998, Introdução, volume 1.

COELHO, Maria Teresa; José, Elisabete da Assunção; **Problemas de Aprendizagem**, São Paulo: Ática, 2001.

COSTE, Jean-Claude - **A Psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

FONSECA, Vitor, **Manual de Observação Psicomotora - significação Psiconeurológica dos fatores Psicomotores**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOMES, Maria P. - **O Conceito de Distúrbios Psicomotor**. In oliveira, Vera B.; Bossa Nádia A. (orgs.) **Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LE BOULCH, Jean, **O desenvolvimento psicomotor do nascimento aos 6 anos**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

NEGRINE, Airton, **O corpo na educação infantil**, Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz; Martinez, Marta Rabadán; Peñalver, Iolanda vives - **A Psicomotricidade na Educação Infantil: uma prática preventiva e educativa**, Porto Alegre: Artmed, 2003.

## CONHECENDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Autor(a): **Erení de Matos**

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a questão ambiental, a qual é cada vez mais importante para o futuro da humanidade. O futuro do planeta depende da relação harmoniosa entre o homem e a natureza.

**Palavras-chave:** educação ambiental; ensino infantil; currículo.

### INTRODUÇÃO

Este artigo trata da questão ambiental que emergiu no século XX, no final da década de 60 e começo da década de 70, manifestada através de encontros e conferências, devido a degradação do ambiente, marcado pelos crescimentos econômico e populacional.

A Educação Ambiental - EA, é concebida como uma das formas de enfrentamento e de reversão do quadro da degradação humana e ambiental, compõe um conjunto de iniciativas que buscam consolidar a relação entre sociedade e natureza.

Em 1968 em Roma, de acordo com REIGOTA (1994: 13), foi realizada uma reunião de cientistas dos países desenvolvidos, onde se discutiu o consumo e as reservas de recursos naturais não renováveis e o crescimento da população mundial até meados do século XXI.

As conclusões do “Clube de Roma” deixam transparente a necessidade de se buscar meios para a conservação dos recursos naturais, o controle do crescimento populacional e de se investir numa mudança radical na mentalidade de consumo e procriação.

Um dos méritos dos debates do Clube de Roma foi colocar o problema ambiental em nível planetário, no qual colocou em questão o modelo de desenvolvimento baseado no crescimento como se ele fosse algo

ilimitado.

Em 1972, ocorreu em Estocolmo - Suécia, de 5 a 16 de junho, a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, onde o tema em discussão foi a poluição provocada pelas indústrias.

A Conferência de Estocolmo é considerada um marco histórico-político internacional, gerou a “Declaração sobre o Ambiente Humano”, estabeleceu um “Plano de Ação Mundial”, e desde então, a Educação Ambiental passou a ser considerada como campo de ação pedagógico, adquirindo importância internacional.

Segundo MININNI MEDINA da Conferência de Estocolmo é interessante ressaltar o princípio nº 19 que contempla:

É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais dirigido tanto às gerações jovens como aos adultos, e que preste a devida atenção ao setor da população menos privilegiada, para ampliar as bases de uma opinião bem informada e de uma conduta dos indivíduos, das empresas e da coletividade, inspirada no sentido de sua responsabilidade quanto à proteção e melhoramento do meio em toda sua dimensão humana. (2001:19)

Num trabalho de conscientização é preciso desenvolver um trabalho de compreensão e ação sobre a inter-relação que há entre natureza e ser humano, objetivando o desenvolvimento de uma consciência que a intervenção do homem na natureza se processe de forma equilibrada.

Os representantes dos países em desenvolvimento, durante a conferência acusaram os países desenvolvidos de usarem as políticas ambientais de controle de poluição como forma de prejudicá-los na competição do mercado internacional.

Os problemas ambientais mostram bem que são consequências de um modelo econômico e que a Educação Ambiental tem um papel importante como despertar na pessoa a responsabilidade de desenvolver iniciativas que contemple a melhoria da qualidade de vida, e as condições básicas para a sua sobrevivência.

Segundo GADOTTI (2000:31): “O capitalismo aumentou mais a capacidade de destruição da humanidade do que o seu bem-estar e sua prosperidade”.

Em resposta às recomendações da Conferência de Estocolmo, a Unesco promoveu em Belgrado, Iugoslávia em 1975, o Encontro Internacional de Educação Ambiental.

No encontro, foram formulados os princípios e orientações para os programas mundiais de Educação

Ambiental, conhecida como “A Carta de Belgrado”, que foram definidos seis indicativos da educação ambiental.

São eles de acordo com MININNI MEDINA:

7. Consciência: adquirir maior sensibilidade e consciência do meio ambiente em geral, e dos problemas decorrentes.

8. Conhecimento: adquirir uma compreensão do meio ambiente, em sua totalidade, dos problemas conexos, e da presença e função da humanidade nele, o que justifica uma responsabilidade crítica.

9. Atitudes: adquirir valores sociais, um profundo interesse pelo meio ambiente, e a vontade de participar ativamente em sua proteção e melhoramento.

10. Aptidões: adquirir aptidões necessárias para resolver os problemas ambientais.

11. Capacidade de Avaliação: avaliar as medidas e os programas de Educação Ambiental em função dos fatores ecológicos, políticos, econômicos, sócias, estéticos e educacionais.

12. Participação: desenvolver seu sentimento de responsabilidade e tomar consciência da urgente necessidade de prestar atenção aos problemas do meio ambiente, para assegurar que se adotem medidas adequadas. (2001:24)

A Educação Ambiental é compromissada em estabelecer um processo através do qual o homem possa desenvolver uma consciência dos problemas ambientais, em nível local, nacional e internacional, e conseqüentemente o desenvolvimento do sentido crítico para a sua possível solução e prevenção.

A preservação da vida no planeta é uma preocupação que exige uma sensibilização de todos os seres humanos, para que se motivem a mudar os atuais estilos de vida e as formas de apropriação do ambiente de maneira a se assegurar a continuidade da vida dos seres vivos.

Um prolongamento da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano (Estocolmo-1972), foi o Congresso Mundial de Educação Ambiental, realizado em 1977, em Tbilisi, na Geórgia (ex-URSS).

Segundo DIAS:

A Conferência reuniu especialistas de todo o mundo para apreciar e discutir propostas elaboradas em vários encontros sub-regionais, promovidos em todos os países filiados a ONU e contribuiu para estabelecer a finalidade da Educação Ambiental, definindo seus princípios, objetivos e características, formulando recomendações e estratégias pertinentes aos planos regional, nacional e internacional. (2001:82)

As recomendações da Conferência de Tbilisi formam um verdadeiro plano de ação para a Educação Ambiental no mundo e segundo MININNI MEDINA (2001:28): “A Educação Ambiental deve contribuir para o desenvolvimento de um espírito de responsabilidade e de solidariedade entre os países e as regiões, como fundamento de uma nova ordem internacional que garanta a conservação e a melhora do meio ambiente (Recomendação de Tbilisi nº 1-14)”.

Os esforços das Conferências e Pesquisas Científicas realizadas sobre a questão do meio ambiente, continuam sinalizando para a necessidade da sociedade mundial promover mudanças nas formas de exploração dos recursos naturais, com o objetivo de estabelecer uma nova ética de consumo que se afaste do excesso, substituindo-o pela racionalização na utilização dos recursos naturais, preservando-os, o que só se apresenta viável através da implementação da Educação Ambiental.

A Educação Ambiental, ainda segundo DIAS:

...teria como finalidade promover a compreensão da existência e da importância da interdependência econômica, política, social e ecológica da sociedade; proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir conhecimentos, o sentido dos valores, o interesse ativo e as atitudes necessárias para proteger e melhorar a qualidade ambiental; induzir novas formas de conduta nos indivíduos, nos grupos sociais e na sociedade em seu conjunto, tornando-a apta a agir em busca de alternativas de soluções para os seus problemas ambientais, como forma de elevação da sua qualidade de vida. (2001:83).

Neste sentido, a Educação Ambiental visa suscitar na população humana a responsabilidade e compromisso na preservação de todas as formas de vida do planeta Terra, proporcionando o desenvolvimento de valores que farão crescer o sentimento de responsabilidade social.

Dez anos depois, em 1987, ocorreu em Moscou o *Segundo Congresso de Educação Ambiental*, onde se firmou a necessidade de contemplar o entendimento intergovernamental sobre os problemas ambientais, para conservar e melhorar o ambiente para uma melhor qualidade de vida.

Desta feita, fortaleceram-se as grandes orientações formuladas pela Conferência de Tbilisi e analisaram-se as conquistas e dificuldades encontradas pelos países no desenvolvimento da Educação Ambiental e fundamentou elementos para uma estratégia internacional de ação para a década de 90.

Nesse mesmo período, Gro-Brundtland, a primeira ministra norueguesa, patrocinou em várias cidades do mundo, inclusive em São Paulo, reuniões promovendo discussões sobre os problemas ambientais e as soluções encontradas após a Conferência de Estocolmo.

As conclusões dessas reuniões resultaram no livro *O Nosso Futuro Comum*, também conhecido como *Relatório Brundtland*, e que segundo PHILIPPI:

(..) procurou-se, no decorrer deste, discutir o contexto em que a Educação Ambiental deve ser apreendida, de modo a contribuir para a construção de um novo modelo de desenvolvimento(...) A caracterização dos diferentes elementos que traça o informe Brundland do desenvolvimento sustentável incorpora dimensões sociais, culturais, éticas, econômicas, políticas, ecológicas, tecnológicas e de valores, entre outros. (2002:80)

O desenvolvimento sustentável requer uma busca harmônica nas relações sociais e econômicas, para permitir um mundo melhor para as próximas gerações, o que significa uso sábio e eficiente dos recursos naturais.

DUNKLE acrescenta que:

Fizemos mudanças em nosso mundo para tornar nossas vidas mais confortáveis - para melhorar nosso estilo de vida. A preservação é um modo de lembrar-nos de que se mudarmos nosso mundo irrefletidamente podemos causar sérios danos, talvez para sempre.

Mas se as mudanças forem sadias, seguras e sensatas, podemos até melhorar nosso mundo. (2000: 5)

Reconhece-se, assim, que o desenvolvimento sustentável requer sustentabilidade social e econômica, ou seja, conhecimento profundo da relação entre o local e o global para rupturas de horizontes, de recriar o tempo presente, com vistas a contribuir com o futuro saudável, compartilhar responsabilidades, ressaltando que a vida no Planeta Terra precisa estar acima de qualquer interesse, para isso, é preciso superar as desigualdades sociais, e na concretização desses interesses se dá o processo de Educação Ambiental, que se apresenta como processo transformador de utopias em ações concretas.

De acordo com DIAS (2001:226): *“A chave para o desenvolvimento é a participação, a organização, a educação e o fortalecimento das pessoas. O desenvolvimento sustentado não é centrado na produção, é centrado nas pessoas”*.

Segundo esse raciocínio, é necessário que haja compromissos e responsabilidades individuais e coletivos para a construção de uma sociedade justa, consciente de sua interdependência com a natureza. Encontrar o equilíbrio entre o desenvolvimento e a preservação ambiental é um desafio à humanidade.

Vinte anos depois da Conferência de Estocolmo, a ONU promoveu no Rio de Janeiro a *Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, conhecida por *Rio-92*, que reuniu os principais representantes de 106 países e contou com a participação de um número expressivo da sociedade civil. Esse acontecimento lançou as bases sobre as quais os diversos países do mundo deveriam, a partir daquela data, empreender ações concretas, no sentido da melhoria das condições sociais e ambientais, tanto em nível local quanto planetário.

A Conferência do Rio reafirma a Declaração de Estocolmo, e segundo MININNI MEDINA:

... interessante destacar que na Conferência de Estocolmo as grandes questões ambientais em pauta faziam referência aos “recursos naturais não renováveis”, como o petróleo por exemplo. Passados 20 anos, a Conferência do Rio centralizou sua discussão em torno dos “recursos naturais renováveis”, como por exemplo, a biodiversidade, a preservação de florestas, entre outros. (2001: 37)

A Agenda 21 é um resultado importante da Conferência do Rio, e funda-se no reconhecimento de que ao mundo desenvolvido corresponde uma grande responsabilidade na busca de soluções aos problemas ambientais e segundo Dias (2001:522): “*É um plano de ação para o século XXI, visando à sustentabilidade da vida na Terra*”.

A abordagem do ilustre pesquisador denota que se trata de uma Estratégia de sobrevivência para a humanidade, assim, assumir novos hábitos e realizar um tipo de desenvolvimento que cultive o cuidado com o equilíbrio ecológico, consumir responsabilmente e garantir às futuras gerações herdarem um planeta com seus ecossistemas preservados, são objetivos da Educação Ambiental.

Nesse sentido a humanidade está diante de uma escolha que se lhe impõem: manter os paradigmas econômicos ou aceitar revê-los marcando o advento de uma nova era na relação entre os homens e a natureza.

A *Agenda 21* frui em várias localidades e países, como o instrumento-processo possível e amplo de promoção das transformações necessárias a sustentabilidade, cuja consecução e qualidade dependerá do envolvimento e percepção dos benefícios por parte dos diversos atores sociais.

A proposta da Agenda 21 ultrapassa barreiras raciais, culturais, tecnológicas e políticas, ressaltando a importância de um enfoque e uma ação interdisciplinar na busca do desenvolvimento sustentável.

Decorridos vinte anos das Conferências de Estocolmo e Rio de Janeiro evidencia-se que houve mudança na concepção de meio ambiente, mas, o enfoque recorrente permanece pautado na idéia de

desenvolvimento econômico que ainda norteia e direciona os esforços das Nações, constituindo-se em óbice à implementação do desenvolvimento sustentável.

### 1.1 Ecologia e Educação Ambiental

Educação Ambiental e Ecologia são temas diferentes, contudo, comumente observamos que para alguns, educação ambiental, tem o mesmo sentido que ensino de ecologia, por ignorarem que pela Educação Ambiental, constrói-se não apenas um ambiente ecologicamente equilibrado, mas, particularmente, o homem interage com os demais elementos do ecossistema planetário, através de momentos de construção coletiva, promovendo à socialização dos conhecimentos.

*“A ecologia é uma área da biologia que estuda as relações entre os sistemas vivos, isto é, entre os fatores bióticos e abióticos. É uma ciência que estuda as relações entre os seres vivos e desses com o meio em que vivem”.* (PHILIPPI & PELICIONI, 2002:5)

Ainda segundo PHILIPPI & PELICIONI:

(...) a Educação Ambiental mais do que uma disciplina é uma ideologia bastante clara, que se apóia num ideário, num conjunto de idéias, que conduz à melhoria da qualidade de vida e ao equilíbrio do ecossistema para todos os seres vivos, assim, além de ser efetivo instrumento de gestão, ela deve tornar-se uma filosofia de vida. (2002:3)

Com o avanço da ciência e da tecnologia e os efeitos destas sobre o meio ambiente e, considerando que a ciência e tecnologia no mundo atual estão a serviço de ideologias que se expressam no modelo de desenvolvimento da humanidade, a definição de ecologia levará em conta não só as leis biológicas, mas, também, as leis de desenvolvimento social, relativas ao trabalho e suas relações sociais. O meio ambiente é influenciado, também, pelas estruturas econômicas, sistemas políticos, espaços físicos, comportamentos culturais da população humana.

### A Educação Ambiental para GUIMARÃES:

... é uma educação crítica da realidade vivenciada, formadora da cidadania. É

transformadora de valores e atitudes através da construção de novos hábitos e conhecimentos, criadora de uma nova ética, sensibilizadora e conscientizadora para as relações integradas ser humano/sociedade/natureza objetivando o equilíbrio local e global, como forma de obtenção da melhoria da qualidade de todos os níveis de vida. (1995:28)

Assim, é possível concluir que a Educação Ambiental permeia todos os espaços que educam o cidadão, visando a transformação dos valores que o indivíduo possui perante o pensamento que a natureza é intocada, inacabada.

As ações do presente precisam estar voltadas para as gerações futuras de todas as espécies, ressaltando-se, para tanto, que a ecologia é tão importante quanto as disciplinas de língua portuguesa, geografia, biologia, química etc, todas trazem sua contribuição ao trabalho da Educação Ambiental.

BURNIE nos ensina que:

(...) a palavra ecologia - ou *Oecologie* em sua forma alemã - foi criada em 1866 pelo naturalista Ernst Haeckel. Ele a inventou combinando as palavras gregas *oikos*, que significa casa ou família, e *logos*, que designa qualquer tipo de estudo. Literalmente, ecologia significa o estudo da casa. (2001:6)

Levando em conta essa definição, a ecologia parece não ter muito a ver com o mundo natural. No entanto, o conceito de Haeckel sobre *oikos* estava bastante ligado ao seu interesse pelos seres vivos. Em meados do século XIX, animais e vegetais costumavam ser estudados de forma isolada; pouca atenção era dada à forma como eles se relacionavam com o ambiente à sua volta. O novo ramo biológico fundado por Haeckel propunha algo diferente. Em vez de tratar diferentes espécies como unidades isoladas, a *Oecologie* examina o modo como elas interagem com o ambiente físico ou “familiar” e com outras espécies ao seu redor.

No final do século XIX, tratava-se a natureza como fonte inesgotável, embora já evidenciando a extinção de alguns animais como, por exemplo, búfalos norte-americanos que em oitenta anos seu número baixou expressivamente, de quase dez milhões em 1800, para pouco mais de mil. No início do século XX, fatos como estes provocaram o surgimento de novas atitudes em relação à natureza.

Ainda segundo BURNIE (2001:8), uma dessas atitudes foi que para explorar os recursos naturais, é preciso preservá-los, e a outra atitude é chamada de preservacionismo, onde ocorreu uma mudança mais profunda no modo de pensar a idéia de que a natureza possui um valor próprio simplesmente pelo fato de existir.

Essas visões são partes importantes do ambientalismo atual, mostrando o quanto o homem se sente ameaçado e angustiado com a possibilidade de destruição da vida.

O movimento de defesa do meio ambiente eleva-se a partir dos anos sessenta, com a publicação do best seller “*Silent Spring*” (Primavera Silenciosa).

Escrito em 1962 por Rachel Carson, naturalista norte-americana, o livro alertava para o futuro de um mundo envenenado por pesticidas sintéticos, onde o canto dos pássaros seria apenas uma lembrança.

Era uma vez primavera sem vozes. Pelas manhãs, que outrora haviam vibrado com o coro matinal dos Papos-roxos, dos tordos-dos-remedos, dos pombos, dos gaios, das corruíras, e de vintenas de outras aves canoras, não havia, agora, som algum: só o Silêncio pairava sobre os campos, as matas e os pantanais. (CARSON apud BURNIE, 2001:10 - Primavera Silenciosa)

Comentando a obra, BURNIE (2002:8), afirmou: “*Numa época em que os valores estabelecidos já estavam sob ataque, o livro de Carson causou impacto*”.

Pesquisas científicas realizadas demonstraram que o DDT, um biocida, comprometeu a vida de muitos animais, provocando a morte por envenenamento, pelicanos e falcões, não se reproduziam porque o DDT os impedia de formar casca de ovos normais.

Rachel Carson, através de seu trabalho, mostrou que proteger o meio ambiente significa proteger toda a biosfera, o meio ambiente não pode ser visto como algo compartimentado

## CONCLUSÃO

É preciso ressaltar que o enfrentamento dos problemas ambientais não depende apenas da construção de conhecimentos e do desenvolvimento da visão crítica da coletividade a respeito da situação vigente, para construção de inédita realidade democrática que seja social, econômica e ecologicamente sustentável.

Neste contexto, é preciso inovar nas práticas pedagógicas abandonando antigos paradigmas que impedem os alunos de perceberem o meio ambiente que os rodeia como um todo no qual estão inseridos e que, as ações que praticarem surtirão efeitos a longo prazo por todos os seres vivos.

A Educação Ambiental mostra-se instrumento hábil para mudar a relação do homem com a natureza, capaz de desenvolver valores que propõem novos sentidos à existência humana no planeta, através da mudança

de paradigmas, que permita a implementação do desenvolvimento sustentável, que possibilitará uma globalização solidária, um comércio justo, um consumo responsável, o que garantirá a sobrevivência das gerações futuras, pois é sabido que o mercado econômico atual gera degradações ambientais que são consideradas irreversíveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPÇÃO, Ismael. **Interdisciplinaridade: uma tentativa de compreensão do fenômeno**. In: Fazenda, Ivani Catarina Arantes; coord. **Práticas interdisciplinares na escola**. 8.ed.São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação fundamental; **PCN – Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental:introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental-Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURNIE, David. **Fique por dentro da ecologia**. 2. ed. Tradução de Denise Sales. São Paulo: Cosac of Naify, 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura.**Meio ambiente e ação política**. In: ACSELRAD, Henri (org). **Meio ambiente e democracia**. Rio de Janeiro: Ibase,1992.

DIAS, Genebaldo Freire.**Atividades interdisciplinares de EA: manual do professor**. São Paulo: Global/Gaia,1994.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental:princípios e práticas**.7.ed. – São Paulo: Gaia,2001.

DUNKLE, Margaret; tradução de PAES, José Paulo. **Ecologia: um modo ponderado de explicar às crianças a preservação do meio ambiente**. 3. ed. São Paulo: Global, 2000. (coleção Vida Nova).

FERREIRA, Maria Elisa de M. P.**Ciência e interdisciplinaridade**.In: FAZEND, Ivani Catarina Arantes, coord.**Práticas Interdisciplinares na escolas**.8. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FLORIANI, Dimas.**Marcos conceituais para o desenvolvimento da interdisciplinaridade**. In: PHILIPPI JR, Arlindo; TUCCI, Carlos E. Morelli, HOGAN, Daniel Joseph & NAVEGANTES, Raul, Ed. **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis 2000. (série Brasil cidadão).

GARCIA, Regina Leite.**Educação ambiental: uma questão mal colocada**. **Caderno de educação ambiental**. Campinas: Papirus, 1993. n. 29.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 1995.

LEFF, Enrique. **Complexidade, Interdisciplinaridade e Saber Ambiental**. In: PHILIPPI Jr., Arlindo; TUCCI, Carlos E. Morelli, HOGAN, Daniel Joseph & Navegantes, Raul. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus, 2000.

MEDINA, Naná Mininni. **Os desafios da formação de formadores para a educação ambiental**. In: PHILIPPI JR, Arlindo & PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Núcleo de Informações em Saúde Ambiental: Signus, 2002.

MERNISSI, Fátima. **Sonhos de transgressão; minha vida de menina num harém**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.178.

MÜLLER, Jackson. **Alguns caminhos para efetivação da educação ambiental em unidades regionais: ênfase em bacia hidrográfica**. In: PHILIPPI JR, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi, ed. **Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Núcleo de Informações em Saúde Ambiental: Signus, 2002.

PHILIPPI, Luis Sérgio. **Desafios da aplicação de princípios básicos na implementação de projetos de educação ambiental**. In: PHILIPPI JR, Arlindo & PELICIONI, Maria Cecília Focesi, ed. **Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Núcleo de Informações em Saúde Ambiental: Signus, 2002.

PHILIPPI JR, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Alguns pressupostos da educação ambiental**. In: PHILIPPI JR, Arlindo & PELICIONI, Maria Cecília Focesi, ed. **Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Núcleo de Informações em Saúde Ambiental: Signus, 2002.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SISTER, Gabriel. **Mercado de carbono e protocolo de Quioto: aspectos negociais e tributação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

## DIREITO A EDUCAÇÃO SEGUNDO A CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

Autor(a): **Antonieta Santos Magalhães Lima**

### Resumo

Este artigo aborda a questão do direito a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, previsto na Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988. Considera as diversas questões e dificuldades que envolvem o cumprimento da legislação no âmbito da qualidade, acesso e permanência a esse direito. Busca ainda uma reflexão acerca dessa temática num contexto pandêmico e de crise sanitária instaurada com a doença Covid19.

**Palavras-chave:** direito a educação; pandemia COVID-19;

### INTRODUÇÃO

No Brasil o acesso e direito a educação respectivamente, iniciou-se com a chegada dos jesuítas em 1549, que com o padre Manoel de Nóbrega consolidara as bases educacionais seguida, séculos após, da Constituição Federal de 1934, promulgada em 1988.

No Brasil, o direito a educação é previsto por legislação específica, assim como na Constituição Federal de 1988 conforme prevê o artigo 205, onde declara que *“a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”*.

A partir da CF de 1988, em 20 de Dezembro de 1996, foi publicada a Lei nº 9.394 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pauta emergente e em constante discussão pelos vários campos de estudos, tendo em vista sua imprescindibilidade e importância.

Nossas políticas educacionais englobam a todos com seus direitos e deveres e com as demandas sociais e educacionais apresentadas pela nossa sociedade.

Como é de conhecimento comum, mesmo sendo amparada por toda uma legislação, temos historicamente muitas dificuldades no cumprimento das políticas públicas de educação, provocadas essencialmente por questões de cunho social e governamental.

Agora, pensar nessas mesmas dificuldades num contexto pandêmico que temos vivido, tem evidenciado e revelado questões múltiplas de divergências sociais, culturais e educacionais expondo uma ramificação de necessidades para a garantia adequada de uma educação de qualidade a todos os cidadãos da nação brasileira.

Uma pandemia instaurada pela da Covid 19, infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global, foi descoberta em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. (BRASIL, 2021)

A partir daí passamos a ter que viver em isolamento social, mudando vários hábitos, desde a rotina de trabalho, a circulação nos comércios, ao uso da internet e principalmente a forma de estuda

## A EDUCAÇÃO NO BRASIL

A educação no Brasil nasceu em 1549 no formato de catequização ao povo indígena, trazido pelos jesuítas que chegaram no país. Uma educação pautada no governo de Portugal objetivando a conversão dos índios ao catolicismo.

A proposta desse ensino foi pensada pelo padre José de Anchieta, um dos nomes que representam a educação no Brasil. Utilizava de recursos artísticos remetendo-se ao teatro, a música e a poesia.

O ensino para os portugueses e outros descendentes europeus incluía além do ensino religioso, as letras e somente para os homens, às mulheres restringia-se as aprendizagens domésticas e religiosas, dando início a uma forma de sociedade hierarquizada pelo acesso e permanência ao ensino das letras.

Em 1750 ocorreu a assinatura do Tratado de Madrid entre Portugal e Espanha, e anos depois, com a delimitação dos territórios constituídos pelo tratado, os jesuítas foram expulsos do território implicando numa reformatação do ensino no Brasil, introduzindo matérias mais práticas para o ensino escolar, contudo foram aproximadamente dez anos sem uma proposta de ensino estruturada.

No ano de 1772, com a reforma pombalina o Brasil iniciou os caminhos para o ensino público, com a criação das aulas régias, ministradas por docentes funcionários do Estado. Foram criadas poucas escolas, mas imprescindíveis para o surgimento do ensino público.

A Biblioteca Nacional e o surgimento de escolas de ensino superior para os nobres, surgiram a partir de 1808, com a chegada de milhares de livros em decorrência da presença da família real portuguesa.

O ensino era voltado a profissionalização e preparo para o ingresso no serviço público, com estudos voltados às áreas da medicina, economia, desenho industrial, agricultura e química.

Contudo, a não priorização de investimento na educação desfavorecera significativamente as classes populares do país e por sua vez, tendo uma minoria de acesso viabilizado ao colégio, inclusive oportunidades de formação em instituições de ensino superior portuguesas.

Em 1827 sancionou-se a primeira lei exclusivamente sobre educação, garantindo que em todas as cidades e lugares mais populosos, tenham as escolas de primeiras letras que forem necessárias.

As escolas geridas pelo governo federal destinavam-se aos mais privilegiados, já as mantidas pelo governo estadual, atendiam aos mais desprovidos. Em 1920 o movimento da Escola Nova fortaleceu-se na busca de uma educação inclusiva e com uma proposta moderna de ensino, em que se considerava a prática da vida.

Na década seguinte, o governo propunha à criação de um sistema organizado de ensino, tendo sido uma das primeiras ações a criação do Ministério da Educação e das secretarias estaduais de Educação. Após esse período, a educação passa a constar como *um direito de todos*, e amplia significativamente a quantidade de frequentadores do sistema de ensino, ainda que não em sua integralidade populacional, mas com resultados de acesso mais significativos.

No início da década de 60, foi promulgada a primeira versão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação

(LDB), que desde então tem apresentado complementações e atualizações, a principal delas em 1996, momento em que o ensino fundamental e ensino médio passaram a integrar a educação básica.

No entanto, o acesso à educação ainda é uma luta constante para o efetivo exercício de direito à população, tendo em vista ainda o contexto da carreira do magistério e a estrutura de parte significativa das unidades escolares da rede pública nas suas dificuldades de avanços.

## A PANDEMIA DA COVID 19

A doença de causa desconhecida foi relatada pela primeira vez à OMS ainda em dezembro de 2019 e o surto foi declarado pela mesma organização no mês de janeiro do ano subsequente, porém a nomenclatura foi anunciada em fevereiro Coronavírus ou Covid 19.

Ainda no mês de fevereiro de 2020, tornou-se de conhecimento mundial que a cidade de Whuan da China sofria uma epidemia de uma *pneumonia*, naquele período então nomeada de COVID-19, em que muito rapidamente atingiu os números de dezessete mil infectados e centenas de mortos, com casos confirmados chegando aos demais países.

Nesse cenário, a vida das pessoas de todo o mundo mudou, as vias públicas ficaram vazias, escolas tiveram suas aulas suspensas e passaram a organizar o ensino remoto, muitos comércios foram fechados causando desempregos e mudanças de hábitos para a oferta de produtos e serviços. A crise econômica começou a instaurar e as divergências entre setores governamentais e a saúde pública foram explicitadas. Apresentou-se também mudanças comportamentais, como ações e atitudes solidárias que trouxeram movimentos e valores até então adormecidos e o valor da ciência como perspectiva para soluções e possibilidades vislumbrando sobrepujar a crise sanitária.

Essa condição expôs questões que buscam compreender o que é uma situação de emergência mundial em saúde, quais são os impactos na vida social, que saberes e aspectos da vida humana são intrínsecos, quais são suas implicações para o futuro e suas semelhanças com experiências vividas.

Dessa forma, os tratamentos dessas questões norteiam a elucidação desse trabalho na perspectiva da

saúde em sua questão sanitária num contexto pandêmico e do direito a educação.

## O ENSINO ESCOLAR NA PANDEMIA

O ensino escolar teve seu processo afetado na aprendizagem de crianças e adolescentes, com a percepção de muitas das famílias de anos perdidos para a educação. A dificuldade instaurou-se na maioria das famílias, contado ainda com a falta de equipamentos como computadores e celulares, acesso a internet e aparelhos para os filhos, principalmente quando da realização de aulas síncronas.

O novo formato forçado para o ensino escolar de toda a educação básica se deu com muita dificuldade, escolas sem a infraestrutura e com muitos obstáculos para a efetivação de uma organização.

Contudo, muitas escolas se propuseram a prestar o máximo de apoio possível aos pais e estudantes, propiciando modalidades de reforço entre outros, mas ainda com muita limitação dada a condição de toda a população para a reorganização da vida nesse contexto pandêmico.

Alguns fatores puderam ser explicitados nesse processo de ensino virtual, como por exemplo a ineficácia da integralidade de aulas virtuais, principalmente para a educação infantil e anos iniciais do ciclo de alfabetização, devido a necessidade de concentração e facilidade de dispersão frente as telas para a assimilação dos conteúdos e propostas.

Um fator percebido como favorável, refere-se a possibilidade de maior interação com as pessoas no contexto familiar, visto até como uma possibilidade de maior tempo e presença com os membros da família.

Essa vivência também disparou uma preocupação para minimizar o prejuízo no ensino das crianças, sendo consideradas ações dentre as quais propostas de recuperação das aprendizagens, projetos extracurriculares, revisão de políticas públicas e outros.

## AÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO PANDÊMICO

No contexto pandêmico as secretarias municipais e estaduais de educação propuseram e reinventaram procedimentos e ações que pudessem dar sequencia ao ensino escolar aos estudantes do país. Ainda que considerada as especificidades de cada região, realidades e possibilidades, apresentou-se um cenário de possibilidades e implantações de processos e projetos que viabilizassem a continuidade da formação escolar.

No município de São Paulo/SP a secretaria de educação vislumbrou ações que pudessem minimizar os efeitos da pandemia aos estudantes, dentre elas encaminhamentos que envolviam formas de fornecer alimentação aos matriculados na rede municipal de ensino, visitas domiciliares iniciadas as crianças em condição de vulnerabilidade e/ou saúde, distribuição de equipamentos de proteção de uso individual entre outros.

Contudo, o empenho principal ainda que incontento, foi direcionado a formas de o ensino chegar aos estudantes via remota e/ou disponibilização de material impresso.

Após o período de isolamento social emergencial, as secretarias de educação têm apresentado propostas de recuperação das aprendizagens e continuidade do ensino escolar. Vale ressaltar que as diversas dificuldades pré-existentes a pandemia foram explicitadas e aumentadas no decorrer desse período, o que tem inviabilizado a realização adequada de propostas para o âmbito da educação, uma vez que tais fatores somados, dificultam ainda mais o processo do ensino escolar.

## POSSIBILIDADES E DESAFIOS: EDUCAÇÃO E REFLEXOS DA PANDEMIA

E agora? Tem sido a pergunta que mais temos explicitados. Mesmo que em meio ao trabalho árduo e dedicado para melhor atender aos estudantes e propiciar o atendimento escolar adequado, ainda nos perguntamos, e agora? Os fatores sociais, psicológicos, econômicos e familiares *escancarados* nessa pandemia tem reflexo direto no ambiente escolar.

Com isso, temos vislumbrado quais são as possibilidades para a garantia efetiva de direito, acesso, permanência e usufruto das propostas pedagógicas do ambiente escolar.

Já se tem ações como a rede de proteção, que em muito tem contribuído para atendimentos específicos e/ou direcionados aos estudantes, mas que claramente não atende a toda demanda de acordo com a necessidade e emergência requeridas, isso por fatores diversos, quantidade de unidades de atendimento, números reduzido de profissionais dos diversos setores da rede de proteção, burocratização e delonga excessiva dos processos e outros apontamentos.

De todo modo, o que fica notável no âmbito escolar é a permanência de buscas por possibilidades e viabilização dos trabalhos com vistas a garantir o melhor atendimento escolar aos seus estudantes.

## CONCLUSÃO

Assim, vale refletir sobre todo o histórico da educação no nosso país, que com tantas dificuldades tem se constituído, com vistas a efetividade de direito de acesso e permanência com qualidade à educação.

Essa garantia deve ser exercida em contextos regulares e excepcionais como esse que tivemos, uma pandemia.

É claro que, sabemos em situações *inusitadas* podem ocorrer prejuízos, mas não podemos perder de vista os princípios legais que regem o ensino escolar, tampouco não vislumbrar a melhoria contínua para tantos aspectos que envolvem o tema da educação no Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

BRASIL: Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

\_\_\_\_\_: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº N. 9.394/96

\_\_\_\_\_: [O que é a Covid-19? – Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br), 2021. Acessado em 22/08/2022.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Legislação Educacional Brasileira**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GAZETA DO POVO: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-historia-da-educacao-no-brasil-uma-longa-jornada-rumo-a-universalizacao-84npcihyra8yvs2j8nqnqnd91/>. Acessado em 15/08/2022.

## A ARTE COMO ÁREA DE CONHECIMENTO: OBJETIVOS E CONTEÚDOS

Autor(a): **Jaqueline Rebouças Cachatori Silveira**

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo abordar a importância do ensino através das artes, tendo-a como referencial construtivo do conhecimento e do saber. Fundamenta-se no propósito do ensino da arte como disciplina obrigatória em todas as modalidades da educação básica, proporcionando à criança a oportunidade de deixar fluir suas emoções, mostrando seu grau de maturidade e equilíbrio, conjugados com as intervenções necessárias para se construir um aprendizado significativo.

**Palavras-chave:** ensino básico; artes; metodologia de ensino.

### INTRODUÇÃO

Desde muito cedo a criança se utiliza de diversas linguagens para se comunicar com o mundo. O choro, o riso, as expressões faciais e corporais, todas essas prerrogativas são figuras de comunicação que o indivíduo utiliza para expressar seus sentimentos.

A infância é a fase das fantasias, das descobertas, das magias. É nessa fase, no momento em que ela entra em contato com o universo escolar, que amplia suas habilidades criativas o que possibilita o seu desenvolvimento. Segundo Buoro (2001):

O homem nasce com especificidades culturais, psicológicas e sociais, o que permite fazer ligações com a natureza e com o mundo. A oportunidade de frequentar a escola lhe proporciona os primeiros contatos com a linguagem formal e assim desenvolver suas habilidades criativas, físicas, e psicológicas, ou seja: o desenvolvimento biopsicomotor.

Alguns estudiosos defendem que o aprendizado torna-se mais significativo quanto acontece de maneira lúdica, pois através desse processo a criança aperfeiçoa a percepção, a imaginação, a observação, o

raciocínio, o controle gestual e as capacidades psíquicas que influem na aprendizagem. A proposta de ensinar através das artes em todas as modalidades da educação básica está garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 e veio contribuir ainda mais para uma prática pedagógica construtiva e significativa.

Presumindo que a arte tem uma dimensão formadora, e que vê o ser humano na sua totalidade, pode-se considerar que esta estimula a inteligência e contribui positivamente na formação da personalidade do indivíduo o que torna a aquisição da aprendizagem muito mais prazerosa e consequentemente significativa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) *o trabalho com arte na educação exige profunda atenção no que se refere às peculiaridades e esquemas de conhecimentos*. Isso traduz que os atos de pensar, de imaginar, de perceber, de sentir, de intuir da criança devem ser coordenados de forma integrada, com o objetivo de promover o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas. É no fazer artístico e no contato com objetos de arte que se constrói o conhecimento com criatividade e significância.

Diante do exposto sentiu-se a necessidade de pesquisar esse seguimento disciplinar na tentativa de elucidar a verdadeira junção e a contribuição da arte na Educação. Assim sendo, este trabalho tem como objetivo abordar a importância do ensino através das artes, tendo-a como referencial construtivo do conhecimento e do saber. Fundamenta-se no propósito do ensino da arte como disciplina obrigatória em todas as modalidades da educação básica, proporcionando à criança a oportunidade de deixar fluir suas emoções, mostrando seu grau de maturidade e equilíbrio, conjugados com as intervenções necessárias para se construir um aprendizado significativo.

A relevância do trabalho encontra-se no fato de que o processo de educação passou por uma grande transformação ao longo da história da humanidade culminando em novos paradigmas na concepção do ato de educar. Isso vem justificar a necessidade de uma tomada de consciência sobre a utilização de ferramentas que incentivem a criação em detrimento da memorização mecanizada. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho será através de leitura bibliográfica explorando as diversas contribuições científicas disponíveis sobre a temática, tais como livros, revistas, artigos e outros documentos referentes ao assunto.

A propósito do que determina o artigo 26 § 2º da Lei 9394/96, a partir de 2010, o Ensino da Arte

passa a constituir componente curricular obrigatório em todos os níveis da educação básica:

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (redação dada pela Lei 12.287 de 13/07/2010)

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) o ensino da Arte tem como propósito as *artes visuais, a dança, a música e o teatro para serem aprendidos na escola*. É entendida como disciplina da área de conhecimento e requer constância como todas as demais áreas do currículo escolar. O ensino da Arte nas escolas, portanto deve envolver além de promover atividades que envolvam expressão e estética, o investir em levar conhecimento das diversas culturas artísticas ao longo da história humana.

Através da arte o aluno tem condições de revelar suas ideias bem como estabelecer seu próprio conceito de mundo. Sua importância se firma nas tendências singulares que personificam a formação do gosto, e estimulam o desenvolvimento das múltiplas inteligências, contribuindo para a formação da personalidade da pessoa sem ter, entretanto, como principal objetivo a formação de artistas.

Para Moreira (1997), *o constante papel e a magia da arte estão no fato dela recriar toda experiência da humanidade de modos que o indivíduo alcance a plenitude de sua transformação*. Considerando esta “magia de recriação” a criança pode despertar sua imaginação, introduzindo em suas atividades elementos distante de sua realidade, além de permitir o acesso ao mundo dos sentimentos, promovendo a oportunidade de manifestar suas aptidões muitas vezes amordaçadas pelas imposições de uma educação autoritária e castradora.

Portanto, a necessidade de integrá-la como disciplina no processo educativo, determina que esta ofereça maior possibilidade de desenvolvimento das estruturas mentais, cabendo destacar alguns objetivos dessa integração: o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da capacidade crítica e do encorajamento para a transformação.

As convicções que influenciaram o chamado “*Movimento da Educação através da Arte*”, admitiam a arte infantil como uma exteriorização de sua personalidade. Baseados nesses princípios pode-se entender que a educação que se firma através de mecanismos que estimulam o potencial de criação infantil possibilita a esta desenvolver-se positivamente nos seus aspectos físico e psico e social.

Ao preparar atividades pedagógicas com o propósito de alcançar esses objetivos, o professor pode

adotar vários formatos expressos em diferentes metodologias. Porém, torna-se importante estabelecer posturas que necessariamente respeitem o ritmo da criança, considerando seu ritmo de desenvolvimento, sua origem sociocultural, seus vínculos afetivos, bem como suas ideias, desejos e expectativas. Porém sem lograr a garantia de elementos essenciais que confirmam a esses alunos a ampliação de suas capacidades, tendo em vista que a arte na educação deve ter papel estimulador e desafiante objetivando formar cidadãos autônomos, críticos e reflexivos.

Edith Derdyk, afirma que *a criança, ser global, mescla suas manifestações expressivas: canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto canta, desenha enquanto ouve histórias, representa enquanto fala*. Isso reforça a necessidade da adoção de uma postura pedagógica com políticas humanizadas para afetar positivamente nas suas emoções e sentimentos.

### **A Livre Expressão Artística: Um Recurso de Aprendizagem**

A palavra "Arte" vem do latim "Ars", que significa habilidade. Está presente em todas as criações humanas de ordem estética ou comunicativa. Na arquitetura, engenharia, moda, música, dança, magistério, medicina, enfim, mesmo nos casos em que obras são reproduções de algo já existente, imprime-se ali a marca de seu executor.

Para Jung (apud Oliveira) *a arte é a mais pura expressão que há para a demonstração do inconsciente do ser humano. É a liberdade de expressão, é sensibilidade, criatividade, é vida*. Diante dessas expressões Junguianas pode-se concluir que ao rabiscar, desenhar, pintar, cantar, representar e até mesmo através de suas posturas corporais, a criança manifesta seus sentimentos mais profundos. *Desta forma o adulto que a cerca tem a possibilidade de observar a expressão de seu rosto, o brilho de seus olhos, a movimentação do seu corpo, ou seja, as manifestações de seus sentimentos*. (OLIVEIRA, 1999)

Buoro (2003), diz que *a arte é uma forma do homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele*. Para ele homem interfere, manipula e transforma a natureza com o propósito de atender as necessidades sociais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam a Arte como instrumento que desenvolve as habilidades do indivíduo, ampliando sua capacidade de criar e produzir. Ou seja, a arte é uma representação da experiência estética e emocional de cada um.

Para Moreira (1987) *a arte possibilita a criatividade: Criar é o ato de juntar, de conviver com os conflitos e*

*expressá-los. Substitui as palavras. Combate a resistência. É prazerosa e traz prazer compartilhado.* Considerando essas afirmações, pode-se concluir que o ensino através da arte proporciona aos alunos construir seu aprendizado num contexto prazeroso, onde a energia psíquica consegue transformar-se em imagens e, através dos símbolos expressarem seus conteúdos mais internos e profundos. Portanto, é útil no trato com a imaginação e o inconsciente, pois todos podem ingressar independente do nível de desenvolvimento.

O caráter lúdico está sempre presente na verdadeira criação, e a criação tem implicações diferentes para a criança e para o adulto, uma vez que na criança a fantasia ainda não tem os filtros da censura provocados pelas interferências do *superego*. Assim sendo, as emoções por estarem bem canalizadas provocam bem estar, contribuindo para o desenvolvimento saudável do indivíduo. É considerada a forma de expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. A criança deixa fluir as emoções que estão a ponto de emergir, basta ter oportunidade para isso.

A utilização de recursos artísticos no desempenho da aprendizagem, onde as escolhas e procedimentos dos indivíduos são considerados elementos que retratam o seu mundo interior, possibilitam ao professor verificar o grau de atenção, de concentração, e de autoestima que a criança possui. Inversamente, nas atividades onde se solicita a cópia, a criança vai tentar reproduzir a realidade tal como ela é passando pela insegurança do medo de errar. Já nas atividades livres, elas irão mostrar o grau de maturidade, de liberdade e de confiança que tem em si mesma.

Ao produzir uma obra de arte, como por exemplo, um desenho, a criança está desenvolvendo sua mente para solucionar um desafio que lhe foi impulsionado. Isso faz com que ela aprenda resolver seus conflitos e se torne mais atenta, mais ágil no pensamento e até mesmo mais organizada. Por outro lado desenvolve sua autonomia o que contribui para a formação de um adulto mais seguro e independente. Ao educador, no entanto, não recai a responsabilidade de interpretar e decifrar os enigmas das criações dos seus alunos, mas o compromisso de proporcionar a esses a oportunidade de “extravasar” suas fantasias, eliminar seus medos, suas angústias possibilitando o desenvolvimento de adultos autônomos e autoconfiantes, o que certamente irá contribuir para o seu bom desempenho intelectual.

## A Arte na Educação Infantil

Sob o argumento de que a arte é uma forma de liberação emocional buscou-se conhecer a origem desta necessidade a partir de estudos que investigam o comportamento humano desde a infância.

Até bem pouco tempo as escolas de Educação Infantil, sobretudo as mais tradicionais, tinham como maior objetivo preparar as crianças para o acesso no Ensino Fundamental. Os conteúdos trabalhados visavam o desenvolvimento das habilidades cognitivas de reconhecimento das letras alfabéticas e dos numerais, além da prática de coordenação motora, de hábitos de higiene e “boas maneiras”. Havia ainda outras situações em que essas instituições eram utilizadas para como espaço recreativo com conotação social, onde as mães deixavam seus filhos durante o período em que saíam para o trabalho.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996, a educação infantil foi considerada modalidade de ensino como primeira etapa da educação básica. Em 1998 a equipe do Ministério da Educação e do Desporto edita o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998) que visa orientar nas formas de funcionamento desta modalidade de ensino, bem como no tratamento mais adequado para cada faixa etária. Nele, os eixos considerados mais importantes para estabelecer relações com o conhecimento foram: Matemática, Natureza e Sociedade, Linguagem Oral e Escrita, Artes Visuais, Música e Movimento. Como se observa, o ensino através das artes foi incluído nesse referencial como área de conhecimento e isso reforça sua relevância na evolução da aprendizagem, pois por meio dela a educação vai possibilitar o desenvolvimento do pensamento artístico, ampliando a sensibilidade, a percepção, a imaginação, a estética e a ética.

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos a sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (BRASIL, 1997, p.19)

Essas orientações curriculares para o ensino das artes sugeridas para o âmbito escolar, em muitos casos foi entendida de forma um tanto quanto deformada. Lemas importantes como: "*o que importa é o processo criador da criança e não o produto que ela realiza*" e "*aprender a fazer, fazendo*", foram aplicados nas instituições de forma descompromissada, permitindo à criança realizar atividades de artes sem nenhuma orientação e propósito real, reduzindo o docente à mero espectador.

Isso faz concluir que apesar das legislações existentes e de todos os estudos a cerca da importância do ensino através da Arte, infelizmente esta ainda é trabalhada em algumas instituições de maneira equivocada, onde as atividades envolvendo produções artísticas muitas vezes são desenvolvidas sem nenhum incentivo que possibilite ao aluno colocar em prática sua imaginação e sua fantasia. Isso ocorre quando o professor decide trabalhar alguma atividade artística livremente, mas se limita a distribuir materiais diversos, como folhas de papel em branco, lápis de cor e outros mais disponíveis, sem nenhuma motivação que possibilite uma

criação objetiva. Muitos desses profissionais utilizam essas atividades apenas e tão somente para que seus alunos permaneçam ocupados por alguns períodos durante as aulas.

Existem ainda aqueles que utilizam atividades que se resumiam em exercícios de pinturas e/ou contornos em figuras mimeografadas ou xerocadas, muitas vezes sem nenhum sentido para o aluno, pois são trabalhadas mecanicamente. A partir da Lei 9494/96 os objetivos da educação infantil tomaram novos rumos, novos objetivos e com essa nova mentalidade também se aprimorou as estratégias metodológicas. As ferramentas antes entendidas apenas como momentos de lazer passam a ser entendidas como de fundamental importância para o crescimento da criança.

No momento em que ingressa na Educação Infantil, a criança ainda não possui um amplo conhecimento de mundo, e por consequência uma percepção da realidade um tanto quanto limitada e fragmentada. Porém, apesar dessas limitações há de se considerar sua bagagem de conhecimentos advindas do meio onde vive tais como sua família, sua comunidade. Considerando as novas concepções de ensino defendidas por esta mentalidade política de aprendizagem, conclui-se que as criações artísticas vão contribuir para uma compreensão de mundo mais ajustada, pois o fazer artístico sofre a interferência cultural do meio onde está inserido. Na questão da linguagem, por exemplo, Moreira (1997) assim define as diferentes formas de comunicação da criança:

O desenho é a primeira escrita da criança; é linguagem onde ela pode ou não contar sua história. Através das manifestações de sentimento (enquanto brinca, desenha, canta, dança...) pode-se observar a expressão de seu rosto, o brilho de seus olhos, a movimentação do seu corpo. (MOREIRA, 1997, p. 63)

Entretanto, ainda existem instituições educacionais onde o desenho e as brincadeiras se resumem em atividades desvinculadas do seu verdadeiro sentido, que vai muito além do ato puro e simples de desenhar. Porém, por conta da visão tradicionalista de educação que perdura nos sistemas educacionais o ensino através das artes nem sempre é visto com bons olhos pelos pais dos alunos e até mesmo por alguns educadores mais conservadores. Ainda é muito comum preferirem que seus filhos frequentem escolas que privilegiam atividades que reforçam a leitura, a escrita e a aritmética. Para eles o ato de ensinar requer a introdução de conteúdos específicos para cada disciplina, mesmo que desvinculados entre si. Neste sentido, nas situações em que a arte vem com o designo de atuar como elemento integrante da metodologia pedagógica acredita-se que sua utilização pode ser encarada como um avanço histórico, tendo em vista que

pelas argumentações levantadas durante o decorrer desta pesquisa, pôde-se comprovar interferências positivas no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Quanto ao papel do professor, pode-se considerar que sua atuação como mediador do processo de ensino aprendizagem fica sofisticadamente enriquecida quando agregada aos recursos que a arte em suas variadas categorias oferece como elementos estratégicos de ação.

Conclui-se, portanto que educar através dos recursos da arte torna o processo de aprendizagem uma atividade prazerosa e humanizada, portanto menos castradora e entediante, possibilitando ao aluno o gosto pela participação, construção e entendimento das atividades que lhe garantam formação acadêmica de maneira dinâmica e criadora.

## CONCLUSÃO

Neste sentido, nas situações em que a arte vem com o designo de atuar como elemento integrante da metodologia pedagógica acredita-se que sua utilização pode ser encarada como um avanço histórico, tendo em vista que pelas argumentações levantadas durante o decorrer desta pesquisa, pôde-se comprovar interferências positivas no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Quanto ao papel do professor, pode-se considerar que sua atuação como mediador do processo de ensino aprendizagem fica sofisticadamente enriquecida quando agregada aos recursos que a arte em suas variadas categorias oferece como elementos estratégicos de ação.

Conclui-se, portanto que educar através dos recursos da arte torna o processo de aprendizagem uma atividade prazerosa e humanizada, portanto menos castradora e entediante, possibilitando ao aluno o gosto pela participação, construção e entendimento das atividades que lhe garantam formação acadêmica de maneira dinâmica e criadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae Bastos. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_, Ana Mae Bastos. **Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós- modernismo**. Revista Digital **Art&** - Nº 0, São Paulo: Out/2003. disponível em <http://www.revista.art.br/>
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**, Volume 6. Brasília: MEC/SEF, 1997,
- \_\_\_\_\_, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil**. Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_, **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil**. Volume 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_, Ministério da Educação e Desportos. Secretária da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo**. Volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUORO, Anamelia Bueno. **O Olhar em Construção. Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6ªed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CRAIZY, Carmem; KAECHER, Gládis. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DUARTE JR. João Francisco. **Porque Arte – Educação?** 6ª ed. São Paulo: Papirus, 1991.
- FERRAZ, Maria Heloisa C.T. Cortez & FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte**, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FUSARI, Maria F. de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.
- LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua Arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1997.
- LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. 1ª Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a Educação do Educador**. São Paulo: Loyola, 1998.
- OLIVEIRA, Gisele de Campos. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação num Enfoque Psicopedagógico**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**, 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SANTOS, Clóvis Roberto dos. **Educação Escolar Brasileira: Estrutura Administrativa, Legislação**. 2ª Ed.

São Paulo: Afiliada, 2003.

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos. **História da Arte**. 16ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

SÃO PAULO, Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio. **Ensino da arte no Brasil: Aspectos Históricos e Metodológicos**. São Paulo: SEE, 2011.

VIEIRA, S. L.(org.). **Gestão da Escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.